

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
FACULDADE DE TURISMO E HOTELARIA
CURSO DE TURISMO
DEPARTAMENTO DE TURISMO

RODRIGO CARRARINI DOS SANTOS PEREIRA

**ATIVIDADE TURÍSTICA NAS PRAIAS DE DOIS RIOS E PARNAIOCA, NA ILHA
GRANDE, ANGRA DOS REIS/RJ: AS VISÕES DO MORADOR E DO TURISTA**

NITERÓI
2014

RODRIGO CARRARINI DOS SANTOS PEREIRA

ATIVIDADE TURÍSTICA NAS PRAIAS DE DOIS RIOS E PARNAIOCA, NA ILHA
GRANDE, ANGRA DOS REIS/RJ: AS VISÕES DO MORADOR E DO TURISTA

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao Departamento de Turismo
da Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Aguinaldo César Fratucci

Niterói
2014

ATIVIDADE TURÍSTICA NAS PRAIAS DE DOIS RIOS E PARNAIOCA, NA ILHA
GRANDE, ANGRA DOS REIS/RJ: AS VISÕES DO MORADOR E DO TURISTA

Por

RODRIGO CARRARINI DOS SANTOS PEREIRA

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao Departamento de Turismo
da Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Turismo.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Aguinaldo César Fratucci
Orientador

Profª Drª Helena Catão Henriques Ferreira
Convidada – UFF

Profª Drª Claudia Corrêa de Almeida Moraes
Departamento de Turismo - UFF

Niterói, 25 de Novembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Marlene e Roberto, por me apoiarem durante estes anos de curso e por me darem suporte durante esta caminhada da vida. Sem eles nada disso seria possível.

Sou imensamente grato ao meu orientador, Aguinaldo C. Fratucci, pois somente com seu auxílio este trabalho pôde tomar um caminho possível e ser concluído. Pela oportunidade de ter sido bolsista de extensão pelo GTTAP (Grupo de Trabalho de Turismo em Áreas Protegidas) durante o ano de 2012, projeto este orientado pelo professor Aguinaldo e que, através da atuação acadêmica em áreas protegidas, resultou na escolha deste tema para meu trabalho de Conclusão de Curso. Também sou agradecido à colaboração dada pela professora Helena Catão, que muito conhece sobre a Ilha Grande, e professora Claudia Moraes, que muito me apoiou durante minha caminhada acadêmica.

Aos meus amigos que foram de muita ajuda no processo de construção deste TCC, principalmente à Izadora Oliveira, que me ajudou a revisar algumas partes importantes e me deu apoio moral com seu jeito alegre de ser; à Juliana Carneiro e Gleyce Moreno, que me motivaram à continuar produzindo; e Fernanda Santana e Glaucia Galvão, grandes amigas durante estes quatro anos e meio de curso, e que levarei para a vida.

Sou também imensamente grato ao pessoal do Zendo Rio, em especial ao futuro monge Dokan por me apresentar a simplicidade da Soto Zen, e aos meus *buyus* de prática marcial da Bujinkan Fudo Myô Dojo, principalmente Sensei Miguel Greg e Senpai Douglas que, através do treino pude manter minha mente afiada.

Não poderia esquecer dos meus colegas de curso que me ajudaram na divulgação da pesquisa, aos visitantes de Dois Rios e Parnaíoca, e principalmente aos moradores destas duas praias, que me receberam de braços abertos durante a realização desta pesquisa, singularmente a Dona Janete de Parnaíoca, que foi extremamente hospitaleira e atenciosa durante a minha estada.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao cão de estimação da família, Timmy, por me trazer felicidade diária.

“Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver”

Amyr Klink

RESUMO

Este trabalho busca analisar qual a percepção dos moradores e turistas quanto ao turismo que ocorre nas praias de Dois Rios e Parnaioca na Ilha Grande-RJ, em um contexto de mudanças e transformações, principalmente na forma como a atividade turística se mostra presente na vida da comunidade destas praias. Busca também analisar como o turismo afeta determinadas características, como o *modus vivendi* da comunidade da região estudada, bem como o quanto a atividade turística atende aos anseios da população local e do próprio turista. A metodologia da pesquisa utilizada foi hipotética dedutiva incluindo a aplicação de entrevistas estruturadas com visitantes e moradores, além de entrevistas semiestruturadas com alguns moradores e observação crítica do pesquisador. Os resultados obtidos indicaram que as políticas de gestão pública que regem a atividade, por parte da Unidade de Conservação ali atuante, merecem ser revistas e, levaram o autor a sugerir o ecoturismo como o tipo de turismo ideal para o local. O planejamento das praias como destinos turísticos ainda não está consolidado e muito ainda pode ser feito para aliar o desenvolvimento sustentável da região à atividade turística crescente. Conclui-se que Dois Rios e Parnaioca possuem potencial turístico para serem palco de um turismo sustentável e exemplar, mas somente com a união dos agentes atuantes em seu planejamento.

Palavras chaves: Turismo. Ecoturismo. Desenvolvimento Sustentável. Dois Rios. Parnaioca. Ilha Grande-RJ.

ABSTRACT

This work seeks to analyse what's the perception of the inhabitants and tourists among the tourism that occurs at the beaches of Dois Rios and Parnaíoca in Ilha Grande-RJ, in a context of changes and transformations, mainly on the way how the tourist activity shows itself present in the life of the community of those beaches. It seeks also to analyse how the tourism affects certain characteristics, like the *modus vivendi* of the commune of the studied region, also how much the tourist activity fulfill the needs of the local population and of the tourist himself. The methodology of the research was hypothetical deductive, including the application of structured interviews with visitors and inhabitants, and semi-structured interviews with some inhabitants and observations of the researcher. The obtained results showed that the public administration politics that manage the activity, by the Conservation Unity that there enacts, are worthy of a review, and lead the author to suggest ecotourism as the ideal kind of tourism to the region. The planning of the beaches as tourist destinations is still not consolidated and a lot can still be done to ally the local sustainable development with the increasing tourist activity. It comes to the conclusion that Dois Rios and Parnaíoca have the touristic potential to be a model of sustainable tourism, but only with the union of the operative tourist agents on it's planning.

Key words: Tourism. Ecotourism. Sustainable Development. Dois Rios. Parnaíoca. Ilha Grande-RJ.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Evolução hipotética de uma área turística	16
Figura 2	Grupos envolvidos e seus interesses	27
Figura 3	Mapa de localização da Ilha Grande	29
Figura 4	Mapa de localização de Dois Rios e Parnaiooca	33
Figura 5	Mapa com as unidades de conservação da Ilha Grande	36
Figura 6	Variação de superfície do PEIG	37
Figura 7	Local de coleta de dados com visitantes - Praia de Dois Rios	48
Figura 8	Praia de Parnaiooca, vista da ponta sul	49
Figura 9	Local de residência permanente	50
Figura 10	Nível de escolaridade	51
Figura 11	Estrada para Dois Rios	53
Figura 12	Lixo na estrada Dois Rios	54
Figura 13	Quanto à instalação de camping em Dois Rios assim como em Parnaiooca	55
Figura 14	Seu Júlio de Dois Rios	58
Figura 15	Mercearia em Dois Rios	58
Figura 16	Manejo de trilha após deslize de pedras na estrada Dois Rios	60
Figura 17	Sujeira na orla da praia de Parnaiooca	61
Figura 18	A quantidade de turistas é uma ameaça ao local	62
Figura 19	O turismo ajuda a preservar e valorizar o local	66
Figura 20	Sinalização e colocação de lixeiras feitas pelo morador na Parnaiooca	68
Figura 21	Padaria das ruínas do presídio. No lado esquerdo em 2008 e no direito em 2014	71

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APA	Área de Proteção Ambiental
CEADS	Centro de Estudos ambientais e Desenvolvimento Sustentável
CCT	Capacidade de Carga Turística
IEF	Instituto Estadual de Florestas
PEIG	Parque Estadual da Ilha Grande
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
UC	Unidade de Conservação

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	TURISMO, AMBIENTES NATURAIS E DESTINOS TURÍSTICOS	13
1.1	TURISMO E MEIO AMBIENTE	14
1.1.1	Turismo em espaços naturais	17
1.1.2	Unidades de Conservação	20
1.1.3	Turismo em Unidades de Conservação	21
1.1.4	Ecoturismo e comunidade local	24
2	O TURISMO NA ILHA GRANDE	29
2.1	ILHA GRANDE – UMA BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA	30
2.1.1	As praias de Dois Rios e Parnaioça	33
2.2	UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA ILHA GRANDE: O PARQUE ESTADUAL DA ILHA GRANDE	35
2.3	CONJUNTURA DO TURISMO NA ILHA GRANDE	40
2.3.1	O ecoturismo na Ilha Grande	42
3	ATIVIDADE TURÍSTICA NAS PRAIAS DE DOIS RIOS E PARNAIOÇA.	45
3.1	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	46
3.2	A PERCEPÇÃO DOS VISITANTES SOBRE O TURISMO	49
3.3	A PERCEPÇÃO DO MORADOR LOCAL SOBRE O TURISMO	57
3.4	AS PRAIAS HOJE: UMA VISÃO DO PESQUISADOR	67
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	78
	APÊNDICES	81

INTRODUÇÃO

A Ilha Grande, localizada no município de Angra dos Reis, RJ, é um verdadeiro laboratório para pesquisas sobre o fenômeno turístico. Uma ilha que já passou por diversos ciclos econômicos como pesca, indústrias de enlatamento de sardinhas, agropecuária, cultura do café, dentre outros; também sediou por quase cem anos algum tipo de instalações do sistema carcerário em seu território e hoje, tem no turismo o seu principal vetor de desenvolvimento econômico e social.

Dentre as aproximadas cem praias que existem na Ilha Grande e fazem daquela área um *lócus* para o lazer e desfrute da natureza, este Trabalho de Conclusão de Curso focou-se em duas delas que chamaram a atenção do pesquisador, no âmbito do turismo, que são as praias de Dois Rios e Parnaioca.

Dois Rios e Parnaioca estão localizadas dentro de uma Unidade de Conservação ambiental - Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) – e, devido a isto, devem respeitar regras específicas que visam a sustentabilidade do meio e a preservação ambiental frente ao avanço desenfreado do turismo ou de outras atividades.

Dentro deste contexto de relações entre nativos, turistas e órgãos públicos que definem de que forma a atividade turística pode ocorrer naquelas praias, esta pesquisa buscou apresentar a percepção do visitante e do morador sobre o turismo que ocorre atualmente em Dois Rios e Parnaioca, através da aplicação de questionários online e de entrevistas em campo com moradores e visitantes.

Além da aplicação de entrevistas estruturadas com visitantes e moradores, o pesquisador realizou entrevistas semiestruturadas com alguns moradores e, durante os oito dias de estada nos locais pesquisados, observou de forma crítica a infraestrutura do local, equipamentos e atrativos turísticos e como se dá a relação do morador com o visitante e com a Unidade de Conservação (UC).

O turismo é a atividade que mais movimenta a economia atualmente na Ilha Grande, e com seus nativos trabalhando diretamente com o turismo, as relações sociais se dão em função dele e define as interações entre a comunidade local, órgãos públicos, ONGs e gestão privada. Na conjuntura de Dois Rios e Parnaioca, como a pouca iniciativa privada existente é quase toda realizada pelos próprios moradores, a relação nesse jogo de interesses se dá principalmente entre gestão pública, no caso o Parque Estadual da Ilha Grande, e comunidade local.

Neste contexto busca-se o tipo de turismo que consiga atender às necessidades de todas as partes envolvidas. Neste trabalho foi analisado o ecoturismo como segmento ideal ao cenário das praias de Dois Rios e Parnaioca. Segmento este que visa a sustentabilidade do meio, educação ambiental do turista e do visitante, além de beneficiar de alguma forma a preservação de áreas protegidas.

Dois Rios e Parnaioca passaram por um contexto histórico um tanto agitado, desde a agricultura de produtos diversos, até quase um século de instalações penitenciárias. Seus moradores atuais vivem o reflexo desses tempos passados, principalmente os que viveram durante a época do Instituto Penal Cândido Mendes, presídio localizado na atual vila de Dois Rios, implodido há 20 anos. O morador, após o encerramento das atividades daquele presídio, viu o avanço do turismo em toda a ilha e, mesmo que de forma diferenciada, foi levado a se adaptar a esta nova atividade. Com o tempo, os nativos foram se adaptando aos visitantes, tanto estrangeiros quanto nacionais, e estruturando o turismo que ocorre hoje em Dois Rios e Parnaioca.

As praias foco deste estudo, apesar de muito próximas, têm suas diferenças quanto à atividade turística. Dois Rios, além de fazer parte do Parque Estadual da Ilha Grande, também possui sua área voltada para o fomento de pesquisas científicas incluindo um campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) instalado próximo à vila de Dois Rios. A UERJ emprega alguns moradores da vila, os poucos da Ilha Grande que não trabalham nem indiretamente com o turismo. Devido ao campus ali instalado, é proibida em Dois Rios a instalação de qualquer tipo de meio de hospedagem, com isso os turistas não podem pernoitar na região da praia ou vila. O camping selvagem é estritamente proibido pela UERJ e pelo PEIG.

Já a praia de Parnaioca possui outros fatores que limitam o acesso até ela. A distância do Abraão – principal porto de entrada da Ilha -, as condições das marés, e a falta de energia elétrica ligada à cabo, ajudam a Parnaioca a se tornar uma praia bastante exótica e quase isolada da Ilha Grande. Além disso, o PEIG realiza o controle do número de hóspedes nos pouquíssimos meios de hospedagem existentes ali.

Dentro desse cenário, este trabalho foi elaborado buscando analisar a visão e percepção do turista sobre as praias já visitadas por ele e a visão e percepção dos moradores de Dois Rios e Parnaioca que convivem diretamente ou indiretamente

com a atividade turística dominante na Ilha Grande nos dias de hoje. Através dos dados obtidos e da observação direta do pesquisador, busca-se mostrar a opinião e o entendimento do morador sobre o turismo e como se dá o convívio atual do nativo com os vários turistas que o visitam e definem a atividade econômica vigente no contexto social atual.

Este trabalho está dividido em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O próximo capítulo, intitulado “Turismo, ambientes naturais e destinos turísticos” aborda a revisão de literatura necessária para dar base teórica às pesquisas e análises realizadas, incluindo o referencial teórico que apresente as praias de Dois Rios e Parnaíoca como destinos turísticos dentro da Ilha Grande, além de relacionar o fenômeno do turismo com ambientes naturais e áreas de proteção ambiental. Dentro deste capítulo também é explicitado como se dá a distribuição das unidades de conservação em âmbito legal nacional, e apresentado o ecoturismo como segmento sustentável para áreas verdes e principalmente, para a comunidade local, assuntos que serão abordados durante a aplicação dos questionários e observação crítica do pesquisador.

No capítulo seguinte, intitulado “O turismo na Ilha Grande” o pesquisador apresenta uma breve introdução histórica ao contexto da Ilha para que possa ser compreendido de que forma o turismo passou a ser a principal atividade econômica da Ilha Grande, e como o passado da Ilha e das praias de Dois Rios e Parnaíoca refletem no fenômeno turístico atual. Neste capítulo também são apresentados as diversas unidades de conservação existentes dentro da Ilha Grande, com mais detalhes para o Parque Estadual da Ilha Grande, que abrange as praias foco deste estudo. Após a análise histórica e apresentação das áreas de proteção ambiental que abrangem a região, aborda-se um pouco da conjuntura do turismo atual e de que forma o ecoturismo ocorre na Ilha Grande.

O último capítulo, antes das considerações finais, consiste na apresentação da metodologia de pesquisa utilizada, dos dados obtidos e da análise do pesquisador sobre estes dados e informações obtidas durante a realização da pesquisa. O capítulo visa expor a atividade turística nas praias de Dois Rios e Parnaíoca, através da percepção do morador e do visitante, com o olhar crítico do autor. Ao final do capítulo expõe-se uma análise crítica e estruturada, sob o ponto de vista do pesquisador, sobre o turismo nas praias de Dois Rios e Parnaíoca, e como se dá a relação entre morador, UC e visitante.

1 TURISMO, AMBIENTES NATURAIS E DESTINOS TURÍSTICOS

Entende-se por destino turístico qualquer espaço ou território em que a atividade turística se concretiza e se torna realidade. Nele a organização e interação entre os elementos que compõem o sistema turístico - sejam eles atrativos, equipamentos ou serviços turísticos (meios de hospedagem, restaurantes, agências de viagem, entretenimento local, centros culturais) ou infraestrutura pública e privada de apoio (transportes, segurança, conservação do patrimônio, serviços de telecomunicações) - ganham visibilidade e se tornam um produto pronto para o consumo pelo turista (FRATUCCI, 2000).

O destino turístico, de acordo com Valls (2006, p.15) “deve ser um território que os viajantes tomem como objetivo de visita” e, para que isso aconteça, as funções do destino devem ser levadas em conta pelos gestores, de forma que a qualidade de vida do residente seja atrelada ao desenvolvimento turístico do local para atender à demanda de visitantes:

Os destinos configuram estruturas urbanísticas, sociais, culturais, etc. em forma de rede, a fim de alcançar a melhor qualidade de vida dos consumidores internos, isto é, dos cidadãos do território; [...] e, em geral, a fim de que as pessoas que ali vivem, e as que vêm visitar, obtenham a satisfação buscada (VALLS, 2006, p.17).

Nesse sentido, as funções do destino devem objetivar a qualidade de vida dos moradores e a sua competitividade no mercado nacional e internacional, através do uso do espaço com excelência em funções básicas, habitabilidade, oportunidades de intercâmbio relacional, atividade econômica, desenvolvimento cultural, lazer, esporte, diversão, atração de capitais, captação de eventos e, finalmente, atração de turistas e visitantes (VALLS, 2006). A gestão do destino turístico deve levar em conta que o território ou lugar só será de excelência para o turismo se também o for para o cidadão, o que infelizmente não é observado em muitos casos no Brasil.

Quando colocado de forma simplificada o destino turístico parece ser apenas o lugar em que as interações anteriormente citadas ocorrem e possui capacidade administrativa para tal, mas a profundidade deste fenômeno é muito maior do que se pode imaginar. Variáveis naturais, ambientais, humanas e sociais complexas fazem

do turismo um campo de estudo cada vez mais pesquisado que intriga especialistas e acadêmicos em todo o mundo contemporâneo.

1.1 TURISMO E MEIO AMBIENTE

O fenômeno do turismo é um campo de estudo que ganhou destaque no decorrer do século XX e, atualmente, no século XXI, sua importância para diferentes setores do complexo sistema em que vivemos é praticamente indiscutível, além de interferir em diferentes aspectos sociais do ser humano:

O Turismo é um fenômeno multidimensional, e qualquer intervenção no sentido de analisá-lo ou de incrementá-lo deverá ocorrer de maneira globalizante. Dizendo de outra maneira, o turismo abrange componentes sociais, culturais, políticos, ecológicos, psicológicos, tecnológicos, econômicos, pressupondo um tratamento não parcial (PAIVA, 1995 *apud* FRATUCCI, 2000, p.26).

Apesar da maior importância dada aos resultados econômicos do turismo, os impactos gerados aos outros componentes, como vimos na citação acima, não podem ser negligenciados, pois como se trata de um fenômeno ligado às ciências sociais e humanas, estudar o Turismo através de uma perspectiva apenas econômica é limitar esta análise.

É importante entender que o turista é o principal elemento para que ocorra a turistificação, entendida como a apropriação pela atividade turística de determinado local com potencial para isso. Porém, a abrangência social, cultural e econômica do turismo junto à ação de diferentes agentes sociais é o que faz este campo de estudo tão complexo e de extrema importância para a contemporaneidade. De acordo com Fratucci (2008, p.74) “os agentes sociais do turismo compõem-se de pessoas, grupos sociais, empresas e instituições com poder de gerar um efeito sobre o fenômeno e/ou sobre a atividade turística, ou seja, com capacidade de intervir, modificar ou influenciar o seu curso”. Em resumo, os agentes são os que vivenciam a atividade turística diretamente, influenciando e sendo afetados pela mesma.

Trabalhadores autônomos e de empresas que operam direta ou indiretamente com o turismo, o poder público, os residentes e, obviamente os turistas, são os agentes sociais do turismo. Estes estabelecem entre si uma relação complexa e o

encadeamento de funções e ações entre os agentes é o que determina as características de certo destino.

O turista seria o protagonista do fenômeno turístico. Ele é o agente principal durante todo o processo de turistificação, sendo movido por uma motivação ou estímulo qualquer em seu local habitual, se desloca para algum destino longe de sua residência, buscando alcançar determinadas expectativas e viver novas experiências. O visitante “se desterritorializa temporariamente, afastando-se do seu entorno habitual de vida” (FRATUCCI, 2000) e, involuntariamente impacta de alguma forma o destino o qual irá visitar e seus moradores.

Em alguns casos a comunidade local pode estabelecer uma relação direta com o turista, quando o morador é ao mesmo tempo residente e empregado pelo mercado envolvido no turismo daquela localidade. O morador, neste caso, pode ver no turismo uma possibilidade de ascensão social e desenvolvimento local, estabelecendo uma relação positiva com o turismo. Quando o morador não estabelece qualquer envolvimento com o turismo daquela região ele irá se isolar, não somente do contato com o turista, como de toda a teia de ações que fazem o fenômeno turístico ocorrer, mas dificilmente conseguirá se isolar das consequências e resultados do turismo.

O poder público normatiza o turismo tanto no nível macro (normas de transporte, definição de preços, juros, estabelecer regras gerais influenciando os diferentes agentes, entre outros) e micro (obras de infraestrutura, manutenção de áreas públicas, etc.) no que diz respeito à gestão turística. Fratucci (2000) observa que para diversos autores o papel do Estado é cada vez menos o de investidor e mais o de articulador dos diversos agentes que intervêm no turismo.

Assim como os outros segmentos do turismo contemporâneo, aquele praticado em espaços naturais possui suas especificidades e merece a devida atenção, principalmente com a crescente preocupação com a sustentabilidade de fontes de energia, habitats naturais, animais silvestres, entre outros. Uma área natural ao receber o turismo, somado à fragilidade característica de cada bioma, está sujeita ao ciclo de evolução de uma área turística.

De acordo com a ilustração apresentada na Figura 1, pode-se observar muito bem o ciclo de vida a que estão sujeitos os destinos turísticos. Sem preocupação em aprofundar muito esse tema, apesar do gráfico representar apenas o número de turistas que determinado destino recebe em função do tempo - negligenciando

outros fatores que acompanham esse número, como equipamentos turísticos, saturação da mobilidade, esgotamento dos atrativos, desmatamento, entre outros -, pode-se ter um bom entendimento sobre o assunto.

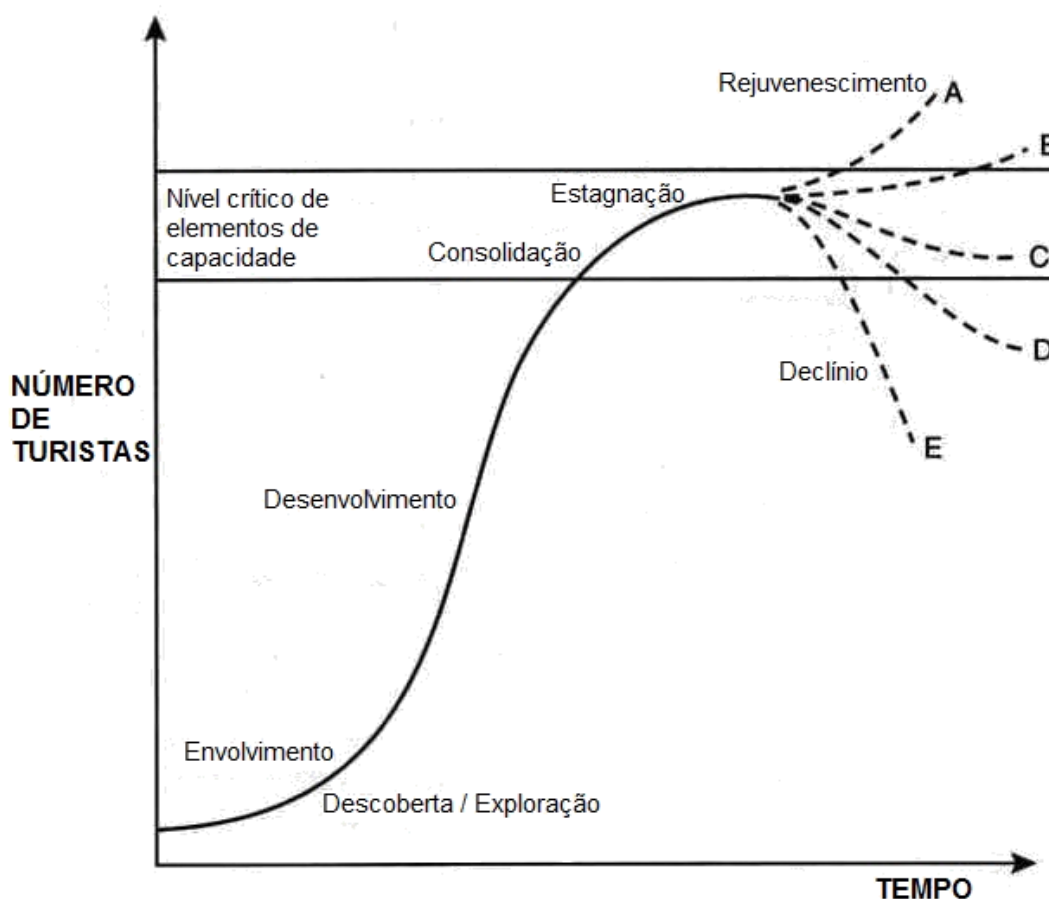


Figura 1 – Evolução hipotética de uma área turística.

Fonte: Adaptado de Butler, 2006, p.03.

Segundo Butler (2006), o ciclo de vida do destino começa com a “descoberta” de uma localidade com algum potencial para o fomento da atividade turística, passando pelo desenvolvimento turístico da região e adentrando no estágio crítico de capacidade e gestão até sofrer um momento de estagnação. Neste momento o destino turístico, já dependendo em grande parte do turismo como fonte econômica, poderá ter seu futuro variando desde o rejuvenescimento do destino: através de uma completa mudança na gestão e nas atrações em que o turismo naquele local é baseado; ou o completo declínio do destino: em que as atividades turísticas realizadas naquela região não serão capazes de competir com novas áreas,

resultando em uma crise de mercado e, na pior das hipóteses, se tornar uma “favela turística” ou perder completamente sua função como destino turístico.

1.1.1 Turismo em espaços naturais

Dada a complexidade do mercado turístico, as segmentações da demanda são trabalhadas por diversos agentes na tentativa de viabilizar uma experiência turística que atenda às expectativas específicas de cada viajante. O objetivo da segmentação é identificar possíveis turistas com motivações, características e desejos semelhantes e proporcioná-los um produto específico que atenda à estas características (ANSARAH; PANOSSO, 2010). Agindo dessa forma, a empresa turística conhece melhor o seu consumidor final e, além de atender às expectativas dessa demanda, proporciona um produto melhorado e específico.

O turismo que ocorre em áreas naturais protegidas também possui sua segmentação, o ecoturismo, que segundo o Ministério do Turismo:

O ecoturismo possui entre seus princípios a conservação ambiental aliada ao envolvimento das comunidades locais, devendo ser desenvolvido sob os princípios da sustentabilidade, com base em referenciais teóricos e práticos, e no suporte legal. O desenvolvimento sustentável é um conceito que visa harmonizar o crescimento econômico com a promoção da igualdade social e preservação do patrimônio natural, garantindo que as necessidades das atuais gerações sejam satisfeitas sem, contudo, comprometer o atendimento às necessidades das gerações futuras (MTUR, 2012).

Ecoturismo, porém, não pode designar qualquer viajante que busque apenas o contato com o verde e ambientes naturais. Rótulos diversos e chamativos, como “turismo natural”, “turismo verde”, “turismo orientado pela natureza”, “turismo inóspito”, “turismo sustentável”, entre outros termos, mesmo sendo bem próximos e relacionados ao conceito de ecoturismo (WEARING; NEIL, 2001), ajudam a criar uma confusão quando se buscam conceitos consistentes sobre o turismo realizado em áreas de proteção ambiental.

Nem toda forma de viagem a espaços naturais e culturais pode ser caracterizado como ecoturismo devido às peculiaridades existentes dentro deste segmento. Nesta definição sobre o termo “turismo ecológico” pode-se entender bem esta diferença:

O turismo ecológico é considerado o segmento no qual os turistas e promotores de viagens procuram o contato direto com os mais diferentes ambientes naturais, entretanto sem a preocupação com o equilíbrio ecológico, ou mesmo com a compreensão dos fluxos e dinâmica que são estabelecidos no ambiente (SELVA; COUTINHO, 2000 *apud* ZACCHI, 2004, p.12)

Assim, o turista que deseja o contato com ambientes naturais, o turista ecológico, não precisa necessariamente demonstrar preocupação com a proteção ou manutenção deste ambiente. Por mais que o desejo e o prazer pela visita em áreas verdes possa eventualmente gerar um sentimento de responsabilidade pela manutenção, ou um interesse educacional sobre o ecossistema de determinado ambiente natural ou cultural, o ecoturismo é muito mais profundo que apenas proporcionar estas reflexões, ele tem que ir além.

Butler explica de forma bem precisa a definição de ecoturismo neste trecho:

Se o ecoturismo prejudica o recurso natural, então não é ecoturismo, [...] se o meio ambiente não tiver alcançado ao menos um benefício líquido no que se refere à sua sustentabilidade e integridade ecológica, então a atividade não é ecoturismo (BUTLER, 1992 *apud* WEARING; NEIL, 2001, p.12)

O ecoturismo se resume ao convívio entre homem e meio ambiente de forma sustentável e não é somente atrelado ao conceito de preservação de áreas naturais, mas também envolve as comunidades locais e manifestações culturais da região em que esse Turismo ocorre, sempre respeitando a fragilidade física, cultural e social particular a determinado destino. Esse segmento do turismo objetiva promover a reflexão e integração entre o ser humano e a natureza, tendo seu planejamento e orientação voltados para instrução, educação e envolvimento do turista em questões relacionadas à preservação e conservação de recursos do patrimônio cultural e natural de determinada região; além de promover o benefício das comunidades receptoras destes locais, quando existentes, de forma que as tornem participantes e protagonistas do processo de desenvolvimento da região (MTUR, 2012).

O turismo realizado em áreas verdes, somado aos princípios de proporcionar a instrução do visitante sobre aquele ecossistema, e objetivar a preservação do meio natural e cultural, formam a base da definição de ecoturismo que é adotada neste trabalho.

O conhecimento das preferências e desejos do visitante de determinado segmento é de extrema importância para se obter um planejamento adequado com as ideias de sustentabilidade já citadas. O perfil do ecoturista já foi objeto de estudos no Brasil, inclusive pelo próprio Ministério do Turismo que realizou a pesquisa do Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturismo no Brasil (MTUR, 2009), entrevistando apenas turistas que adquiriram serviços comercialmente oferecidos, deixando turistas autônomos e mais independentes de agentes comerciais de fora do universo da pesquisa; o que não deixa de ser uma importante fonte de informação sobre o perfil do ecoturista no Brasil. O próprio Ministério do Turismo em 2008 (*apud* MTUR, 2010, p.13) define o Ecoturista como o visitante que utiliza “de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações.” Os ecoturistas também apresentam pontos em comum com relação ao envolvimento com a natureza, como a admiração, observação, vislumbre de algo intocável e até mesmo uma espécie de templo natural. As razões de viajar envolvem pontos como a fuga do dia-a-dia, do estresse do trabalho e da vida urbana, entre outros.

Imagine-se um grupo de turistas que resolvem ir à uma praia paradisíaca, localizada dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA), com vegetação de mata atlântica e uma pequena comunidade de moradores. Se estes turistas tiverem como uma das finalidades – além da recreação, lazer, banho de mar, contato com a natureza, entre outras motivações – o contato com a comunidade local, adquirir conhecimento sobre sua história e situação atual, informarem-se sobre a fauna e flora daquele ecossistema, percepção sobre os impactos e degradações naquele ambiente, então estes visitantes podem ser considerados ecoturistas.

Através destas definições pode-se atingir o objetivo deste estudo, que visa entender a percepção do visitante de uma Unidade de Conservação (UC) e sua interação e reflexão sobre a sustentabilidade do patrimônio material e imaterial nas praias de Dois Rios e Parnaíoca na Ilha Grande. Além disso, busca-se também analisar a percepção do morador sobre o fenômeno turístico que é capaz de promover trocas culturais, comerciais, conhecimento, histórias, alegrias, tristezas e infinitos outros sentimentos que só a interação entre povos de diferentes hábitos e características podem oferecer.

1.1.2 Unidades de Conservação

Uma Unidade de Conservação (UC) é um modelo de ordenamento territorial do poder público baseado no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e visa possibilitar vários usos do solo e dos recursos naturais, inclusive pelo turismo, de forma sustentável e focando na conservação ambiental.

O SNUC foi institucionalizado no Brasil pela Lei 9.985/00, que visa normatizar as unidades de conservação distribuídas pelo país, buscando a melhor forma de administrar e planejar as mesmas. Ele é gerenciado pelas esferas federal, estadual e municipal, abrangendo doze categorias de manejo. Cada categoria se diferencia quanto às peculiaridades, formas de uso e proteção. Estas doze categorias estão organizadas em dois grupos: unidades de proteção integral e unidades de uso sustentável.

As Unidades de Conservação se dividem em dois grandes grupos, que refletem a dualidade do sistema: proteção integral e uso sustentável. Enquanto as áreas de proteção integral permitem pouco ou nenhum uso econômico e turístico, nas áreas de uso sustentável são mantidas comunidades tradicionais e até exploração por empresas, desde que de forma ecologicamente sustentável (PIMENTA; CEZAR, 2009, p.184).

Uma UC é criada com o intuito de proteção do ecossistema, recursos naturais, habitats e até de comunidades de determinada área do território nacional e águas jurisdicionais. A visitação em UC é muito importante para aproximar e educar a sociedade quanto aos assuntos relacionados à preservação da natureza, além de possibilitar o desfrute da beleza cênica e oportunidades de recreação a partir de um turismo responsável e consciente, integrado aos objetivos da UC de manutenção da diversidade cultural e conservação da biodiversidade (BRASIL, 2006).

A categoria de interesse neste trabalho é a de parques, cuja área é destinada à proteção integral dos ecossistemas naturais, ao mesmo tempo em que são realizadas atividades de lazer, educação ambiental e pesquisas científicas, tornando esta categoria de extrema relevância para o ecoturismo. Os parques federais, estaduais ou municipais fazem parte do grupo de unidades de proteção integral, que em geral, possuem um ecossistema mais fragilizado e suscetíveis à mudanças antrópicas.

Os parques existentes por todo o território do país formam uma das categorias mais representativas e importantes no SNUC. São os mais conhecidos devido à importância para o turismo, lazer, recreação, pesquisas acadêmicas e educação ambiental. São as unidades de conservação que mais propiciam a troca de experiências e interação entre visitante e natureza (BRASIL, 2011).

Como ferramenta chave na gestão e auxílio nas tomadas de decisões dentro de qualquer UC, adota-se o plano de manejo. Documento imprescindível para qualquer área de proteção ambiental. De acordo com Moreira (2011), trata-se de um documento técnico que fundamenta os objetivos gerais da UC, estabelecendo seu zoneamento, normas de uso (incluindo o uso público), manejo dos recursos naturais, além de promover sua integração à vida social e econômica das comunidades vizinhas.

O plano de manejo, portanto, se torna uma ferramenta chave na gestão do turismo em parques ambientais, ditando as regras de uso da área e abrindo as portas para o contato do público com a natureza. Se bem administrado pode servir como meio muito eficiente de educar e informar a população quanto à importância da conservação da biodiversidade e do patrimônio cultural e natural.

A Ilha Grande, localizada na Baía de Angra dos Reis, tem todo o seu território distribuído entre diversas categorias de conservação dentro do SNUC devido à sua particularidade histórica, cultural e ambiental. As praias de Dois Rios e Parnaíoca, objetos do presente trabalho de pesquisa, estão incluídas no território do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) como será visto mais adiante.

1.1.3 Turismo em Unidades de Conservação

Alguns teóricos acreditam que a presença humana em qualquer UC é uma ameaça à biodiversidade e aceitar a visitação do público a estas áreas seria paradoxal ao conceito de preservação do ecossistema.

Algumas linhas preservacionistas acreditam que a presença humana em UC é uma ameaça à proteção da biodiversidade em razão dos impactos que esta presença causa em trilhas, lixo, barulho, entre outros. Essa linha entende que a natureza tem um valor intrínseco e, portanto, a interferência humana deve ser a mínima possível. Alguns parques foram criados com base nesses argumentos, objetivando

impedir acesso e o estabelecimento de atividades impactantes em qualquer grau naquela área [...] (PIMENTA; CEZAR, 2009, p.185).

A criação de um parque pode, também, servir como mecanismo regulador do avanço de algum empreendimento que possa vir a causar grandes danos à biodiversidade. Neste caso o ecoturismo surge como uma oportunidade e alternativa social e econômica para a população local que deixou de obter “ganhos” com o empreendimento barrado pelo poder público.

Neste contexto, a visitação em parques revela-se como uma estratégia que pode contribuir de forma relevante para a conservação da natureza, não se limitando apenas à área protegida em si, mas também influenciando pessoas – tanto visitantes ou comunidade local - e sensibilizando-as para a importância da preservação do meio ambiente, estimulando atitudes que auxiliem na preservação da fauna e flora, mostrando a importância do parque para o desenvolvimento local (ZIMMERMAN, 2006 *apud* PIMENTA; CEZAR, 2009).

O turismo, quando comparado com outras atividades econômicas como agricultura, extrativismo e agropecuária causa um impacto relativamente menor. O próprio fato de o turismo necessitar da preservação do ecossistema de determinada área ambiental, com relativa beleza cênica, já demonstra o quanto o fenômeno turístico em UC anseia pela sustentabilidade para o seu próprio sustento.

O turismo é cada vez mais usado para proporcionar um fundamento econômico lógico para preservação das áreas naturais, em vez de desenvolvê-las para usos alternativos, como agriculturas ou exploração de madeiras. Nas análises atuais das áreas de proteção, é esse elemento que se tornou fundamental, levando o debate para a questão de manutenção da área em seu estado natural, em oposição à exploração de seus recursos (WEARING; NEIL, 2001, p.70).

As UCs devem se organizar de forma que a visitação leve a maior satisfação possível ao turista, ao mesmo tempo em que o dano causado ao meio ambiente seja o menor possível. Tarefa muito complexa, ainda mais quando os recursos políticos e financeiros disponíveis são mínimos.

Por outro lado, como afirmam Oliveira e Irving (2010, p.880), “o crescimento desordenado do turismo nestas áreas tende a provocar significativas alterações qualitativas e quantitativas no meio natural, e comprometer assim, o equilíbrio

ecológico do lugar”. O turismo, neste caso, passa a ser um problema para a gestão da UC quando a atividade ocorre de forma desordenada, sem planejamento e sem normas legais que limitem o uso público daquela área.

Neste caso, o crescimento desordenado do uso recreativo e turístico causa impactos ambientais e sociais negativos ao meio. A resolução CONAMA, de 1986, define impacto ambiental como:

[...] qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas no meio ambiente, causadas por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: a) à saúde, segurança e o bem estar social; b) as atividades sociais e econômicas; c) à biota; d) às condições estéticas e sanitárias do meio ambiente; e e) à qualidade dos recursos ambientais (ANTUNES, 1990 *apud* ZACCHI, 2004, p.2).

Áreas de proteção ambiental, então, assim como qualquer outra região que passou por um determinado processo de turistificação, estão sujeitas ao inevitável ciclo de vida dos destinos turísticos como já mostrado. Neste aspecto estudos diversos buscando ferramentas de gestão mais sustentável possível, como “Capacidade de carga”, “Manejo do impacto visitante”, “Espectro de oportunidade de recreação”, “Limite aceitável de câmbio”, “Processo de administração do impacto do visitante”, “Modelo administrativo para a otimização do turismo”, entre outros, são usados como tentativa de alcançar a proteção ideal de uma área natural sem impedir a visitação por parte do público, e auxiliar nas tomadas de decisão da UC (WEARING; NEIL, 2001).

Dentre todos os modelos apresentados, alcançar a capacidade de carga ideal de uma localidade turística seria a finalidade e razão deles serem criados. De acordo com Wearing e Neil (2001) a capacidade de carga é fundamental para a proteção ambiental e desenvolvimento sustentável. É um conceito que busca o uso público máximo de qualquer localidade que não cause impactos negativos ao patrimônio cultural e natural, sem reduzir a satisfação do visitante e sem impactar a comunidade local, a cultura e a economia da área. Os limites quantitativos da capacidade de carga podem ser difíceis de mensurar, mas não deveriam estar ausentes do planejamento ambiental de qualquer UC.

Como podemos observar em Cooper *et al.* (2001, *apud* MATHEUS, 2003, p.18) “a ideia da capacidade de carga é central ao conceito de sustentabilidade [...]

a capacidade de um local, resort ou mesmo uma região, de absorver o uso pelo turismo sem deteriorar-se”. E também, outros autores como Getz, ressaltam a importância do estudo de capacidade de carga Turística (CCT) para a vida útil do ambiente enquanto destino turístico:

O interesse em seu estudo cresceu a partir do momento em que se observou o aumento do impacto ambiental causado pelo turismo e da aceitação de que as destinações turísticas possuem um ciclo de vida envolvendo incremento e declínio (GETZ, 1983 *apud* ARAUJO, 2006, p.8).

O entendimento dos ciclos e processos a que está sujeito qualquer que seja o destino turístico e as formas de evitar o seu declínio é de extrema importância para qualquer gestor. O planejamento deve ser realizado antes do “boom” turístico em determinada região com potencial para tal, caso contrário pode ser tarde demais para reverter as consequências de uma administração ausente.

1.1.4 Ecoturismo e comunidade local

A prática do ecoturismo, como já foi visto, deve ser não só sustentável e benéfica para o meio natural, mas também para o meio social envolvendo as comunidades locais. Muitas unidades de conservação no Brasil possuem em seu território comunidades de moradores, de diversos tamanhos, os quais ali já viviam por períodos bem anteriores à criação da UC.

Com isso em mente o Ministério do Meio Ambiente, nas Diretrizes para Visitação em Unidades de Conservação (2006), visando integrar as comunidades no processo de gestão da visitação das unidades, dita as diretrizes para participação das comunidades locais e populações tradicionais na gestão da visitação em UC:

[...]3.1 Promover iniciativas que encorajem o entendimento mútuo, o respeito e a sensibilidade cultural entre a comunidade local, os visitantes e os gestores. 3.2 Estimular a manutenção das tradições e práticas culturais que estejam em harmonia com os objetivos de manejo da UC. 3.3 Promover a pactuação dos interesses e demandas da população local e comunidades tradicionais procurando estabelecer a co-responsabilidade e ações conjuntas, de acordo com os objetivos específicos das UC. 3.4 Desenvolver campanhas de informação, sensibilização e educação ambiental que

possam aproximar a população local da UC e despertar sentimentos de respeito e responsabilidade frente à área. 3.5 Apoiar a capacitação das comunidades locais e populações tradicionais a fim de promover a sua participação no planejamento e gestão da visitação (BRASIL, 2006, p.19).

O ecoturismo surge como um novo segmento capaz de gerar renda e benefícios econômicos sem a destruição ambiental ou cultural de determinada localidade. Antes do turismo o avanço de indústrias extrativistas que tem o desmatamento de grandes áreas como fator primordial para o seu funcionamento, outras indústrias menores e outras atividades, além de entrarem em conflitos frequentes com comunidades locais, se mostravam como a única oportunidade de desenvolvimento econômico destas áreas.

As políticas e definições de ecoturismo, porém, promovem primeiro o entendimento e apreciação sobre a fauna, flora, geomorfologia e ecossistemas de uma área, e somente em segundo plano, ou de forma menos prioritária, demonstram preocupação com a manutenção da cultura comunitária local e seu relacionamento com o ambiente. Dessa maneira, infere-se a ideia de que a sustentabilidade puramente da região natural e intocada pelo homem deve ser sobreposta aos anseios da comunidade nativa (WEARING; NEIL, 2001).

Aliado a isso, os ecoturistas se mostram sensíveis ao desmatamento, diminuição da vegetação e da vida selvagem, erosão, poluição da água e ar. A degradação do ambiente natural reduz a demanda de ecoturistas, pois os atributos mais procurados por eles se tornam menos atrativos e menos “naturais”, reduzindo bruscamente uma experiência autêntica para este tipo de turista (WEARING; NEIL, 2001).

Esta forma de pensar se reflete na gestão das Unidades de Conservação, e a política de aliança com a comunidade local para um turismo sustentável se torna distante e ilusória. Um caso ocorrido na própria Ilha Grande, presenciado pelas autoras Prado e Catão (2010), demonstra bem este conflito entre ambientalistas e comunidade. Na citação à seguir é reproduzido parte de um diálogo entre um técnico do antigo Instituto Estadual de Florestas (IEF) - que mais tarde tornou-se o Instituto Estadual do Ambiente (INEA) - e uma moradora da Ilha, quanto à retirada ou não de espécies não nativas da região:

[...] quando ele [o técnico do IEF] olhou os muitos bambuzais que se espalham por ali na orla e disse: “Nós vamos retirar os bambus da Ilha Grande”. “Não acredito! É verdade? Não é verdade! Bambu aqui é tudo pra nós. Não é possível”, respondeu a moradora. “É sim. É um projeto de eliminação de espécies invasoras; tem até um financiamento pra ser executado”. “Isso é um absurdo... É brincadeira!” (PRADO; CATÃO, 2010, p.84).

Em 2007 foi desenvolvida em uma vila da Ilha uma primeira ação deste projeto. Para a realização do procedimento de retirada dos bambus a população local não foi consultada e a ação nem sequer informada de antemão aos moradores (PRADO; CATÃO, 2010). Decisões como esta mostram o desinteresse dos gestores de certas Unidades de Conservação no Brasil em manter um diálogo positivo e um bom relacionamento com moradores, que muitas vezes, vivem ali há muitos anos anteriores à criação da UC, além de mostrar o despreparo de seus funcionários para lidar com a comunidade local. O morador ainda é visto pelo poder público como um problema a ser vencido, e não um aliado na preservação da natureza e na criação de um turismo sustentável.

Segundo Wearing e Neil (2001), as áreas de proteção ambiental envolvem grupos com interesses diferentes e conflitantes (Figura 2). Cabe à gestão, aliado à comunidade local, indústria do turismo e ambientalistas saber administrar esses interesses de forma positiva para as futuras decisões.

Como podem ser analisados na figura 2, os interesses em comum devem ser os principais e mais importantes a serem analisados, principalmente para reduzir os conflitos e mal-estar existente entre os grupos.

Os interesses em comum, de acordo com Wearing e Neil (2001) podem ser desde questões relativas ao acesso e hospedagem de visitantes – quando, onde e como os turistas devem realizar as visitas, ou o quanto o turista pode se relacionar até causar impactos negativos à cultura, patrimônio e infraestrutura do ambiente e comunidade – até questões relativas ao uso da terra, pois é de extrema importância (ou, pelo menos, deveria ser) para todas as partes a preservação das áreas verdes, pois, como já visto anteriormente, o ecoturismo depende diretamente desta manutenção do ecossistema para seu autoconsumo.

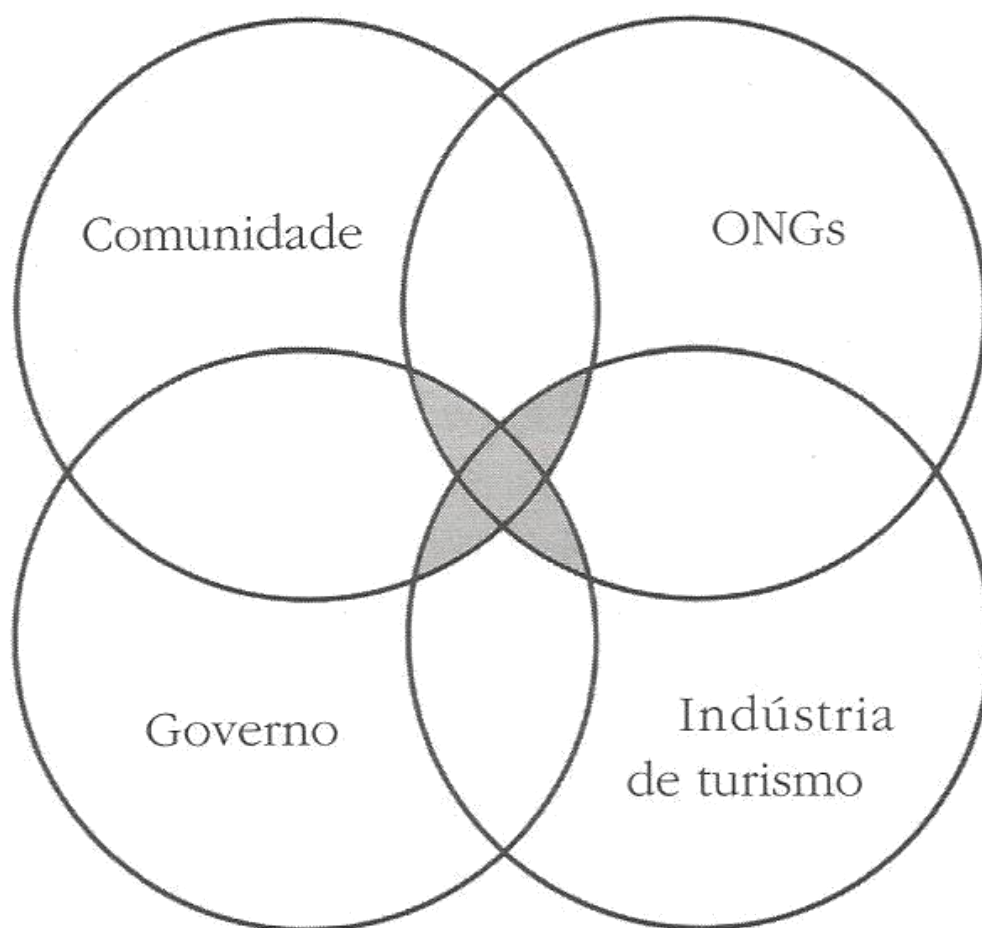


Figura 2 – Grupos envolvidos e seus interesses.

Fonte: Wearing; Neil, 2001, p.121.

As comunidades locais devem ser pesquisadas e se envolver em todo o processo de planejamento, inclusive no plano de manejo da UC. Os benefícios com o ecoturismo são inúmeros quando planejado e desenvolvido de forma realmente sustentável, variando desde o crescimento econômico até os ideais de conservação. Infelizmente não é isso que ocorre em diversos parques brasileiros, e casos como o demonstrado acima, na Ilha Grande, são numerosos. Conforme afirmam Wearing e Neil (2001), a falta de oportunidade e de proximidade da comunidade com os processos de tomada de decisões quanto ao planejamento do turismo pela UC, a falta de benefícios financeiros e sociais que fluam diretamente para a comunidade, a ausência de ferramentas e pesquisas que meçam o impacto social e natural do turismo, a velocidade e o descontrole de expansão do turismo, são alguns problemas principais existentes entre o morador e o fenômeno do turismo em áreas protegidas. Mesmo o ecoturismo sendo entendido com uma “indústria” sustentável

para unidades de conservação, muito ainda tem que ser trabalhado no que tange a relação entre órgão público, planejamento e comunidade local.

No capítulo seguinte aborda-se um pouco do contexto histórico da Ilha Grande e das praias de Dois Rios e Parnaíoca, a conjuntura do turismo na Ilha e como é visto o ecoturismo como segmento sustentável, além de apresentar as UCs atuantes no local.

2 O TURISMO NA ILHA GRANDE

A Ilha Grande, ilha na qual as praias de importância neste estudo estão situadas, está localizada nas coordenadas 23°8'26" Sul e 44°14'50" Oeste, no Estado do Rio de Janeiro, na baía de Ilha grande, e pertence ao município de Angra dos Reis como 3º distrito (Figura 3). Sua sede é na Vila do Abraão e possui cerca de 7.000 habitantes. Sua área total é de 193 km², a vegetação predominante é a Mata Atlântica e o seu pico mais alto é o da Pedra D'água com 1.031 metros de altitude. Com 113 praias, sete enseadas e 34 pontas, a Ilha Grande e suas belezas naturais a transformam em um ótimo local para o Turismo (ILHA GRANDE, 2014).

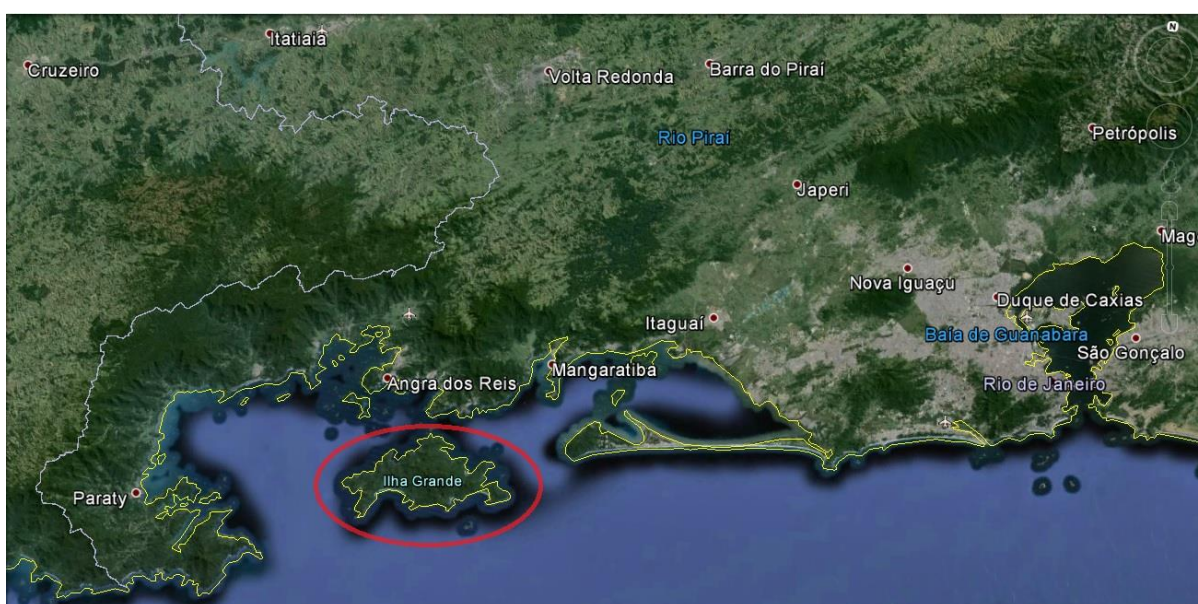


Figura 3 - Mapa de localização da Ilha Grande.

Fonte: Adaptado de Google Maps

As praias de Dois Rios e Parnaioca, focos deste estudo, localizadas na Ilha Grande, município de Angra dos Reis, estado do Rio de Janeiro, também possuem suas complexidades e particularidades como qualquer destino. O estado do Rio de Janeiro, segundo Frattucci (2000, p.45) “possui no seu território uma rede de lugares turísticos, de diversos níveis, [...]. Alguns desses lugares se inserem em várias escalas de consumo, produzindo lugares diferenciados no mesmo território”.

Dois Rios e Parnaioca também possuem aspectos diferenciais e singulares que podem levá-los a serem considerados destinos turísticos, ainda que tenham algumas limitações, como será visto mais adiante.

2.1 ILHA GRANDE – UMA BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA

O povoamento da Ilha tem seu início há cerca de três mil anos quando um grupo de pescadores, caçadores e coletores se apossaram de um pequeno morro, hoje localizado na Reserva Biológica Estadual Praia do Sul, chamado de Ilhote do Leste (TENÓRIO, 2006). A história registrada da Ilha Grande começa em 1502 com o seu descobrimento pelos portugueses. Chamada pelos Tamoios de “Ipaum Guaçu” que significa nada mais que Ilha Grande na língua Tupi. Entretanto, a ordem para posse e sua administração foi designada apenas em 1559, pela Coroa Portuguesa.

O solo da Ilha experimentou diferentes usos e esteve sujeito a diferentes processos no decorrer dos séculos, principalmente nos períodos agrícolas do Brasil. A Ilha Grande já serviu economicamente para o cultivo da cana de açúcar, tráfico negreiro, plantio de café entre outros produtos até 1890, além da roça de autoconsumo e período de caça-coleta pelos seus primeiros habitantes. Ao longo do século XIX diversas fazendas foram estabelecidas na ilha, inclusive nas praias de Dois Rios e Parnaioca, com a cana de açúcar, usando mão de obra escrava, o produto com maior destaque.

Durante os séculos passados, o território da Ilha Grande esteve sujeito a um processo irregular de ocupação e uso do solo, com muitas flutuações no decorrer do tempo. A ilha enfrentou uma série de ciclos históricos de altos e baixos, desde a caça-coleta indígena até o cultivo de coivara e, durante a época colonial, uma economia de plantio intensiva (WUNDER, 2006, p.105).

A Ilha Grande entrou em um período de decadência econômica após o fim da escravidão, tendo sido seu uso alterado completamente no início e ao longo do século XX. Em 1886 foi construído o Lazareto, próximo a atual vila do Abraão para servir como local para a quarentena de marinheiros e passageiros que chegavam ao Brasil com suspeitas de doenças infectocontagiosas. A antiga fazenda de Dois Rios foi transformada, em 1903, na Colônia Correccional de Dois Rios, tornando a Ilha Grande em um local voltado principalmente para o funcionamento das estruturas carcerárias que ali existiam e viriam a existir.

Em 1940, substituindo a antiga Colônia Correccional, foi criado o Instituto Penal Cândido Mendes, em Dois Rios, para presidiários considerados de alta periculosidade pelo governo, elevando a Ilha Grande em notoriedade, principalmente

ao contrastar a beleza natural com o instituto penal ali existente. O presídio ganhou ainda mais fama quando os presos políticos da ditadura militar se aparelharam com os criminosos ali presentes, dando origem ao Comando vermelho, organização criminosa que posteriormente obteve fama internacional.

Naquele momento, especula-se que a presença destas instituições carcerárias interrompeu a expansão de atividades produtivas na ilha, inclusive influenciaram na fuga demográfica em certas praias, como a de Parnaioca. Depoimentos orais de moradores afirmam que na década de 1950 a região da Parnaioca chegou a contar com cerca de 1.500 habitantes, sendo abandonada devido ao medo e conflito com presidiários fugitivos. O abandono de Parnaioca, no entanto, foi decisivamente influenciado por um declínio no manancial de peixes (WUNDER, 2006).

O Instituto Penal Cândido Mendes teve grande parte de sua infraestrutura demolida pelo governo do Estado do Rio de Janeiro em 1994, mostrando total descaso com o patrimônio histórico e cultural. Os presidiários remanescentes foram transferidos para outros presídios no Rio de Janeiro. Hoje as ruínas do Instituto Penal podem ser observadas na Vila de Dois Rios, e a ruína do Lazareto na praia Preta, próxima à vila do Abraão. Apesar do fechamento e implosão do presídio, suas ruínas ainda permanecem preservadas como resquícios da memória histórica do Brasil, além de beneficiar o turismo, junto às praias de alto potencial turístico da Ilha.

O Instituto empregou cerca de 120 pessoas, que viviam na Vila de Dois Rios ou na Vila do Abraão; após a implosão do presídio alguns passaram a trabalhar em atividades vinculadas ao setor turístico que, com o declínio da atividade pesqueira, viria a ser a principal fonte de renda da Ilha Grande. Grande parte dos moradores da Vila de Dois Rios e ex-presidiários trabalham para o instituto de pesquisa da UERJ, o Centro de Estudos ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), criado em 1998 e localizado em Dois Rios (ILHA GRANDE, 2014).

Devido à existência do antigo presídio, a Ilha Grande ganhou a fama de “Ilha presídio” e esse fato, talvez, tenha sido o maior responsável pelo seletivo afastamento da atividade turística até meados de 1994, data da implosão do Instituto Penal. A preservação da ilha referente ao avanço do turismo, até então, foi atribuída ao temor existente por parte dos turistas em relação à mesma, como podemos observar no retrato da revista Viagem e Turismo sobre a Ilha Grande ainda no início da sua atividade turística após o fim do Instituto Penal:

[...] a Ilha Grande. E se você logo associou seu nome a um presídio, já tem a explicação para o fato de ela não ter explodido para o turismo até hoje [...].

A reputação de território proibido, na verdade, foi a salvação de Ilha Grande. [...] ela deve sua preservação principalmente ao presídio [...] e à aura de maldita que sempre teve (VIAGEM E TURISMO, 1997, p.104 *apud* ARAÚJO, 2010, p. 4).

Nos dias de hoje esta aura já não afeta mais o fluxo de visitantes para a ilha, mas ainda pode ser muito bem explorada pelo trade turístico, como observamos neste trecho do Guia Uol Viagem sobre a Ilha Grande : “Chegou a ser apelidada de “Alcatraz brasileiro”. Por sorte, a beleza falou mais alto e, atualmente, os sinais desse passado estão em ruínas e suas lembranças fermentam as histórias que o povo conta.”(UOL VIAGEM, 2010).

A partir da remoção do sistema penitenciário da região da Ilha Grande, como um todo, se intensificou a turistificação que, em menos de dez anos resultou em inúmeras pousadas e restaurantes, principalmente na Vila do Abraão, o principal ponto de entrada de turistas na Ilha Grande até os dias de hoje, por conta de ser o único ponto da ilha com ligação marítima regular até o continente.

Os motivos que fizeram a Ilha Grande preservar suas matas por quase um século não podem ser atribuídos integralmente ao fato de ter sido por quase um século uma ilha presídio. De acordo com Wunder (2006) o elevado preço do transporte marítimo entre a ilha e o continente fazia da Ilha Grande um péssimo competidor quando comparado às novas e férteis áreas agrícolas do estado de São Paulo, especialmente com a construção da estrada de ferro litorânea no século XIX e da estrada Rio-Santos na década de 1970. A produção agrícola da ilha para os mercados continentais urbanos vivenciou um declínio irreversível.

A pesca de sardinha – que substituiu a agricultura e eventual uso do solo pela coleta marítima – também ajudou na preservação da floresta. A ilha chegou a contar com 25 fábricas de enlatamento de sardinha em funcionamento no séc. XX até a redução no manancial de sardinhas no final do mesmo século, levando ao fechamento das fábricas. Independente dos motivos que fizeram a Ilha Grande se tornar uma bolha, eventualmente a Alcatraz brasileira serviu como um meio de proteção das áreas verdes na ilha, no momento em que desfavorecia o uso do solo por meios de produção em larga escala.

2.1.1 As praias de Dois Rios e da Parnaiooca

A praia de Dois Rios possui este nome devido aos dois rios que correm de encontro ao mar nos dois extremos de seu aproximado um quilômetro de extensão. Suas areias amarelas e brancas encontram o azul do mar e o verde dos rios formando uma paisagem deslumbrante. Voltada para sudeste e banhada pelo oceano Atlântico, a praia é propícia para a prática da pesca.



Figura 4 - Mapa de localização de Dois Rios e Parnaiooca.

Fonte: Adaptado de <http://www.ilhagrande.com.br/mapas/>

Atualmente o território de Dois Rios faz parte do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) e seu terreno está sob a administração da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que através do CEADS ali instalado, realiza pesquisas na área ambiental, proibindo assim a instalação de equipamentos turísticos na vila e praia. A vila é habitada por cerca de 75 moradores e, além do CEADS, possui as ruínas do antigo presídio administrado pelo Ecomuseu da Ilha Grande. Este se encontra dividido entre Museu do Cárcere, Museu do Meio Ambiente, o Centro Multimídia e o Parque Botânico. O Ecomuseu é administrado pelo Departamento Cultural da Sub-Reitoria de Extensão e Cultura da UERJ.

Dois Rios abrigou as principais instituições carcerárias da ilha: a Colônia Correccional de Dois Rios e mais tarde o Instituto Penal Cândido Mendes. O local só

foi aberto para o turismo após a implosão do instituto em 1994, fato que somado à proibição da instalação de equipamentos turísticos como hotéis, restaurantes, pousadas e campings, ajudou a preservar a praia e controlar o número de visitantes, que só conseguem acessar o local após uma caminhada de aproximadamente nove quilômetros partindo do principal ponto de entrada da ilha, a Vila do Abraão.

Já a praia de Parnaioca, voltada para o sudoeste e também localizada na parte não continental da Ilha, serviu de residência para centenas de famílias que em sua maioria viviam da roça para autoconsumo, pesca artesanal e da caça. Alguns funcionários do Instituto Penal Cândido Mendes chegaram a residir na Parnaioca nos momentos finais do mesmo. Os residentes de Parnaioca chegavam a vender seus produtos para os que trabalhavam no presídio e os que viviam na Vila de Dois Rios, enquanto compravam em Angra dos Reis produtos que não conseguiam adquirir na Ilha, como açúcar, querosene, entre outros.

Com o passar do tempo as fugas foram ficando mais intensas no Instituto Penal e assaltos à casa de moradores começaram a ser reportados, principalmente para conseguir abrigo e transporte para o continente. Pode-se dizer que o crescente medo e principalmente a redução no manancial de peixes e o aumento da pesca industrial que não permitia a concorrência por parte dos locais, foram, aos poucos, fazendo com que o vilarejo de Parnaioca chegasse aos menos de dez habitantes que restam hoje e eventualmente vivem do Turismo.

Também pertencente ao Parque Estadual da Ilha Grande, a área da praia de Parnaioca, que recebe esse nome devido ao rio que desagua em sua extremidade oeste, é uma das mais belas da ilha e só foi recentemente descoberta pelo turismo. Não possui infraestrutura turística como restaurantes, hotéis e pousadas e nenhum meio de transporte público para a praia. Apenas o camping é liberado, com restrições feitas pela administração do Parque Estadual da Ilha Grande, incluindo o número máximo de pessoas que pode hospedar. Não possui rede elétrica e a energia ali utilizada provém de geradores. Para quem visita, fica difícil imaginar que Parnaioca já foi uma das praias mais populosas da ilha e já abrigou mais de 1000 habitantes, segundo alguns historiadores. Cachoeiras formadas pelo rio Parnaioca, ruínas de construções antigas e a pequena Igreja do Sagrado Coração de Jesus ainda podem ser vislumbradas em Parnaioca, além da praia (ILHA GRANDE, 2014).

2.2 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA ILHA GRANDE: O PARQUE ESTADUAL DA ILHA GRANDE

Todo o território da Ilha Grande é demarcado por áreas naturais protegidas, sendo a Área de Proteção Ambiental de Tamoios (APA Tamoios) a mais abrangente criada com o objetivo de assegurar a proteção e manutenção do ambiente natural das áreas inclusas, de acordo com decreto estadual nº 9.452 de 05 de dezembro de 1982:

Art. 1º - É criada a Área de Proteção Ambiental de Tamoios (APA-TAMOIOS), localizada no Município de Angra dos Reis, com o objetivo de assegurar a proteção do ambiente natural, das paisagens de grande beleza cênica e dos sistemas geo-hidrológicos da região, que abrigam espécies biológicas raras e ameaçadas de extinção, bem como comunidades caiçaras integradas naqueles ecossistemas.

Art. 2º - A Área de Proteção Ambiental de Tamoios (APA-TAMOIOS) é composta de duas partes, uma Continental e uma Insular:

I - Parte Continental - abrange todos os terrenos de marinha e seus acrescidos de conformidade com Decreto-Lei Federal nº 9.760, de 05 de setembro de 1946.

II - Parte Insular - abrange todas as terras emersas da Ilha Grande e de todas demais ilhas que integram o Município de Angra dos Reis, na baías da Ilha Grande, da Ribeira e da Jacuecanga.

Após a criação da APA Tamoios, outras unidades de conservação foram criadas na tentativa de melhor administrar e proteger as florestas de eventuais desmatamentos, inclusive pelo turismo. Atualmente a Ilha Grande conta com as seguintes unidades de conservação: Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul, Parque Marinho do Aventureiro e o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG). As praias de Parnaioca e Dois Rios, focos deste estudo, estão localizadas dentro dos limites do PEIG (Figura 5).

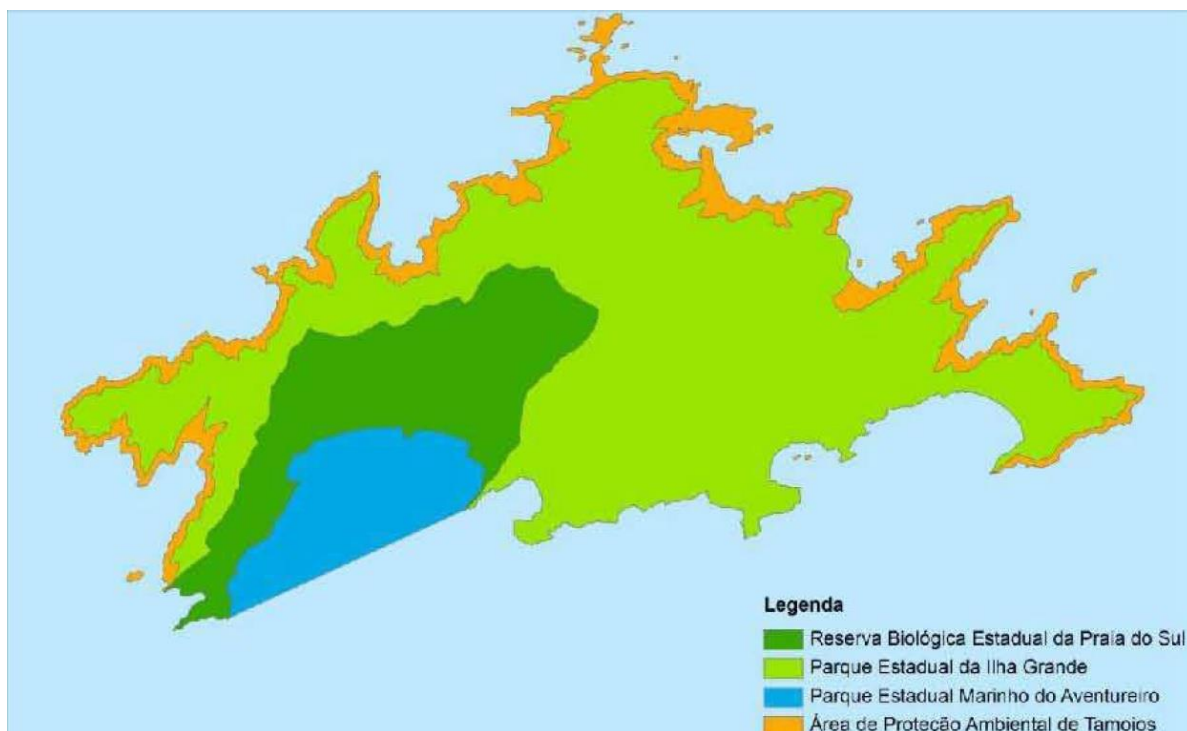


Figura 5 - Mapa com as unidades de conservação da Ilha Grande.

Fonte: INEA, 2013

Parque é uma categoria de Unidade de Conservação (UC) de proteção integral, por possuírem uma fragilidade ambiental particular, necessitando assim de uma atenção especial; fazem parte do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e dependendo da esfera administrativa podem ser nacionais, estaduais, municipais e até mesmo privados. Os parques são uma das doze categorias de manejo estabelecidas pelo SNUC e dentre essas, cinco são considerados UC de Proteção Integral devido às suas particularidades e por estarem mais suscetíveis ao impacto humano que as demais. Sendo assim, o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) enquadra-se como uma UC de proteção integral, conforme lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que institui o SNUC.

Art. 11. O Parque Nacional tem como objetivo básico a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico.

[...]

§ 4º As unidades dessa categoria, quando criadas pelo Estado ou Município, serão denominadas, respectivamente, Parque Estadual e Parque Natural Municipal (LEGISLAÇÃO ICMBIO, 2000).

O PEIG ocupa parte do município de Angra dos Reis e foi a primeira UC a ser estabelecida no território da Ilha Grande. Criado em 1971 com aproximadamente 150 km², conforme o Decreto Estadual 15.273, de 26 de junho de 1971, que diz:

“Art. 1º - Fica criado o Parque Estadual da Ilha Grande, com aproximadamente 15.000 ha (quinze mil hectares), abrangendo terras situadas na Ilha Grande, Município de Angra dos Reis, visando a implantação de Zona de Apoio Turístico e a preservação de Reserva Florestal.”

A superfície do Parque, porém, foi se reduzindo ao longo do tempo como podemos observar na Figura 6. Em 1973 os imóveis do presídio foram excluídos da área do parque que foi reduzido em cerca de 5.000 hectares. Em 1978 o Parque passa a ocupar apenas 4.330 hectares dos 15.000 inicialmente estabelecidos, acabando por ser constituído exclusivamente pelos imóveis do presídio, que haviam sido retirados em 1973 (RIO DE JANEIRO, 2013).

Período	Superfície	
	(ha)	Características
1971 – 1973	15.000	Abarcava todos os terrenos da Ilha Grande acima de uma determinada cota, provavelmente a cota 100. As baixadas seriam destinadas para infraestrutura turística privada, em especial em Dois Rios, Lopes Mendes, praias do Sul e do Leste e outros espaços.
1973 – 1978	10.000	Retirada das áreas (5.600 ha) dos imóveis dos dois presídios dos limites oficiais estabelecidos em 1971 pelo decreto de criação.
1978 – 2006	4.330	Passa a ser constituída exclusivamente pelos imóveis dos presídios, que haviam sido retiradas em 1973.
2007- 2008	12.052	Ampliado pelo Decreto Estadual nº 40.602

Figura 6 – Variação de superfície do PEIG

Fonte: IEF / CODIG, 2008, *apud* INEA, 2013.

O poder público, com a desativação do presídio na década de 1990, dado o avanço do turismo percebe a necessidade de ampliar seus meios para conservar a Ilha Grande contra o avanço predatório de equipamentos e infraestruturas turísticas. Por conta disso, o PEIG é ampliado em 2007 para 12.052 ha (120,52 km²), pelo Decreto Estadual nº 40.602, que dispõe sobre a ratificação e consolidação do PEIG. Só a partir de então a praia de Parnaiooca passa a constar dentro dos limites do

Parque, formando com Dois Rios um setor de aproximadamente 4.000 hectares, conforme diretrizes daquele decreto:

Art. 1º– Fica ampliado o Parque Estadual da Ilha Grande, passando a incluir as seguintes áreas:

I – toda a faixa de terra que, atualmente, separa o Parque Estadual da Ilha Grande da Reserva Biológica da Praia do Sul, criada pelo Decreto Estadual nº 4.972, de 02 de dezembro de 1981;

II – todas as terras da Ilha Grande localizadas acima da cota altimétrica de 100 (cem) metros. [...]

Art. 4º - O Parque Estadual da Ilha Grande continuará sendo administrado pela Fundação Instituto Estadual de Florestas – IEF/RJ, que adotará as medidas necessárias à sua efetiva implantação.

Art. 5º – Fica estabelecido o prazo máximo de cinco anos, a partir da data de publicação desta lei, para a elaboração do Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha Grande.

O PEIG passa então a ser responsável por 62,5% da área total da Ilha Grande, incluindo as praias de análise neste trabalho. Como o PEIG é uma unidade de conservação dentro de outra - APA Tamoios, que envolve toda a Ilha Grande, outras ilhas de Angra e parte no continente -, a legislação ambiental que predomina é a mais restritiva. Áreas de Proteção Ambiental (APA) em geral são extensas e pertencem a categoria de manejo de uso sustentável, menos específica que uma unidade de proteção integral, fazendo com que a legislação predominante nesse caso de estudo seja a do Parque Estadual da Ilha Grande em todo o território que delimita.

A administração do Parque é de responsabilidade do Instituto Estadual do Ambiente (INEA), que na época da construção e ampliação do PEIG era conhecido como Instituto Estadual de Florestas (IEF). O INEA estabelece as diretrizes para o uso público nos parques estaduais.

Dentre as diretrizes quanto ao uso público estabelecidas pelo INEA, a visitação de forma democrática e o reconhecimento de que a mesma é um valioso instrumento de proteção ambiental, desenvolvendo a consciência ecológica do público, são elementos chave.

Dentre os princípios dos parques estaduais e do INEA, segundo Decreto nº 42.483 de 2010, que estabelece diretrizes para o uso público nos parques estaduais administrados pelo instituto, destacam-se:

Art. 3º - Os parques estaduais são bens de uso comum da sociedade, e seu uso público reger-se-á pelos seguintes princípios:

- I - compatibilização do uso público com a preservação dos recursos naturais e os processos ecológicos de acordo com os limites de impacto aceitável definidos para cada área ou zona incluída em parque estadual, conforme especificar o seu plano de manejo;
- II - intervenção mínima na paisagem pelas estruturas administrativas e de uso público, harmonizando-as com o ambiente circunjacente;
- [...]
- VIII - estímulo à participação comunitária de forma a contribuir para a promoção do desenvolvimento econômico e social das comunidades locais e das regiões onde os parques estaduais encontram-se inseridos.

Pode-se observar que os conceitos já vistos sobre ecoturismo estão implícitos dentre as diretrizes e princípios de uso público do INEA, não somente no que toca a preservação ambiental, mas também da participação da comunidade local no desenvolvimento econômico e social da região em que o parque se encontra. Além disso, o INEA deve ordenar e controlar a visitação, ditar que atividades devem ser autorizadas ou não, ditar quais práticas comerciais e serviços prestados ao público devem ser permitidos, se responsabilizar pela oferta de equipamentos e estrutura de suporte ao uso público, entre outros. Tudo isto sempre levando em conta o mínimo impacto ao meio ambiente e a conservação do ecossistema, fatores que são, de forma simples, a razão de existir de um parque estadual.

Com a necessidade – e obrigatoriedade, conforme estabelecido no decreto de ampliação do PEIG - de estabelecer um documento que guie e auxilie o planejamento e tomadas de decisões da UC, foi elaborado o Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha Grande (INEA, 2013). O Plano foi estabelecido como documento técnico que fundamenta os objetivos gerais, normas de uso e manejo dos recursos naturais, além de promover sua integração à vida social e econômica das comunidades locais, como já foi visto anteriormente. O Plano de Manejo é um documento detalhado sobre a UC que serve como guia para a gestão do Parque através do estabelecimento de metas e programas a serem cumpridos, especificações e detalhamentos sobre o ecossistema da região, nível de interferências antrópicas na área, entre outras medidas. É o documento que orienta a gestão no planejamento das decisões do parque, e como tal, deve passar por revisões periódicas.

Como já foi visto, os parques estaduais visam também promover a interação humana com a natureza, e através deste contato junto à programas de educação ambiental, lazer, sustentabilidade, passeios ecológicos e outras atividades, o turismo

pode ser o grande elo desta ligação entre o meio ambiente e o homem. O ecoturismo possibilita ao visitante o contato direto com um ambiente em risco que necessita de cuidados e, pode vir a acabar devido à ação predatória e irresponsável do ser humano. Abrir este ambiente à visitação, de forma sustentável e instrutiva, é o melhor meio de conscientização ambiental da população como um todo, deixando-os cientes e adeptos de políticas, medidas e ações que possam vir a afetar áreas verdes no geral.

2.3 CONJUNTURA DO TURISMO NA ILHA GRANDE

A Ilha Grande, enquanto Ilha presídio, tinha uma visitação simplória e sua expansão limitada. A partir da criação e pavimentação da estrada Rio–Santos nas décadas de 1970 e 80 respectivamente, proporcionando um melhor acesso à região da Costa Verde, a Ilha se viu invadida pelo turismo e o mesmo se tornou sua principal atividade econômica após a implosão da Alcatraz brasileira em 1994. As fábricas de enlatamento de sardinha foram sendo fechadas, a agricultura familiar e as roças de autoconsumo foram proibidas pela criação das UC e cedendo ao novo fenômeno que poderia trazer maior desenvolvimento econômico e social à ilha: o turismo.

O *boom* turístico ocorreu de maneira tão abrupta que a ampliação do PEIG teve no turismo um dos principais e mais importante motivos de sua ampliação em 2007. A necessidade de um órgão para limitar e regular a expansão do turismo se faz de extrema importância em qualquer ecossistema frágil às interações antrópicas e de beleza cênica atrativa. O Parque Estadual seria uma força e agente importante no equilíbrio das relações contra a infraestrutura turística expansiva e os agentes do turismo que prezam em primeiro lugar o capital e desenvolvimento econômico sobre o desenvolvimento social e preservação do ecossistema.

Apesar disso, o turismo quando planejado e ordenado se mostra como uma atividade econômica muito menos destrutiva para o meio ambiente do que outras atividades produtivas, como agricultura, pecuária, extrativismo, produção de energia, infraestrutura para produção de mercadorias, entre outras. O poder público deve ver no ecoturismo um aliado à causa de preservação do meio ambiente, além de um ótimo meio educacional e de levar informação e conscientização ambiental à população.

Para isto se tornar realidade, foi visto o quão necessário é um bom planejamento das atividades turísticas pelos órgãos do estado para a otimização das ferramentas de gestão e dos profissionais da UC. O turismo pode ser uma atividade que não requer um custo inicial muito elevado, mas para a sua sustentabilidade e manutenção da qualidade o investimento em planejamento deve ser sim, elevado, não somente no quesito financeiro. O profissionalismo, a atuação de técnicos que entendam o fenômeno do turismo em toda a sua amplitude multidisciplinar, devem ser levados em conta e receber a devida importância.

O turismo na Ilha Grande também pode ser visto do ângulo dos turistas que não fazem caminhadas nas trilhas da floresta ou não apreciam o contato direto com a mata. Muitos podem apenas apreciar a paisagem à distância, do mar, da sacada de sua hospedagem ou tirar apenas fotografias à distância. No entanto, a continuidade espacial da cobertura florestal é importante para todos os tipos de visitantes da UC. Se a floresta for desmatada a partir de certo ponto ou, se sua vegetação original for fragmentada, pode-se dizer que ela receberia muito menos turistas e a renda proveniente dessa atividade seria bem menor (WUNDER, 2006).

A existência da estrutura carcerária na Ilha Grande por quase um século ajudou a retardar o turismo e atrasar o avanço das atividades na ilha. A frequência de fugas do presídio de Dois Rios não assustava apenas os moradores, mas também turistas e empreendimentos. Com a desativação do presídio em 1994 a atividade turística se viu livre para florescer na Ilha Grande, além de utilizar a aura de ilha presídio para atrair turistas e apimentar o marketing da região.

O turismo na Ilha Grande – com exceção no Abraão - é bastante sazonal, com picos no verão e em feriados, como carnaval, Ano-novo e Páscoa. Durante esses picos, os preços de transporte e principalmente, de hospedagens sobem para quase o triplo dos valores da baixa temporada (WUNDER, 2006). A CCR Barcas é a empresa oficial de transporte entre a ilha e continente, mas grande parte dos turistas também chegam em embarcações menores e não oficiais operadas por agências e pousadas.

Nos dias atuais, a ilha como um todo, segundo a teoria dos ciclos de vida dos destinos turísticos de Butler (2006), estaria no processo de maturidade do processo turístico, e a forma como a atividade está sendo tratada agora irá definir se o turismo na ilha entrará em declínio, ou se revitalizará e irá alcançar o tão desejado turismo sustentável. Nesse momento a atuação de todos os agentes do turismo,

principalmente o PEIG, iniciativa privada e comunidades locais, são de extrema importância para o futuro da Ilha Grande.

Os impactos ao meio ambiente, tanto terrestre quanto marinho, causados pelo turismo também já podem ser observados: erosão do solo em áreas de trilhas, avanço imobiliário no Abraão, acúmulo de lixo nas praias e trilhas, entre outros. De acordo com Wunder (2006) a sujeira nas praias aumenta com os visitantes, mas ocorre mais pela poluição da baía e por atos de moradores locais do que por causa direta dos turistas. Além disso, segundo o mesmo autor, o impacto ao meio ambiente marinho parece ser mais grave do que o causado pelos acampamentos em terra, em consequência da utilização de barcos de luxo pelo trade turístico, que despejam considerável quantidade de óleo na baía. Ainda assim, a pesca industrial constitui a principal ameaça ao meio ambiente marinho ao redor da ilha, retirando parte da culpa do turismo.

2.3.1 O ecoturismo na Ilha Grande

O ecoturismo é visto como uma ótima opção de desenvolvimento para diversas regiões com um ecossistema frágil e no caso da Ilha Grande não é diferente. Por prezar o desenvolvimento sustentável do turismo em harmonia com o meio, o ecoturismo pode ser considerado indispensável na conjuntura atual do turismo na ilha, e ir muito além de ser considerado apenas o segmento do turismo realizado em unidades de conservação.

A atividade é, inclusive, retratada no Plano de Manejo do PEIG como um dos objetivos no planejamento de uso público como podemos ver em alguns exemplos retirados abaixo, do próprio documento:

4.3.2 - Plano Setorial de Uso Público

Objetivo

Estabelecer mecanismos de administração das atividades de uso público, incluindo controle, sustentabilidade e atendimento ao público, contemplando a recreação, ecoturismo e interpretação ambiental na unidade.

4.3.2.2 - Programa de Interpretação e Educação Ambiental

Objetivos

a) Estimular o visitante a conhecer e refletir sobre a dinâmica dos ecossistemas, as relações existentes entre seus componentes, enfatizando as relações entre o homem e a natureza.

b) Ajudar o visitante a entender a inserção do parque na história da Ilha Grande e apreciar o patrimônio natural e cultural, de modo que a sua experiência seja positiva e agradável.

c) Ensinar ao visitante os procedimentos corretos a serem adotados na visita de uma UC.

[...]

4.3.3.1 - Programa de Relações Públicas

Objetivos [...]

c) Proporcionar uma ferramenta de divulgação e entrosamento entre os programas de educação ambiental e sustentabilidade do parque e as comunidades do seu entorno [...] (RIO DE JANEIRO, 2013).

Pode-se interpretar que o poder público reconhece, através do Plano de Manejo da UC, a importância do desenvolvimento do ecoturismo e promoção da educação ambiental como forma de conscientizar o turista quanto aos impactos na ilha, tanto ambientais quanto ao patrimônio histórico, melhorando gradativamente a qualidade do turismo que acontece na Ilha Grande. Além de considerar a comunidade local como importante para a sustentabilidade do Parque.

Fica clara, então, a importância da educação ambiental como forma de beneficiar o turismo na ilha, principalmente no embate muito discutido ultimamente entre turista mochileiro *versus* o turista sofisticado e mais bem abastado financeiramente. O primeiro, além de trazer seu próprio alimento e viajar com pouco dinheiro, deixaria apenas lixo e um rastro de poluição na ilha. “Argumenta-se que, como têm pouca consciência ambiental e nenhum dinheiro para gastar, esses jovens deixam para trás apenas lixo na ilha (PMAR, 1998, *apud* WUNDER, 2006).”

O visitante mochileiro, porém, não pode ser visto de forma negativa pelos agentes do turismo atuantes na ilha. A importância desse grupo fora dos períodos de alta temporada garante a manutenção da atividade de muitas pousadas na vila do Abraão. Além disso, muito pouco é falado sobre os impactos causados pelas embarcações de luxo, que, como já foi escrito, poluem consideravelmente a baía da Ilha Grande (WUNDER, 2006).

Segundo Wunder (2006), muitos dos turistas mochileiros e universitários campistas que consideram cada centavo gasto no destino, irão se tornar profissionais e pessoas formadoras de opiniões que tomam decisões, inclusive em áreas que envolvam a administração de recursos naturais. Com essa constatação pode-se refletir sobre a importância da educação ambiental promovida pelos agentes do turismo, principalmente pelo PEIG, na Ilha Grande. É de extrema importância a

união entre poder público (representado pelo PEIG), comunidade local e turistas, para a formação de uma consciência ecológica das próximas gerações.

Infelizmente muito ainda tem que ser feito na Ilha Grande para se alcançar o ideal de ecoturismo e sustentabilidade:

[...] no caso da Ilha Grande, o ecoturismo pode vir a se tornar uma alternativa interessante para consolidar os processos de proteção da natureza e inclusão social, mas isto ainda não ocorre de fato. Os “badjecos” (como eram chamados os nativos) participam do desenvolvimento do turismo pela dinâmica econômica a ele associada. Mas, ainda não se envolvem realmente em seu planejamento, nem são atores no processo de construção participativa de uma política de ecoturismo para a ilha (OLIVEIRA; IRVING, 2010).

Poder público, comunidade local e visitantes, devem ser incluídos na questão do planejamento de uma unidade de conservação para que se alcance um turismo sustentável e que traga desenvolvimento social e econômico ao local, sem agressão ao meio ambiente. Uma gestão que entende que para sobrevivência do turismo na ilha, deve-se atender às necessidades de todos os agentes envolvidos, e principalmente zelar pelo aspecto mais atrativo da ilha e que faz todo este fenômeno ocorrer: a integridade da sua paisagem.

A compreensão da relação entre turistas, moradores e organizações – privadas ou públicas – é de grande importância para proporcionar o entendimento correto de como o turismo ocorre, principalmente, em áreas naturais protegidas. A forma como esses agentes irão interagir pode definir o futuro da atividade turística na região.

No caso específico das localidades de Dois Rios e Parnaíoca, este estudo buscou entender a percepção do visitante e do morador quanto ao turismo que ocorre no local e, através da aplicação de entrevistas e questionários, pôde-se analisar como esta atividade está inserida no contexto atual das praias citadas.

No capítulo seguinte é apresentada a pesquisa que gerou este Trabalho de Conclusão de Curso, a metodologia aplicada, os dados obtidos com as pesquisas e suas análises, além da observação crítica do pesquisador quanto ao turismo existente nas praias de Dois Rios e Parnaíoca, e como os agentes envolvidos se relacionam em prol deste fenômeno.

3 ATIVIDADE TURÍSTICA NAS PRAIAS DE DOIS RIOS E PARNAIOCA

Com a atividade turística já acontecendo em praticamente toda a Ilha Grande, se faz necessário o desenvolvimento de pesquisas científicas na área, não somente na vila do Abraão, porto de entrada oficial da ilha, mas também em outras praias em que a atividade ocorra de forma diferenciada.

Pesquisas realizadas na vila do Abraão quanto à atividade turística já são comuns, principalmente por ser o principal ponto de entrada e abrigar quase todos os equipamentos e estruturas turísticas na Ilha Grande. Uma estimativa realizada no final da década de 1990 (QUADROS, 1999 *apud* WUNDER, 2006) diz que dos 123.700 visitantes anuais que realizam pelo menos um pernoite na ilha, 97.200 realizam esta visitação na vila do Abraão. Mesmo sendo uma fonte antiga, podemos ter uma noção de como ocorre o turismo ainda hoje na ilha.

O grande interesse do pesquisador com as praias em foco deste estudo, o conhecimento de que apenas cerca de um quinto dos pernoites na ilha ocorrem em outras praias que não a do Abraão, e a ausência de pesquisas relacionadas diretamente ao turismo em Dois Rios e Parnaioca, justificam o desenvolvimento deste projeto. Muitos projetos existem relacionados diretamente com a influência do presídio de Dois Rios e da sua desativação na vida do morador local, mas pouco se fala sobre a relação direta dos moradores com o turismo atual, sem fazer comparações com uma época sem volta.

Para que a gestão do turismo em determinado destino seja de fato eficiente, dados são necessários para as tomadas de decisões. As pesquisas devem ser feitas levando em conta diversos campos disciplinares, como afirma Fratucci (2000, p.36) “As pesquisas sobre a atividade turística vêm sendo desenvolvidas dentro dos limites das mais variadas disciplinas das ciências sociais: economia, sociologia, psicologia, geografia, etc.”.

Esta pesquisa leva em conta principalmente a percepção do morador e do visitante em relação ao turismo que ocorre atualmente nas praias de Dois Rios e Parnaioca, além de trazer análises qualitativas coletadas pelo pesquisador durante atividade de campo.

3.1 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA

A presente pesquisa teve como metodologia utilizada a hipotética dedutiva e foi dividida em dois tipos de análise: quantitativa e qualitativa. A análise quantitativa foi segmentada em aplicações de pesquisas estruturadas, *online* para visitantes, e em campo com visitantes e moradores. A qualitativa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com moradores e da observação crítica do pesquisador na área de estudo.

A observação assistemática e de caráter exploratório do autor, foi de grande relevância por permitir o estudo e a aproximação com pessoas que vivenciam diretamente o turismo no local. A pesquisa bibliográfica propiciou o entendimento necessário para o assunto abordado, além de resgatar pesquisas anteriores semelhantes.

As pesquisas de campo foram realizadas nas praias de Dois Rios e Parnaioca através da aplicação de formulários estruturados e entrevistas semiestruturadas com moradores e apenas questionários com os visitantes. Através do uso de perguntas abertas e fechadas, além da observação direta do pesquisador, foi possível coletar informações quanto à infraestrutura, percepção do morador quanto ao turismo, problemas vivenciados, entre outras.

A aplicação dos questionários pela internet foi realizada através do *software online* gratuito *Qualtrics* (<http://www.qualtrics.com>), ficando disponível para respostas do dia 17 de Março de 2014 até 17 de Junho do mesmo ano, totalizando um período de três meses (Apêndice A). Para este questionário, caso o respondente tenha visitado as duas praias, foi requisitado que ele respondesse as questões levando em conta a última praia visitada, como pode ser observado na imagem do apêndice A.

A divulgação da pesquisa *online* (Apêndice B) foi feita de diversas formas, principalmente por redes sociais e pessoalmente pelo pesquisador entre os alunos do curso de Turismo da UFF. Sites de grande acesso por diversos viajantes e turistas, como o *mochileiros.com*, e páginas em redes sociais, como a Trilhas e Aventuras - que possui cerca de 75.000 seguidores em sua página do *facebook* – também foram de grande valia- para a divulgação da pesquisa.

O pesquisador entrou em contato com as páginas no *facebook* do INEA e do PEIG, apresentando os objetivos da pesquisa e informando que esta seria de grande valia para a gestão pública da Ilha Grande. Foi solicitado auxílio na divulgação da

pesquisa *online*, porém, nenhuma resposta foi obtida até o momento do fechamento desse relatório.

A aplicação das entrevistas em campo, tanto com moradores como visitantes, foi realizada pelo próprio pesquisador no período entre os dias 18 e 24 de Junho, abrangendo o feriado de Corpus Christi, totalizando seis dias de pesquisa. Para a aplicação das entrevistas em campo foi necessário a solicitação de um documento ao INEA que concedesse permissão ao pesquisador para utilizar a área da unidade de conservação para a realização de pesquisas (Apêndice C).

Visando facilitar o deslocamento durante as pesquisas de campo, foi solicitada a hospedagem ao PEIG, que possui um alojamento na vila do Abraão, e ao CEADS, que tem sua estrutura em Dois Rios. Infelizmente, nenhuma resposta ou sinal de apoio foi dado. O pesquisador optou então, por se hospedar em um dos três campings existentes na praia da Parnaioca, o camping da Janete, que possui boa localização e permitiu o seu deslocamento durante os dias de coleta de dados entre as duas praias, pela trilha que liga as praias da Parnaioca e de Dois Rios. A realização dos pernoites em uma das praias objetos de pesquisa possibilitou maior proximidade com os moradores, facilitando a coleta de informações e propiciando melhor observação, diretamente no local, principalmente no que se refere à interação entre turistas e moradores.

Durante a coleta de dados em campo, foi realizada a aplicação do formulário com os visitantes (Apêndice D), com perguntas idênticas ao questionário aplicado *online*, e do questionário com os moradores (Apêndice E). No decorrer da coleta de informações com os moradores, o pesquisador estimulou que os mesmos tivessem liberdade para tecer comentários quanto ao turismo no local, evitando respostas frias e ríspidas durante as perguntas abertas, possibilitando uma análise mais profunda da percepção da comunidade local. O caráter informal e a ótima recepção da maioria dos moradores, também foi um facilitador durante a coleta.

O número de entrevistas aplicadas aos visitantes, somados os respondidos na rede (45) e em campo (15), foi de 60 formulários preenchidos. O pesquisador abordou os turistas na saída da vila de Dois Rios, onde um guarda do CEADS anota o nome e horário de entrada e saída dos visitantes, e estes obrigatoriamente deveriam passar por este local (Figura 7). Dos questionários realizados com os moradores, 12 foram preenchidos.

A dificuldade na divulgação do projeto, a falta de apoio de entidades envolvidas e principalmente, as chuvas durante os dias de coleta, foram fatores que dificultaram a obtenção de um número maior de respondentes. Por conta dessas circunstâncias, a observação direta do pesquisador e os dados coletados informalmente foram de grande importância, e de maior relevância, do que os dados quantitativos obtidos durante a pesquisa.



Figura 7 – Local de coleta de dados com visitantes – Praia de Dois Rios
Fonte: Acervo pessoal, Junho 2014

Nas seções seguintes são apresentados os dados obtidos com a aplicação dos questionários, além das informações coletadas através da observação do pesquisador nas praias, referentes à qualidade da estrutura dos equipamentos turísticos, conflitos existentes, opiniões diversificadas, entre outros. A tabulação com todas as respostas obtidas encontram-se nos apêndices F e G, localizadas no final deste trabalho.

3.2 A PERCEPÇÃO DOS VISITANTES SOBRE O TURISMO

A aplicação do formulário com os turistas buscou recolher, principalmente, informações referentes à percepção dos visitantes quanto ao turismo que ocorre em Dois Rios e Parnaioca. Dos 60 questionários respondidos, 46 tiveram como local de coleta a praia de Dois Rios e 14 a de Parnaioca, sendo que 16 dos entrevistados declararam já ter visitado as duas praias. Durante a tabulação não foram separados os questionários realizados *online* dos formulários aplicados em campo.

A facilidade de acesso a Dois Rios em relação à Parnaioca explica o fato da primeira receber mais visitantes. A trilha de Abraão para Parnaioca leva o dobro do tempo do que o trecho entre Abraão e Dois Rios. Além disso, o acesso por barco até a Parnaioca apresenta um preço mais elevado que o traslado para outras praias da ilha (o preço varia com as temporadas de visitação. Em junho de 2014 estava em torno de R\$ 60,00 o traslado Abraão – Parnaioca), além de depender das condições da maré. A Parnaioca (Figura 8)   uma praia voltada para o oceano, o que pode dificultar a chegada dos *taxi boats* que realizam o traslado. Como exemplo disso, durante a semana em que o pesquisador estava na Praia, devido ao mal tempo e inconstância da maré, o *taxi boat* realizou apenas uma viagem.

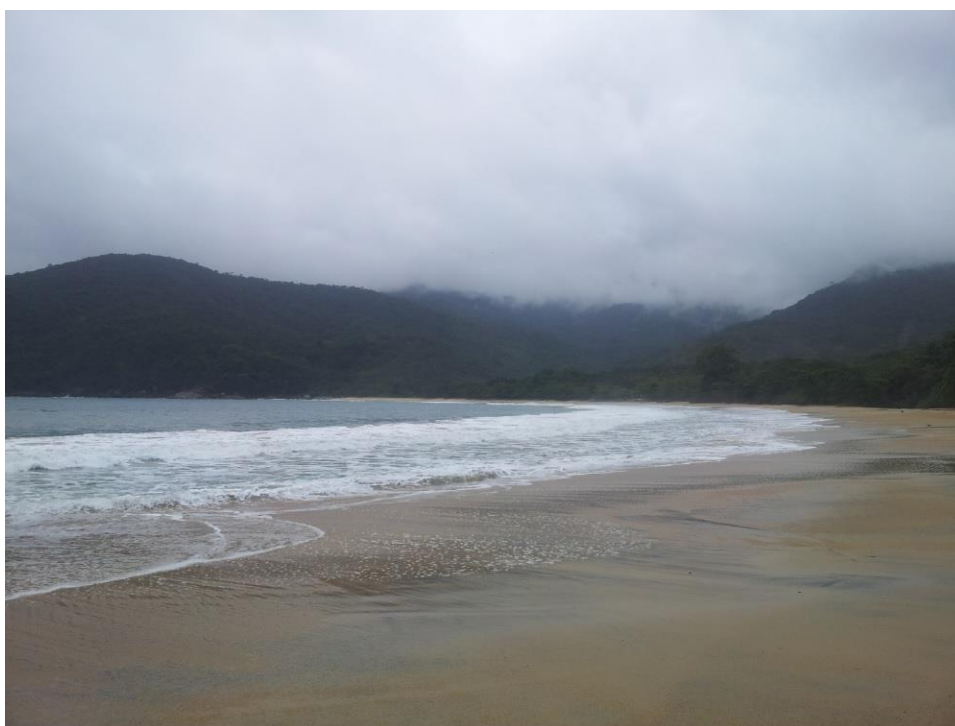


Figura 8 – Praia de Parnaioca, vista da ponta sul

Fonte: Acervo pessoal, Junho 2014

As primeiras perguntas buscaram definir o perfil sociodemográfico do visitante que estas praias recebem: local de residência, faixa etária, estado civil, escolaridade, ocupação principal, entre outros.

O número de visitantes que residem na cidade do Rio de Janeiro predomina, com 63% dos pesquisados (Figura 9). A proximidade da cidade pode ser o principal fator que contribui para isto, além da divulgação da pesquisa *online* ter sido feita principalmente nessa cidade. O número de estrangeiros respondentes foi de apenas quatro, dentre as 15 pesquisas realizadas em campo.

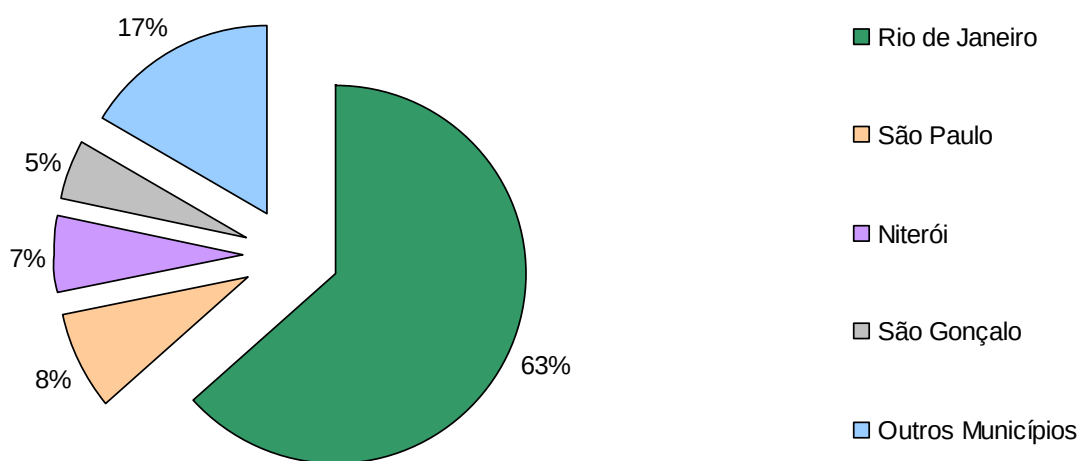


Figura 9 – Local de residência permanente.

Fonte: Pesquisa própria, 2014

O maior número de visitantes é de jovens entre 18 e 25 anos, consistindo em 58% dos entrevistados, seguido por 23% dentre 26 a 34 anos. Isto pode explicar o grande índice de solteiros, com 75% dos respondentes.

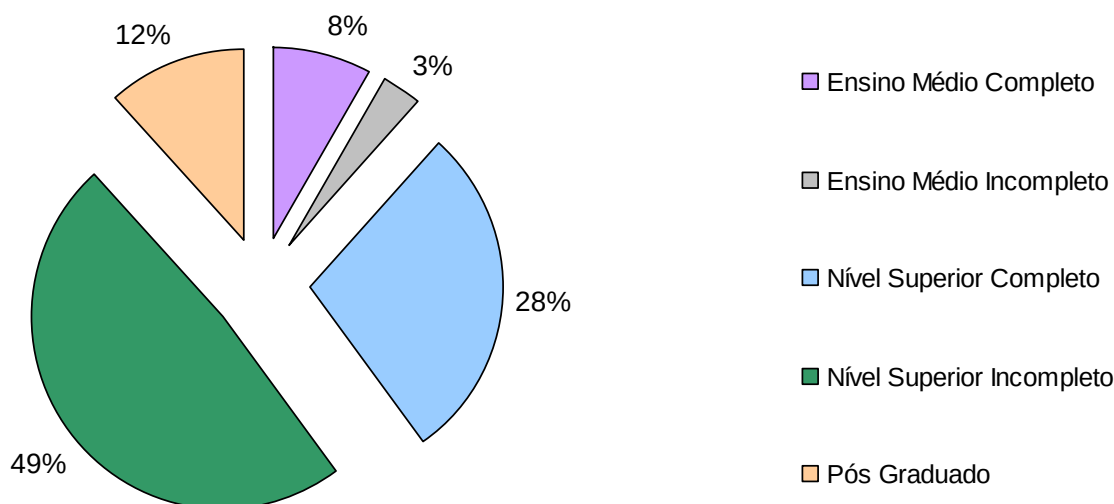


Figura 10 – Nível de escolaridade.

Fonte: Pesquisa própria, 2014

A faixa etária também se relaciona com o nível de escolaridade (Figura 10) e ocupação principal dos entrevistados. Quase 50% estão cursando o ensino superior e 47% se definiram como estudantes na situação atual, seguidos por 5% que responderam professor como profissão.

Quanto ao local de hospedagem durante a visita, 62% estavam hospedados no Abraão, e 15% em Dois Rios. Estes nove entrevistados que estavam pernoitando na própria vila eram pesquisadores do CEADS ou estudantes da UERJ. A pesquisa *online* foi divulgada dentro de grupos de pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o que definiu esse alto índice percentual de hospedados em Dois Rios. O pernoite na vila de Dois Rios é estritamente proibido pelo PEIG e pelo próprio CEADS, que realiza o controle de entrada de visitantes. Somente o pessoal vinculado à UERJ pode realizar o pernoite no alojamento da universidade na própria vila de Dois Rios, lembrando que esta não possui qualquer meio de hospedagem privado.

Apenas oito entrevistados responderam Parnaioca quanto ao local de hospedagem durante a visita. Muitos apenas realizam o passeio de ida e volta sem pernoite à Parnaioca, indo pela manhã e retornando no final da tarde de *taxi boat*, ou realizam de saveiro um dos passeios por várias praias em apenas um dia, serviço oferecido por diversas agências de turismo na vila do Abraão. A caminhada de quem está no Aventureiro até Parnaioca também não é muito longa e pode ser realizada a ida e volta em apenas um dia.

Além dos 15% que estavam hospedados no alojamento do CEADS, os meios de hospedagem mais utilizados pelos visitantes foram pousadas e campings, totalizando 72% dos respondentes. Pousadas e campings são os tipos de meios de hospedagem mais presentes na vila do Abraão.

Muitos dos entrevistados declararam já ter visitado o local mais de uma vez, sendo que 45% já haviam visitado a Parnaioca ou Dois Rios mais de uma vez e 12% já o fizeram por cinco ou mais vezes. Por ser um destino próximo de grandes cidades, com uma atratividade elevada para o turista que busca o contato com a natureza e o distanciamento temporário da paisagem urbana, a reincidência na visita se mostra bastante elevada.

Quanto ao hábito de frequentar outras áreas protegidas, 68% responderam que sim. 92% responderam saber que estavam em área de proteção ambiental, mas apenas 13 entrevistados se arriscaram a dizer o nome da área em que estavam presentes. Destes, oito responderam corretamente Parque Estadual da Ilha Grande, três confundiram estadual com nacional e outros dois responderam INEA e Reserva Biológica.

É interessante analisar que 89% dos entrevistados são pós-graduados, estão cursando ou já completaram o ensino superior, e a grande maioria não sabia o nome da unidade de conservação em que estavam presentes. Dentre os nove estudantes da UERJ que estavam realizando pesquisas no CEADS, apenas dois responderam corretamente o nome da UC em que se localizavam.

A falta de proximidade do PEIG com o visitante pode ser fator que explica este desconhecimento por parte dos turistas. Grande parte das informações, quadros e atividades realizadas pelo PEIG acontecem no entorno do Abraão. Apesar de Dois Rios e Parnaioca receberem um número menor de visitantes, estes locais não devem ser negligenciados.

O meio de transporte principal para se chegar às praias é a pé, com 74% dos respondentes; 18% responderam chegar por embarcação e 8% de ônibus. O ônibus é liberado apenas para funcionários do CEADS ou PEIG, pesquisadores da UERJ, e para moradores da vila. Turistas e até mesmo moradores da vila do Abraão são proibidos de pegarem carona com os veículos destas instituições.



Figura 11 – Estrada para Dois Rios.

Fonte: Acervo pessoal, Janeiro 2008.

Durante o retorno para o porto do Abraão a pé pela estrada de Dois Rios (Figura 11), o pesquisador presenciou uma situação de desconforto entre um guia morador da vila do Abraão, e o motorista - morador da vila de Dois Rios e ex-guarda do então Instituto Penal Cândido Mendes – de um dos ônibus do CEADS. O guia requisitou carona para ele e seu pequeno grupo de idosos, a qual foi negada, levando o guia a exclamações de descontento com os funcionários do CEADS e alguns moradores da vila de Dois Rios, como: “Estes indivíduos ainda vivem no período da ditadura”, dando a entender que o motorista levava pequenas regras ao extremo.

Quanto ao principal motivo de visita às praias, 42% responderam o contato com a natureza, seguido por 33% que responderam conhecer a praia. Conhecer as ruínas do presídio teve apenas 5% dos respondentes, mostrando que o patrimônio histórico da ilha ainda tem muito que evoluir como atrativo turístico, apesar de ter grande potencial para isto. Quanto à avaliação da praia visitada, 58% responderam que está entre as três mais bonitas que já visitaram. Nove entrevistados disseram ser a praia mais bonita que já viram na vida e sete responderam estar entre as menos bonitas que já visitaram. Dentre os 16 respondentes que somaram estas duas últimas variáveis, 15 estão se referindo à praia de Dois Rios.



Figura 12 – Lixo na estrada Dois Rios.

Fonte: Acervo pessoal, Junho 2014

O acesso à praia visitada foi considerado bom ou ótimo por 70% dos entrevistados. A limpeza na praia somou 85%, que a consideraram boa ou ótima, apesar do contraste com a limpeza nas trilhas (Figura 12), que mesmo não tendo sido incluída no questionário foi avaliada pelo pesquisador e comentado por alguns visitantes.

A totalidade dos turistas entrevistados concordou totalmente ou parcialmente que a ausência de transportes de massa para as praias ajuda na preservação das mesmas. Apenas quatro se colocaram como indiferentes ou discordam parcialmente com a afirmação de que a ausência de meios de hospedagem para turistas, em Dois Rios, ajuda na preservação da praia, e somente oito entrevistados disseram discordar totalmente ou parcialmente com a indicação de que deve ser mantida a proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios.

Esta análise demonstra a percepção, e ao mesmo tempo certa preocupação, do visitante quanto ao avanço desenfreado do turismo em determinado local turístico e seu eventual desgaste. O visitante pesquisado acredita que o transporte massificado de turistas para as praias pode reduzir o nível da qualidade do turismo ou experiência vivenciada durante a visita nas mesmas. A ausência de meios de hospedagem em Dois Rios, para o visitante, também ajuda na preservação da praia

e vila, apesar das diferentes opiniões quanto aos meios de hospedagem controlados, como acontece em Parnaíoca, em que o PEIG limita o número de hóspedes que podem pernoitar na praia.

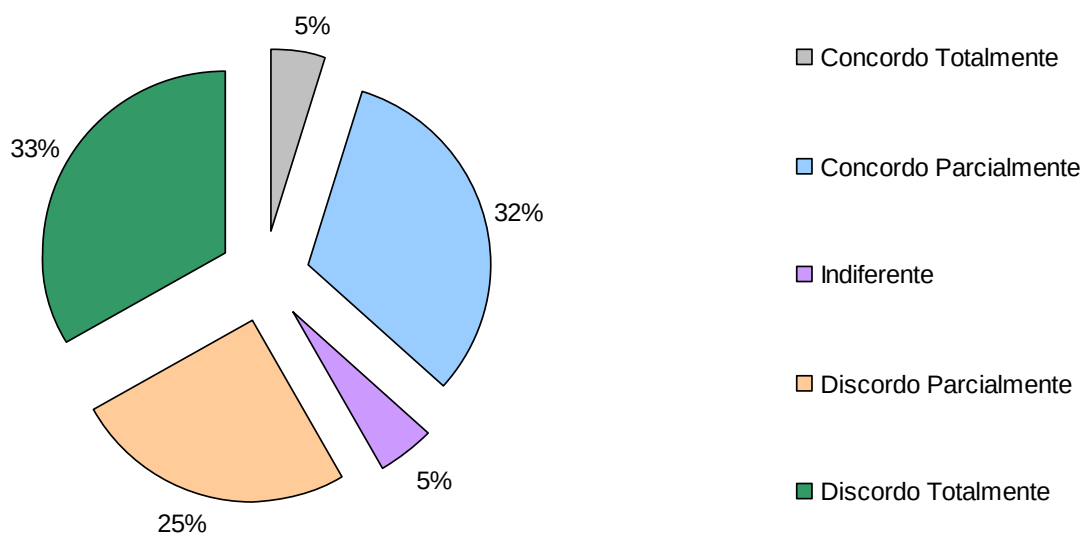


Figura 13 – Quanto à instalação de camping em Dois Rios assim como em Parnaíoca.

Fonte: Pesquisa própria, 2014

Quanto à existência de camping como meio de hospedagem, quase 60% discordam totalmente ou parcialmente, e 32% concordaram parcialmente que deve ser permitida em Dois Rios assim como em Parnaíoca (Figura 13). Esta variável contrasta com a anterior, em que os entrevistados responderam quase que totalmente, serem favoráveis quanto à proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios. Alguns visitantes que concordaram parcialmente quanto à existência de campings, responderam positivamente sobre a possibilidade de acampamentos existirem em Dois Rios, desde que sejam controlados e fiscalizados pela UC, como ocorre em Parnaíoca. Mesmo assim, a maioria dos entrevistados se manteve convicto de que mesmo o camping com controle de número de hóspedes deve ser proibido.

Quase 90% dos entrevistados concordam totalmente ou parcialmente que o grau de dificuldade da trilha de acesso às duas praias estudadas pode ser uma forma de selecionar o tipo de visitante, ajudando na preservação das praias e da trilha. Da mesma forma, mais de 90% dos pesquisados concordam parcialmente ou

totalmente que o ecoturista é um tipo de turista com maior conscientização ambiental.

Estas duas últimas variáveis reforçam a ideia de que os ecoturistas podem considerar como um fator de atração turística as trilhas que levam às praias o que, entretanto pode ser considerado como um obstáculo por outros segmentos turísticos.

A caminhada pela trilha que liga Abraão a Dois Rios e Parnaioca, pode ser vista como prazerosa e parte da experiência vivenciada durante a viagem, reforçando as afirmações de Wearing e Neil (2001). Segundo os autores, os ecoturistas, além de se mostrarem sensíveis à diminuição da vegetação e da vida selvagem, procuram locais que sejam naturais, pois o contrário pode reduzir bruscamente a experiência autêntica para este tipo de turista. As caminhadas que levam a Dois Rios e Parnaioca podem proporcionar esta experiência autêntica que este tipo de turista busca.

A acessibilidade às praias não tem como obstáculo o fato das trilhas exigirem do visitante que as percorrem um determinado condicionamento físico. Turistas que não tem a possibilidade de completar a caminhada, pelo motivo que for, podem realizar a visita das praias de barco sempre que possível.

As praias de Dois Rios e Parnaioca podem ser acessíveis para qualquer um que as deseja conhecer, independente de suas condições físicas. A preservação do meio deve ser garantida pela UC, seja através de controle de capacidade de carga, como acontece em Parnaioca, ou limitação de entradas e não pelas dificuldades de acessibilidade. Os obstáculos, como longas trilhas que atendem aos interesses de determinado tipo de turista, impedem a visita de pessoas com deficiências diversas, sendo assim, não devem ser o único meio de acesso para as praias.

Quando perguntados se retornariam ao local 95% dos entrevistados responderam que sim, e 97% indicariam a visita a outras pessoas. 90% dos entrevistados deram uma nota entre oito e dez à praia visitada, e quase 50% deram nota dez ao local visitado. Pode-se analisar que o nível de satisfação do turista com Dois Rios e Parnaioca se encontra elevado, mas muito ainda tem que ser feito para transformar esses destinos em mais do que apenas praias. Os atrativos secundários, como as ruínas do presídio, as ruínas e capela de Parnaioca, que serão apresentados na próxima seção devem ser mais explorados pela UC e respeitados como importantes para o patrimônio histórico da Ilha Grande e do Brasil.

3.3 A PERCEPÇÃO DO MORADOR LOCAL SOBRE O TURISMO

A pesquisa com os moradores buscou analisar a percepção dos mesmos quanto ao turismo que ocorre hoje na região e, como este fenômeno afeta a vida e o dia a dia da comunidade, principalmente para aqueles que trabalham diretamente com o mercado turístico. Dos doze formulários respondidos, três foram obtidos na praia de Parnaioca e nove em Dois Rios.

A praia da Parnaioca, no momento da realização da pesquisa, contava com quatro residências habitadas. A residência ao extremo sul da praia era residida pelo seu João, morador mais antigo da Parnaioca que, com seus 88 anos, vive na praia há 40. Os dois campings existentes eram administrados pelos moradores seu Silvio e dona Janete, respectivamente. A outra casa, pertencente aos pais de Janete, se encontrava vazia, pois os mesmos estavam no Rio de Janeiro por motivos de saúde. Naquele momento, então, a praia de Parnaioca contava com cinco moradores, sendo que dois não se encontravam no local. Dentre os três pesquisados na Parnaioca, dois trabalhavam diretamente com turistas em seus respectivos campings.

A pesquisa em Dois Rios foi realizada com nove moradores. O pesquisador foi diretamente à casa de nove famílias e realizou a pesquisa com um membro de cada uma delas. Os censos quanto ao número total de moradores em Dois Rios não são altamente confiáveis para o quadro atual. Relatos dos moradores também não seguiam um padrão, indicando entre 45 a 80 pessoas residentes na praia. O tamanho das famílias pesquisadas variava de dois a sete membros, incluindo o entrevistado. Três moradores recusaram-se a responder a pesquisa.

Dentre os entrevistados, estava o único ex-presidiário que ainda vive em Dois Rios, o seu Júlio (Figura 14), que hoje trabalha com artesanato e recebe parte do seu sustento a partir da atividade turística local, vivendo em liberdade condicional desde 1994, recebeu sua liberdade definitiva apenas em setembro de 2014. Além do seu Júlio, dentre os entrevistados estava o seu Houdair, ex-guarda militar do Instituto Penal Cândido Mendes, que hoje trabalha em um dos únicos estabelecimentos (Figura 15) existentes em Dois Rios – um pequeno bar / mercearia - que oferece refeições e outros produtos para os visitantes e moradores.



Figura 14 – Seu Júlio de Dois Rios.

Fonte: Acervo pessoal, Junho 2014



Figura 15 – Merceria em Dois Rios.

Fonte: Acervo pessoal, Junho 2014

Dentre os doze entrevistados, três são solteiros, oito casados e um viúvo. Oito dos pesquisados possuem mais de 51 anos, destes, cinco estão acima dos 65 anos. Quanto à escolaridade, apenas cinco possuem ensino médio completo, seis não chegaram a realizar o ensino médio, abandonaram os estudos, ou nem sequer chegaram a realizar algum nível de formação escolar. Uma das entrevistadas possui ensino superior como turismóloga e é gestora de camping.

Cinco dos respondentes se classificaram aposentados como ocupação principal, apesar de outros estarem na situação de aposentados, mas ainda atuando como artesãos, domésticas e vendedores. Dez responderam morar no local há mais de dez anos, sendo que dentre eles, três são nascidos no local.

A quantidade de visitantes por mês do ano, segundo a percepção do morador, foi bem coerente entre todos os entrevistados, com a alta temporada começando em dezembro e indo até março. Os meses de junho, julho e agosto foram classificados como média ou baixa visitação, motivo que se explica devido ao frio e período de chuvas. Os meses restantes ficaram como épocas de média visitação, segundo os locais.

A percepção do morador quanto à origem dos turistas ficou perfeitamente balanceada, 50% responderam que a maioria dos visitantes é de origem estrangeira e 50% disseram que recebem mais brasileiros do que estrangeiros.

A avaliação da estrutura do local pelo morador levou em conta o acesso, sinalização, segurança, limpeza, o museu do cárcere (ou ecomuseu) em Dois Rios, e a capela e ruínas das antigas fazendas de café na Parnaioça.

O acesso à praia foi classificado como bom por seis moradores e ruim por quatro. Um morador de Dois Rios argumentou que o acesso às praias por trilhas serve como um limitador no avanço do turismo de massa, e segundo ele as formas de se acessar as praias são o suficiente para o momento, pois caso estas fossem facilitadas iriam “quebrar a praia”. Já um morador da Parnaioça acredita que o acesso deve ser melhorado, para que mais visitantes tenham a possibilidade de conhecer as praias e não dependam exclusivamente da longa caminhada de Abraão até Parnaioça, ou da maré.

A sinalização na trilha foi avaliada como boa por quatro moradores e ruim ou péssima por oito. Para um morador que avaliou como boa, as trilhas são autoexplicativas, o que dispensaria a instalação de placas, para outro, as trilhas necessitariam sim de placas com indicação do caminho, principalmente a que liga

Dois Rios à Parnaíoca. A instalação de informativos com distância percorrida também seria algo para se avaliar. Para o pesquisador, uma das razões para as trilhas na Ilha Grande não estarem com a devida manutenção ou sinalização é para que o turista se veja obrigado a contratar o serviço de guias oferecidos por diversas agências localizadas, principalmente no Abraão.

A segurança na trilha foi classificada como ruim ou péssima por 11 dos entrevistados, alegando que, além da falta de presença do Parque Estadual, seja por guaritas ou guarda-parques, as trilhas oferecem baixa infraestrutura podendo ceder a deslizamentos. A Ilha Grande possui um histórico recente de deslizamentos fatais, a estrada Dois Rios (Figura 16), inclusive, já ficou interditada por dias devido a um deslizamento de pedras durante um período de chuvas. Felizmente não houve vítimas neste caso.



Figura 16 – Manejo de trilha após deslize de pedras na estrada Dois Rios.

Fonte: Acervo pessoal, Junho 2014

A limpeza na praia (Figura 17) foi avaliada como boa por cinco moradores e ruim ou péssima por sete. Moradores de Parnaíoca alegaram que a limpeza é feita por eles mesmos e raramente a gestão do PEIG os ajuda, inclusive com a colocação de lixeiras. Uma moradora alega que a realização de mutirões de limpeza por parte

do Parque Estadual deveria ser feita principalmente na época em que a maré traz mais lixo para a praia, pois eles não conseguem dar conta de tudo.

O Museu do Cárcere, ou simplesmente Ruínas do Antigo Presídio, é um dos atrativos turísticos de Dois Rios e está sob a administração da UERJ. Dois moradores não souberam avaliar o museu, seis avaliaram como bom ou ótimo e quatro avaliaram como ruim. O museu resgata uma instituição, no caso o Instituto Penal Cândido Mendes, de extrema importância para a história das instituições carcerárias do Brasil. Muito ainda pode ser feito pra elevar o espaço das ruínas do presídio como ponto turístico da Ilha Grande e mostrar que a ilha, além de possuir praias com elevado grau de atratividade turística, também possui uma história com passagens importantíssimas para o patrimônio histórico e cultural do país.



Figura 17 – Sujeira na orla da praia de Parnaiooca.

Fonte: Acervo pessoal, Junho 2014

A capela de Parnaiooca e as ruínas das antigas fazendas que lá estiveram presentes, não são conhecidas por muitos. Dos oito moradores que disseram conhecer, quatro avaliaram como bom e quatro, como ótimo. A capela é um exemplo claro de que o PEIG não dá a devida importância ao resgate histórico e cultural destas praias. Toda a manutenção da capela, tanto interior como externa, é feita pelo

Sr. Silvio, de acordo com todos os moradores da Parnaioça e alguns de Dois Rios. O mesmo morador instalou cercas de madeira e arame farpado ao redor do cemitério que se encontra próximo à capela na tentativa de aumentar a proteção da estrutura, pois, segundo ele “se ninguém fizer nada, quem vai fazer? Minha família também se encontra enterrada neste cemitério.”

As perguntas seguintes buscaram obter a percepção do morador com questões ligadas diretamente ao fenômeno turístico, contrapondo ideias sobre assuntos semelhantes, como desmatamento, acúmulo de lixo, poluição sonora, entre outros. Buscou-se analisar como a comunidade local percebe os efeitos e as consequências do turismo.

Quando perguntados se o turismo provoca desmatamento, nove responderam que discordam totalmente, e sobre o turismo modificar a paisagem natural ou construída do local, 11 discordaram totalmente. Estas perguntas mostram que o morador não sente que o meio natural ou artificial em que vive está ameaçado pelo turismo, apesar de oito concordarem parcialmente ou totalmente que a quantidade de turistas aumentando, pode trazer malefícios à região. Os moradores se mostraram indecisos, como um todo, quando indagados se a quantidade de turistas é uma ameaça ao local (Figura 18).

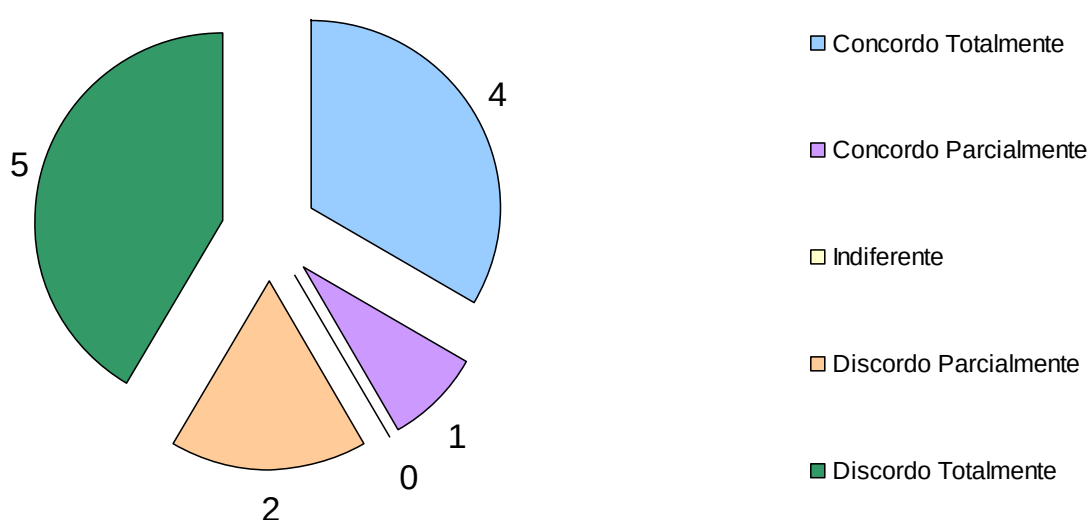


Figura 18 – A quantidade de turistas é uma ameaça ao local.

Fonte: Pesquisa própria, 2014

Com a análise anterior, percebe-se certa preocupação do morador com o avanço desenfreado do turismo em Dois Rios e Parnaioça. Mesmo assim, quatro

concordaram totalmente ou parcialmente, e seis discordaram totalmente ou parcialmente quanto à ausência de meios de hospedagem em Dois Rios ajudar na preservação da praia. Quando perguntados se deve ser mantida a proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios, seis concordaram totalmente e o restante se distribuiu bem entre as outras opções. Certa confusão nas respostas das variáveis anteriores, sobre meio de hospedagem, demonstra o temor notado pelo pesquisador sobre Parnaioca, e principalmente Dois Rios, se tornarem uma nova Abraão. Um morador chegou a afirmar que a vila do Abraão “está entregue, e não tem mais jeito”, tanto para turistas como para empreendedores do turismo, como pousadas, campings, restaurantes, agências, entre outros. A forma alarmante em que a atividade turística avançou no principal porto de entrada da ilha causa, no mínimo, receio aos olhos dos moradores de Parnaioca e Dois Rios.

Oito moradores concordaram totalmente que a ausência de transportes de massa ajuda a conservar as praias, e sete disseram concordar totalmente ou parcialmente com a afirmação de que a dificuldade da trilha pode ser uma forma de selecionar o tipo de visitante, ajudando na preservação da praia e trilha. A preocupação aqui é mais com o avanço desenfreado do turismo do que com o tipo de visitante em si. A ideia de que o turista que se dispõe a caminhar por cerca de doze quilômetros pela mata para visitar uma praia, o faz porque se sente bem em contato com a natureza e eventualmente se preocupa com ela, existe, mas o ponto aqui é o temor com o avanço desenfreado da atividade turística. Generalizações quanto ao melhor tipo de turista, ou controle de capacidade de carga, não deveriam ser baseadas exclusivamente na dificuldade de se acessar o local. Para o pesquisador a acessibilidade deve ser para todos que desejam o contato com as praias; outros mecanismos para limitar o número de turistas devem ser empreendidos, tais como o controle de acesso pelo PEIG ou limite de hóspedes em meios de hospedagem, como ocorre na Parnaioca.

A prática de camping controlada pelo PEIG em Parnaioca foi levada em conta pela pesquisa. Ao perguntar ao morador se deve ser permitida a prática de camping em Dois Rios assim como em Parnaioca, sete concordaram totalmente ou parcialmente, e cinco discordaram totalmente ou parcialmente. Um dos moradores comentou já ter abrigado turistas no quintal da sua casa sem o conhecimento dos guardas e que também, muitos moradores não gostam de visitantes pernoitando ilegalmente em Dois Rios. O morador afirmou ainda, que abrigou os visitantes por

conta do tempo chuvoso e por já estar tarde para o retorno deles a pé pela estrada Dois Rios, mas deixou claro que eles deveriam ir embora assim que amanhecesse, pois não queria ficar mal visto pelos moradores mais conservadores e pelos vigilantes.

A relação do visitante com o morador em Dois Rios parece ter melhorado muito desde a implosão do presídio na década de 1990. Mesmo assim, ainda pode ser notada a herança da rigidez militar da época. O toque de recolher permaneceu por algum tempo, mesmo depois do encerramento das atividades do presídio. As marcas da vida da época da ditadura militar ainda existem.

Nos últimos anos, o assassinato de dois turistas – um envolvido com práticas homossexuais e outra com porte de drogas – é visto por moradores de Dois Rios e do Abraão como casos exemplares das novas ameaças que lhes batem à porta. É importante destacar que os assassinos não são temidos – sua violência nem mesmo é percebida por boa parte da população –, mas sim o homossexualismo e a droga, o que deixa clara a dificuldade que se apresentam após a desativação da penitenciária. [...] Há o choque de valores relacionado aos “bons costumes” [...] (SANTOS, p.203, 2006).

Até mesmo uma moradora, proprietária de camping na Parnaioca, filha de um ex-guarda militar da penitenciária, demonstrou filtrar seus hóspedes. Os que parecem, aos seus olhos usuários de drogas, bagunceiros, muito jovens e em grupo, ela os direciona ao camping seguinte, sem qualquer confirmação disso. Para ela, é preferível não recebê-los a se estressar com esses assuntos. “Sorte que aqui também tem o camping do Silvio para esse tipo de coisa”, afirma ela. Como moradora, empreendedora e funcionária do seu camping, ao mesmo tempo, isso pode ser bastante compreensível.

Quanto ao uso de drogas por parte dos turistas, cinco concordaram totalmente ou parcialmente e quatro discordaram totalmente essa prática incomoda ao morador. Três se posicionaram de forma indiferente, alegando que não é comum o uso de drogas nas praias, principalmente em Dois Rios por não ser permitido o pernoite. Esta é uma questão muito pessoal de cada um e não cabe ser discutida neste trabalho.

Onze discordaram totalmente que o barulho causado pelos turistas atrapalha o morador, e nove discordaram totalmente que o turismo traz poluição sonora ao local. Muitos moradores afirmaram que o turista convencional não costuma fazer

nenhum tipo de barulho considerável que atrapalhe ou incomode o morador. Um nativo da Parnaioca, apenas, comentou que durante a alta temporada alguns barcos de luxo, não frequentemente, costumam parar na orla e ligar o som em níveis absurdos, o que, além de atrapalhar a vida do morador e do turista que ali se hospeda, incomoda também os animais. Um guia local, ao ser abordado sobre o assunto, disse que também é contra até mesmo o uso de fogos de artifício em períodos festivos, pois o mesmo assusta diversos tipos de animais silvestres e eclodem até pequenos ovos de certas aves.

A poluição com o acúmulo de dejetos, ligada ao turismo, mostrou certa divergência de opiniões. Quatro moradores concordaram totalmente ou parcialmente, e oito discordam totalmente ou parcialmente que o turismo proporciona acúmulo de lixo nas praias e trilhas. Muitos moradores ligaram o acúmulo de lixo nas praias com as condições da maré, que traz dejetos do alto mar. Como já foi falado, alguns nativos cobram maior presença do PEIG na coleta de lixo. A moradora Janete, da Parnaioca, reclamou já estar cansada de realizar a limpeza da área junto com outros moradores. A moradora afirma que para reclamarem do camping, fiscalizarem sempre a área, conferirem o número de hóspedes, ameaçarem tirar ela de lá, eles sempre aparecem, mas para ajudar com sinalização, limpeza e melhorias na Parnaioca eles nunca estão.

Nove moradores disseram concordar totalmente ou parcialmente que o ecoturista é um tipo de turista com maior conscientização ambiental, reforçando o que já foi citado, de que o ecoturismo aparece como uma alternativa ao turismo de massa, como uma maneira mais sustentável de uso do local. Para o morador, o ecoturista seria o melhor tipo de turista, pois é um visitante que se preocupa com o meio ambiente e com a comunidade local. É interessante frisar que boa parte dos que concordaram totalmente com esta afirmação não possuem um alto grau de alfabetização, alguns até sem escolaridade, mostrando que o prefixo eco carrega por si só a ideia de desenvolvimento sustentável e harmonia com o natural.

Todos os entrevistados disseram concordar parcialmente ou totalmente que o turismo traz benefícios econômicos ao local. Muitos ali, hoje vivem do turismo, seja vendendo artesanato, trabalhando em escunas, *taxi boats*, campings, loja de conveniências, entre outros. Os que não estão envolvidos diretamente com o turismo já estão aposentados ou trabalham para a UERJ. Estas se tornaram as únicas

opções viáveis para continuar vivendo na ilha desde a redução da pesca artesanal e desativação do antigo presídio.

Onze moradores concordam totalmente ou parcialmente que o turismo traz qualidade de vida ao local. A única forma de desenvolvimento econômico para muitos nativos nos dias de hoje é o turismo, sendo assim o aumento de qualidade de vida para o morador pode se tornar sinônimo de maior possibilidade de aumento da renda pessoal. A possibilidade de manutenção das áreas verdes da ilha para fomento de um turismo sustentável também mostra um forte laço com o conceito de qualidade de vida para o morador. Para um morador da Parnaioça, a paz do lugar é o principal atrativo, tanto para o morador, quanto para o turista.

Sete moradores concordam totalmente ou parcialmente que o turismo ajuda a preservar e valorizar o local (Figura 19). O entendimento é de que o turismo, apesar dos pesares, ainda é menos danoso ao meio ambiente do que outros meios de desenvolvimento econômico, como agricultura, pecuária e grandes indústrias. O ecoturismo, quando feito de forma correta, serve como mecanismo de proteção de áreas verdes, pois depende do meio para seu autoconsumo.

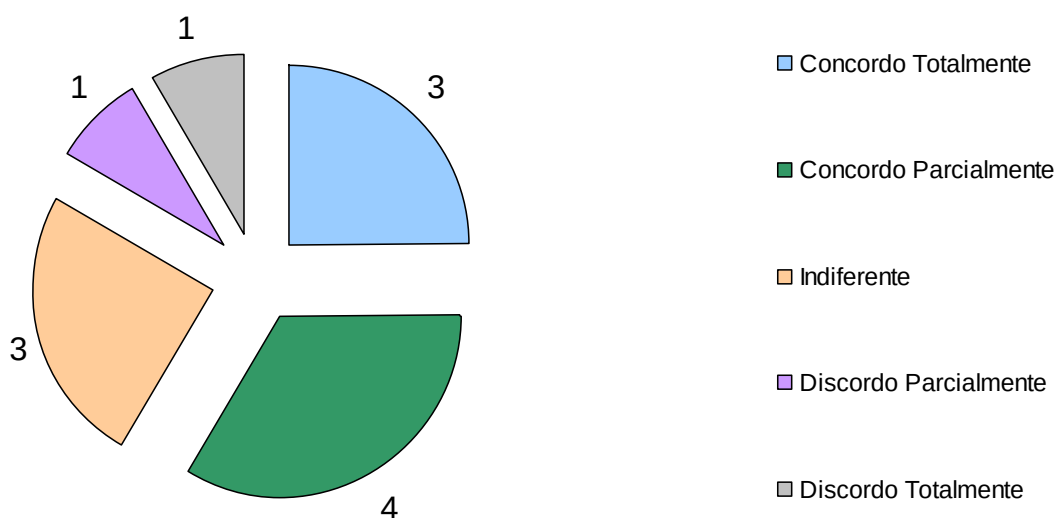


Figura 19 – O turismo ajuda a preservar e valorizar o local.

Fonte: Pesquisa própria, 2014

Quando indagados se o turismo é positivo para a região, onze entrevistados concordaram totalmente e apenas um se colocou de forma indiferente. Dez moradores deram a nota máxima especificamente para a praia em que vivem. Muitos moradores se mostraram felizes nas condições simples em que vivem. Dona

Janete da Parnaioca afirmou que “o morador daqui tem a capacidade de ser feliz de forma simples”, e seu Júlio, de Dois Rios, diz que se sente muito feliz vivendo com seus filhos em Dois Rios, e que “o turista gosta de falar comigo, me entrevistarem, comprar meu artesanato” afirmou ele, famoso por ter auxiliado o conhecido traficante Escadinha em sua fuga cinematográfica de helicóptero do Instituto Penal Cândido Mendes.

A paixão demonstrada por alguns moradores pelo lugar em que vivem é notória e apesar de alguns que trabalharam no presídio, se referirem ao passado com nostalgia, outros agradecem por não viver mais com temor de presidiários fugitivos. Dona Janete conta que, quando criança, algumas vezes se viu obrigada a se esconder por ordens de seu pai, devido às constantes fugas de detentos do presídio. O turismo aparece como fenômeno que, além de trazer estabilidade econômica, pode ajudar a conservar a Ilha Grande contra o avanço de atividades não sustentáveis, mas só com a união entre todos os agentes envolvidos será capaz de se alcançar o desenvolvimento ideal.

3.4 AS PRAIAS HOJE: UMA VISÃO DO PESQUISADOR

A pesquisa quantitativa apresentada buscou dar suporte ao estudo e observação estruturada do pesquisador durante o período de coleta de dados, além de visitas realizadas anteriormente que auxiliaram para uma melhor análise de Dois Rios e Parnaioca.

As principais reclamações dos moradores da Parnaioca são referentes à falta de auxílio do Parque Estadual da Ilha Grande. Além de a capela de Parnaioca estar sob os cuidados do morador e proprietário de um dos campings, Seu Silvio, a sinalização no local e as lixeiras (Figura 20) foram instaladas pelo mesmo, confirmando a falta de apoio dos órgãos públicos.



Figura 20 – Sinalização e colocação de lixeiras feitas pelo morador na Parnaíoca.

Fonte: Acervo pessoal, Junho 2014

Os próprios moradores realizam eventos durante as épocas festivas, como festa junina e réveillon, em que eles mesmos montam a infraestrutura necessária para a realização, com barracas feitas de bambu para venda de comidas típicas, contratação de grupos musicais, entre outros.

Os moradores também se posicionaram contra a proibição recente da passagem de trilheiros que vêm do Aventureiro. Agentes da Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul não permitem a passagem de turistas na praia do Sul e do Leste, afetando significativamente os visitantes que realizam a famosa volta à ilha somente caminhando. Seu Silvio comenta que isso reduz o número de turistas na Parnaíoca, principalmente nos períodos de baixa temporada.

Fica clara em alguns aspectos, a falta de proximidade da gestão das unidades de conservação que atuam diretamente no turismo da Ilha, com a comunidade local. As reuniões com os moradores acontecem, mas “não saem nada concreto delas”, como afirmam os nativos, devido à dificuldade do INEA em lidar com o turismo e com a comunidade, além de sua visão muito preservacionista. Notou-se, aliás, um descontentamento muito grande, por parte dos moradores de Parnaíoca, com os guarda parques e a forma de abordagem dos mesmos. Como dito anteriormente, dona Janete reclama que o PEIG aparece para cobrar, reclamar, fiscalizar a estrutura do camping e se estão com o número permitido de hóspedes, mas a limpeza, sinalização e manutenção do patrimônio são realizadas quase que exclusivamente pelo morador.

Como observado por Oliveira e Irving (2010), os nativos da Ilha Grande, em geral, participam indiretamente do desenvolvimento turístico da Ilha principalmente pela dinâmica econômica a ele associado. No entanto, não se envolvem diretamente com o planejamento e no processo de construção participativa na gestão e política de turismo para a Ilha. Alguns autores afirmam que o nativo atua diretamente no planejamento turístico da Ilha, mas a complexidade do fenômeno do turismo no local dificulta as relações entre os agentes. Para se alcançar uma prática de ecoturismo ideal, os agentes atuantes, de acordo com Wearing e Neil (2001), devem trabalhar em união e harmonia, e evitar a celeuma, para atingirem metas e objetivos estabelecidos que auxiliem o desenvolvimento sustentável da região, tanto no âmbito social quanto natural.

Geralmente, as questões conflitantes expressas por representantes das comunidades hospedeiras em relação aos desenvolvimentos turísticos recaem em categorias inter-relacionadas: a falta de oportunidade de se envolver no processo de tomada de decisões quanto ao ecoturismo; [...] a falta de benefícios financeiros, sociais e vocacionais que fluam para essas comunidades; [...] a necessidade de estabelecer melhores ferramentas para avaliar os efeitos socioculturais [...] e os impactos sobre a coesão e a estrutura da comunidade (WEARING; NEIL, 2001, p.123).

Os campings na Parnaioca não são de difícil acesso apenas para os turistas, os moradores também sofrem com as variações da maré e dificuldade da trilha. Seu Silvio observou que a trilha é muito pesada e isso limita o acesso à praia a ser realizado praticamente todo pelo mar. Durante a estada do pesquisador as chuvas eram constantes e impossibilitaram o transporte pelo mar até Abraão ou para o continente, o que fez com que familiares do seu Silvio que ali estavam passando as férias, adiassem seu retorno em muitos dias, fazendo-os perder compromissos como trabalho e escola. O marido da proprietária de um dos campings, dona Janete, teve que ir à Parnaioca por trilha, debaixo de chuva, pois, ao chegar no porto do Abraão, nenhum barqueiro estava realizando a travessia até a Parnaioca.

A trilha de Abraão à Parnaioca é muito extensa, somando mais de quatro horas e meia de caminhada. Ela é composta pela estrada que liga Abraão à Dois Rios continuando pela trilha que liga a fazenda Dois Rios a Parnaioca. Totalizando desde Abraão, a trilha possui cerca de 25 km, o que a torna uma caminhada bem extensa para os que não estão acostumados ou não possuem um bom preparo

físico. Além disso, a partir de Dois Rios a trilha é muito fechada e com um risco maior de acidentes, principalmente para aqueles não acostumados ou para quem caminha sozinho. Apesar dos moradores afirmarem que nem se lembram de casos de turistas sendo picados por uma das diversas cobras que existem na Ilha – inclusive a cobra coral, uma das mais perigosas do mundo (a vítima pode vir a falecer até seis horas depois da picada, segundo os locais), - o aviso para tomar cuidado durante a trilha foi recorrente. O pesquisador a caminho da Parnaioca encontrou o corpo de uma cobra Jararacuçu atravessado na trilha, sendo comido por urubus. A ilha não possui soro antiofídico, sendo necessário em caso de picadas, o transporte até Angra dos Reis. Percorrer qualquer trilha sem acompanhantes também não é indicado.

A complexidade da trilha limita o acesso dos visitantes que não conseguem realizar a caminhada durante o período de complicações na maré. A dificuldade da trilha, somado à proibição da passagem nas praias do Sul e Leste, reduzem o número de visitas durante os períodos fora da alta temporada e feriados, segundo um dos moradores. Neste caso, a trilha não pode ser usada como reguladora no número de turistas que a praia recebe, pois o controle já é realizado pelo PEIG, determinando o número de hóspedes que podem pernoitar na Parnaioca.

A Parnaioca não possui rede de energia elétrica. A energia disponível é obtida por geradores elétricos, alguns deles movidos a partir de painéis solares, financiados pelos próprios moradores. O horário de utilização destes geradores é controlado pelos mesmos.

Pela observação do pesquisador fica muito claro que o PEIG não se importa com o turismo na região, perdendo uma ferramenta de alto valor para promover a educação ambiental, atrair ecoturistas e possivelmente elevar o local como exemplo de gestão. O Parque, segundo os moradores, basicamente só realiza a fiscalização das estruturas do camping e do número de hóspedes, no que tange a relação direta com o turismo. Não ajuda de forma suficiente na limpeza da praia, manutenção e sinalização do patrimônio, não incentiva os moradores a aperfeiçoarem os meios de hospedagem e eventualmente profissionalizar a atividade turística.

Em Dois Rios a gestão do uso turístico do local já ocorre de forma diferente. Além da quantidade de moradores ser muito maior, a instalação de meios de hospedagem, mesmo com controle, é proibida pelo CEADS/ UERJ, pois a área é

destinada à realização de pesquisas acadêmicas. A presença de vigilantes da UERJ também é notória em Dois Rios, fiscalizando a entrada e saída de visitantes.

Além da praia, a vila de Dois Rios conta agora com um Ecomuseu sob a administração da UERJ, e as ruínas do presídio que passaram por uma reforma e hoje fazem parte do Museu do Cárcere, que é uma das instalações previstas para o Ecomuseu. A melhoria na estrutura do museu é notória. Através da figura 21, pode-se analisar o quanto a infraestrutura das ruínas foi reestruturada para melhor receber o público, se aproximando da história e memória do cárcere ali existente. Muito ainda pode ser feito pelo patrimônio histórico e cultural da Ilha Grande, principalmente com parcerias entre os agentes do turismo para impulsionar a divulgação e sinalização.



Figura 21 – Padaria das ruínas do presídio. No lado esquerdo em 2008 e no direito em 2014.

Fonte: Acervo pessoal, Janeiro 2008 / Junho 2014

Além da praia e do museu, Dois Rios apresenta alguns moradores como “atrações turísticas”, pois muitos ali viveram e/ou trabalharam no Instituto Penal Cândido Mendes, como é o caso de Seu Júlio, que vive em Dois Rios desde seus vinte anos, quando se tornou prisioneiro. Ganhou sua liberdade condicional por bom comportamento, já chegando a trabalhar como cozinheiro na casa de guardas do Instituto.

Seu Júlio constituiu família em Dois Rios e hoje é aposentado. Trabalha como artesão e vende seus produtos para os turistas que visitam a praia. Suas obras estão à mostra, junto com as de outros moradores, no Ecomuseu da Ilha Grande. Seu Júlio diz que o turismo é positivo para a região, pois pode vender seus

artesanatos, além de visitantes mais envolvidos com história irem visitá-lo para conhecer o único ex-presidiário do Instituto penal que ainda vive na vila. Muito gentil, seu Júlio gosta de contar suas histórias de vida.

Muitos ex-guardas também moram com suas famílias em Dois Rios. Alguns, como seu Houdair, trabalham diretamente com o turismo. Ele e sua esposa, tia Tereza, administram um dos únicos estabelecimentos comerciais da vila, oferecendo produtos alimentícios, bebidas, refeições, entre outros. Morador da vila há mais de 40 anos, seu Houdair acredita que o turismo bem planejado só pode trazer benefícios à região, principalmente econômicos.

Apesar da aparente boa adaptação com o turismo, alguns guardas relembram com certa nostalgia sobre a época do funcionamento do presídio. Um deles relembra durante conversas no bar da tia Tereza, com um olhar de prazer e certo sadismo, da época em que saía pelas matas da Ilha atrás de presos fugidos e era liberado pelos seus superiores para fazer o que quisesse com alguns deles. O tom de nostalgia com que relatava as agressões foi até comentado por um guia de turismo do Abraão que se encontrava no local, demonstrando impaciência com o fato e dizendo ser um absurdo alguém ser capaz de ter orgulho de atitudes desse tipo.

O turismo está sim já enraizado na vila de Dois Rios e na Ilha Grande como um todo. Vinte anos já se passaram desde o encerramento das atividades do presídio, mas os relatos e as histórias, ainda vivem com os moradores e, além de se refletirem no seu modo de vida, se tornam alvo de interesse dos visitantes mais curiosos.

As pesquisas relativas ao turismo nas praias poderiam ser mais valorizadas pelas instituições locais. O pesquisador buscou apoio com o PEIG, o CEADS e com o Ecomuseu de Dois Rios. O PEIG informou que, devido à proximidade da Copa do Mundo de Futebol, estavam com suas instalações ocupadas e em um período de muito trabalho com os grandes eventos. O CEADS não deu qualquer resposta, e o Ecomuseu demonstrou apoio e entusiasmo inicialmente, até o momento que a pesquisa foi apresentada como voltada para a atividade turística de Dois Rios e Parnaioca, depois disso o pesquisador não obteve mais respostas.

Não somente Dois Rios e Parnaioca, mas toda a Ilha Grande é um verdadeiro laboratório para pesquisas relacionadas à atividade turística. O local vive um processo de transformação muito delicado, e qualquer ação pode definir o futuro do tipo de turismo que ocorrerá no local. A Ilha já está no ponto de maturidade do

processo turístico e somente a união de todos os agentes atuantes, entendendo a importância da atividade, conseguirá definir de forma positiva qual o rumo que a Ilha Grande irá tomar. Como afirma Getz (*apud* ARAUJO, 2006), assim que se obteve o entendimento de que as destinações turísticas possuem um ciclo de vida, envolvendo incremento e declínio, o interesse na CCT surgiu como uma forma de redução no impacto ambiental causado pelo turismo.

Para o pesquisador, o ecoturismo aliado ao estudo da CCT pode ser o elo de ligação entre a atividade turística na Ilha Grande e o desenvolvimento sustentável. Através de medidas que tornem as praias acessíveis a todos que desejam visitá-las, independente de condições físicas ou financeiras, mas com um controle sobre a entrada em massa de turistas, que possa de alguma forma danificar o meio ambiente, junto com a promoção da educação ambiental e aproximação com o patrimônio histórico e cultural, não só de Dois Rios e Parnaioca, mas de toda a Ilha Grande.

Os agentes atuantes no desenvolvimento turístico da Ilha podem ver no ecoturismo o segmento ideal para investirem seus ideais de planejamento. O próprio Ministério do Turismo (2012) afirma que dentre os princípios do ecoturismo está a conservação ambiental aliada ao envolvimento das comunidades locais, devendo ser sempre desenvolvido sob a ótica da sustentabilidade em seu âmbito cultural, social e ambiental. Dentre todas as definições de ecoturismo vistas neste trabalho, sabe-se que este é um segmento que visa, acima de tudo, a preservação do meio ambiente.

Pode-se dizer, finalmente, que Dois Rios e Parnaioca possuem potencial turístico para atrair visitantes interessados tanto no patrimônio histórico e cultural da Ilha Grande, como turistas que buscam o contato com a natureza e apreciação da paisagem natural. Concluí-se, pelo ponto de vista do pesquisador, que a união entre PEIG e moradores para a realização de projetos de interesse comum aos dois, pode ser a chave para a melhora na relação entre UC e nativos, além do eventual aperfeiçoamento da atividade turística no local em que foi realizado este estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso buscou apresentar a visão do visitante e do morador sobre o turismo que ocorre atualmente nas praias de Dois Rios e da Parnaioca na Ilha Grande, juntamente com a observação crítica do pesquisador durante sua estada nestas praias.

Muito pôde ser analisado com o processo de realização deste estudo. A Ilha Grande se mostra como um verdadeiro laboratório para pesquisas turísticas. A principal atividade econômica que ocorre hoje na Ilha é o turismo, e as suas conseqüências podem involuntariamente afetar o meio social do local, e definem as relações entre a comunidade local, órgãos públicos, ONGs e gestão privada. Como sugere Wearing e Neil (2001), os interesses em comum entre esses grupos devem ser analisados como os principais e de extrema importância para a redução de conflitos, e os mesmos podem envolver questões como o uso da terra e do ambiente, patrimônio, hospedagem, acesso de visitantes, entre outros.

No caso de Dois Rios e da Parnaioca, também chamado de setor três pela gestão do PEIG (INEA, 2013), como a pouca iniciativa privada existente é toda realizada pelos próprios moradores – hospedagem na Parnaioca e restaurantes em Dois Rios – a relação nesse jogo de interesses se dá principalmente entre gestão pública e comunidade local, que também é grande parte do *trade* turístico. Neste contexto que o foco dos conflitos existentes foram analisados.

O ecoturismo surge, neste contexto, como uma alternativa sustentável para o turismo na Ilha Grande, e não poderia ser diferente em Dois Rios e Parnaioca. Contextualiza-se, então, como um tipo de turismo teoricamente ideal para esse tipo de ambiente, atendendo a satisfação de todas as partes e buscando educar o turista quanto à importância da preservação do meio em que o parque se situa. Tanto o visitante quanto o morador tiveram a percepção, de acordo com a pesquisa, de que o ecoturista é um tipo de turista com maior conscientização ambiental.

Nem todo tipo de turismo ecológico pode ser chamado de ecoturismo. O ecoturismo deve ter na base de sua análise, como afirma Butler, alguma forma de benefício para o meio ambiente: “se o meio ambiente não tiver alcançado ao menos um benefício líquido no que se refere à sua sustentabilidade e integridade ecológica, então a atividade não é ecoturismo” (1992 *apud* WEARING; NEIL, 2001, p.12). E

ambiente, neste caso, deve ser entendido como um composto social, econômico, natural, entre outros.

Sabendo disso, muito ainda pode ser feito para se alcançar um ecoturismo de qualidade em Dois Rios e Parnaíoca. Pequenos conflitos entre moradores e os gestores das unidades de Conservação ainda existem e devem ser minimizados ou eliminados, para facilitar o entendimento entre ambas as partes. Somente após isso se conseguirá alinhar o planejamento e o processo decisório em prol de objetivos positivos para morador, UC, meio ambiente e visitante.

As praias de análise passaram por um contexto histórico conturbado, desde a fase da cultura do café até quase um século de instalações penitenciárias. Dois Rios e Parnaíoca, e eventualmente seus moradores restantes, sofreram transformações que se refletem nos dias de hoje e na atividade turística. O morador se mostrava mais fechado inicialmente em relação ao visitante, tendo algumas dificuldades para se adaptar desde o *boom* turístico na década de 1990. Mas, com o tempo e as mudanças no contexto econômico e social, os nativos das praias pesquisadas se habituaram ao turismo que ocorre atualmente e buscam se harmonizar com ele cada vez mais.

Sabe-se que muitos dos que vivem hoje em Dois Rios e Parnaíoca tiveram relações diretas com o Instituto Penal Cândido Mendes, sendo ex-funcionários, ex-presidiários, tendo parentesco com os antigos guardas militares ou simplesmente, viveram o temor das fugas constantes. Este fator de proximidade com uma cultura de violência que ali existiu podem ter influenciado atrocidades como as acometidas contra dois turistas, relatada pelo autor Santos (2006) e citada neste trabalho. Felizmente, essa relação de repúdio violento a valores que não condizem com o modo de vida do local não acontecem mais, pelo menos de forma perceptível aos olhos do pesquisador e do turista. Um morador da Parnaíoca afirmou que a praia do Aventureiro e seus moradores se adaptaram de forma muito mais positiva ao turismo do que Parnaíoca e Dois Rios. Sem ele dizer o porquê, pode-se pensar que a ausência de uma cultura da violência alimentada durante os anos de presídio, além de outros aspectos culturais e históricos, possam ter definido o turismo que ocorre de forma diferenciada no Aventureiro.

O turismo que ocorre em Dois Rios e Parnaíoca, apesar de locais muito próximos, são diferentes entre si. Dois Rios tem sua área voltada para pesquisas científicas, principalmente nas áreas de biologia, química e outras ciências exatas.

Infelizmente o CEADS/UERJ ainda não visualiza a atividade turística como importante o suficiente para dar a devida atenção, que mesmo a atividade turística sendo responsabilidade do INEA, o apoio acadêmico através de pesquisas seria útil e interessante. Sabe-se que, hoje a Ilha Grande depende dessa atividade, e Dois Rios pode não conseguir se isolar para sempre se o turismo da ilha se expandir de forma predatória, sem pesquisas e sem ferramentas de gestão que o delimitem e ditem que tipo de turismo seja o ideal para a ilha.

Isolar uma área contra o avanço de equipamentos turísticos em prol da ciência e ignorar o que ocorre em seu entorno, pode não ser estratégico e suficiente. Sabe-se que a atividade turística na Ilha Grande passa pelo seu processo de maturação. Segundo Butler (2006), todas as decisões daqui em diante irão definir se o destino turístico irá entrar em declínio ou resultará em seu rejuvenescimento. No caso da Ilha a complexidade do turismo que ocorre em diversos pontos, mostrando o acontecer de uma atividade diferenciada entre as praias, torna essa gestão ainda mais sutil.

Somente por meio de pesquisas acadêmicas voltadas para o turismo e a valorização de profissionais que compreendem a complexidade deste fenômeno, será possível alcançar uma atividade sustentável que atenda a todas as partes envolvidas. Infelizmente, negligenciar as pesquisas voltadas para atividade turística, dentro e no entorno de Dois Rios, como o CEADS / UERJ, e o próprio INEA, de certa forma demonstra atualmente, pode resultar em consequências danosas para toda a Ilha Grande.

A praia de Parnaioca possui um acesso limitado por diversos fatores e, apesar dos meios de hospedagem ali existentes e do controle de leitos feito pelo PEIG; o clima, maré e condições da trilha, ajudam a definir que tipo de turista a praia recebe. Além disso, a reclamação dos moradores quanto à falta de auxílio e importância dada à Parnaioca pela gestão do PEIG, no que tange a atividade turística, é constante. A energia utilizada na hospedagem, a limpeza da praia e a manutenção de certos atrativos, segundo os próprios moradores, é toda feita por eles.

A cachoeira e mirante da Parnaioca são exemplos de potenciais atrativos que estão completamente abandonados. O pesquisador os visitou e ficou visível o completo descaso. As ruínas da Parnaioca, que podem ser exploradas como patrimônio histórico importantíssimo para a Ilha Grande, também se encontram envoltas de lixo e abandonadas. A Capela da Parnaioca foi encontrada em bom

estado, mas segundo relatos de diversos moradores, inclusive de Dois Rios, a manutenção é feita por um nativo. O desentendimento entre comunidade local e a equipe gestora da unidade de conservação aparece como um caso clássico na Parnaíoca.

O turismo que ocorre hoje em Dois Rios e Parnaíoca possui diversos problemas, mas para o visitante não deixam de ser destinos de belezas cênicas invejável. O acesso ainda é limitado por diversos fatores, e muito ainda tem que ser trabalhado para se alcançar um ecoturismo ideal para as praias. A interdependência com as outras praias da ilha também não pode ser negligenciada. As pesquisas na área do turismo devem ser incentivadas, juntamente com a profissionalização de gestores que compreendam o funcionamento da atividade. O pesquisador, assim como todos os visitantes que se encantaram com a Ilha Grande e, mais especificamente Dois Rios e Parnaíoca, acredita que o turismo sustentável ainda pode ser uma realidade para o destino.

REFERÊNCIAS

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis; NETTO, Alexandre Panosso. **A Segmentação dos Mercados como Objeto de Estudo do Turismo**. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 7, 2010, São Paulo. Disponível em: <<http://www.anptur.org.br/ocs/index.php/seminario/2010/paper/downloadSuppFile/436/78>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

ARAÚJO, Carolina Dutra de. A invenção da Ilha Grande: A influência do Instituto Penal Cândido Mendes na turistificação local. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.1-12, 2010.

ARAUJO, Carolina Dutra de. **Perfil do Visitante e Capacidade de Carga Turística em Unidade de Conservação**: O caso do Parque Estadual da Ilha Grande, RJ. 2006. 76 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Ambientais e Florestas, Departamento de Instituto de Florestas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2006.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Decreto nº 5.758, de 13 de abril de 2006. **Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas - PNAP**.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Diretrizes para Visitação em Unidades de Conservação**. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Diretoria de Áreas Protegidas. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006. 61p.

BUTLER, Richard W.. **The Concept of a Tourist Area Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources**. Ontario: Channel View Publications, 2006.

FRATUCCI, Aguinaldo César. **A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo**: as possibilidades das redes regionais de turismo. Niterói-RJ: UFF, 2008, 308 f. Tese (doutorado), Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2008.

FRATUCCI. **O ordenamento territorial da atividade turística no Estado do RIO de Janeiro**: Processos de inserção dos lugares turísticos nas redes do turismo. 2000. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

ILHA GRANDE. Disponível em: <http://www.ilhagrande.com.br/praias/>. Acesso em 10 Jun. 2014

ILHA GRANDE, **Localização e Dados**, Disponível em: <http://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/localizacao-e-dados/>. Acesso em 19 de Mai. 2014.

INEA, Parque Estadual da Ilha Grande, **Anexo ao Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha Grande**. p. 1-215, Disponível em <http://www.inea.rj.gov.br/cs/groups/public/documents/document/bmvh/mdey/~edisp/inea012818.pdf>. Acesso em 15 de Set. 2014.

INEA, Parque Estadual da Ilha Grande. Disponível em: http://www.inea.rj.gov.br/unidades/pqilhagrande_apresentacao.asp. Acesso em 28 Dez. 2013.

LEGISLAÇÃO ICMBIO. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. v. 1.

MATHEUS, Fabricio Scarpeta. **Capacidade de carga e manejo de visitantes**. 2003. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Escola de Comunicações e Artes, Departamento de Departamento de Relações Públicas, Publicidade e Turismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MELLO, Carl Egbert Hansen Vieira de. **Apontamentos para servir à História Fluminense - Ilha Grande - Angra dos Reis**. Rio de Janeiro: Conselho Municipal de Cultura, 1987. 116 p.

MOREIRA, Jasmine Cardozo. **Geoturismo e interpretação ambiental**. Ponta Grossa: pg, 2011. 157 p.

MTUR, Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

MTUR. **Perfil do Turista de Aventura e do Ecoturista no Brasil**. Ministério do Turismo & ABETA. São Paulo: ABETA, 2010.

OLIVEIRA, Larissa Fernandes de; IRVING, Marta de Azevedo. Ecoturismo no Parque Estadual da Ilha Grande: Interpretando o turismo a partir do olhar local. **Encontro Nacional de Turismo de Base Local**, Niterói, p.878-898. 2010.

PIMENTA, Mariana Antunes; CEZAR, Lucas de Araujo. A sustentabilidade econômica e a preservação ambiental: as (im)possibilidades dos parques nacionais brasileiros. In: CORRÊA, Maria Laetitia; PIMENTA, Solange Maria; ARNDT, Jorge Renato Lacerda. **Turismo, sustentabilidade e Meio ambiente: Contradições e convergências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Cap. 8. p. 183-207.

PRADO, Rosane Manhães; CATÃO, Helena. Fronteiras de Manejo: Embates entre concepções num universo de Unidade de Conservação. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 8, n. 1, p.83-93, jan. 2010. Semestral.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Decreto nº 9.452**, de 05 de dezembro de 1982. Dispõe Sobre A Criação da Área de Proteção Ambiental de Tamoios (apa-tamoios), no Município de Angra dos Reis. Rio de Janeiro, RJ, 05 jun. 1986.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Decreto nº 15.273**, de 26 de junho de 1971. Cria O Parque Estadual da Ilha Grande. Rio de Janeiro, RJ, Disponível em: <<http://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/preservacao/parque-estadual-da-ilha-grande/>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Decreto nº 42.483** de 27 de maio de 2010. Estabelece as diretrizes para o uso público nos parques estaduais administrados pelo instituto estadual do ambiente - INEA e dá outras providências.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Projeto de Lei nº 3.058**, de 23 de junho de 2005. **Dispõe** Sobre A Ampliação, Ratificação e Consolidação do Parque Estadual da Ilha Grande, Localizado no Município de Angra dos Reis.. Rio de Janeiro, RJ, Disponível em: www.alerj.rj.gov.br. Acesso em: 20 fev. 2014.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A construção da violência: o caso da Ilha Grande. In: PRADO, Rosane Manhães. **Ilha Grande: do sambaqui ao turismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. Cap. 7. p. 191-220.

TENÓRIO, Maria Cristina. Povoamento pré-histórico da Ilha Grande. In: PRADO, Rosane Manhães. **Ilha Grande: do sambaqui ao turismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. Cap. 1. p. 19-33.

UOL VIAGEM. Disponível em: <http://viagem.uol.com.br/guia/cidade/ilha-grande.jhtm>. Acesso em 28 Abr. 2014.

VALLS, Josep-francesc. **Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 232 p.

WEARING, Stephen; NEIL, John. **Ecoturismo: Impactos, Potencialidades e Possibilidades**. Barueri: Manole, 2001. 250 p.

WUNDER, Sven. A História do uso do solo e da cobertura vegetal. In: PRADO, Rosane Manhães. **Ilha Grande: do sambaqui ao turismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. Cap. 5. p. 105-130.

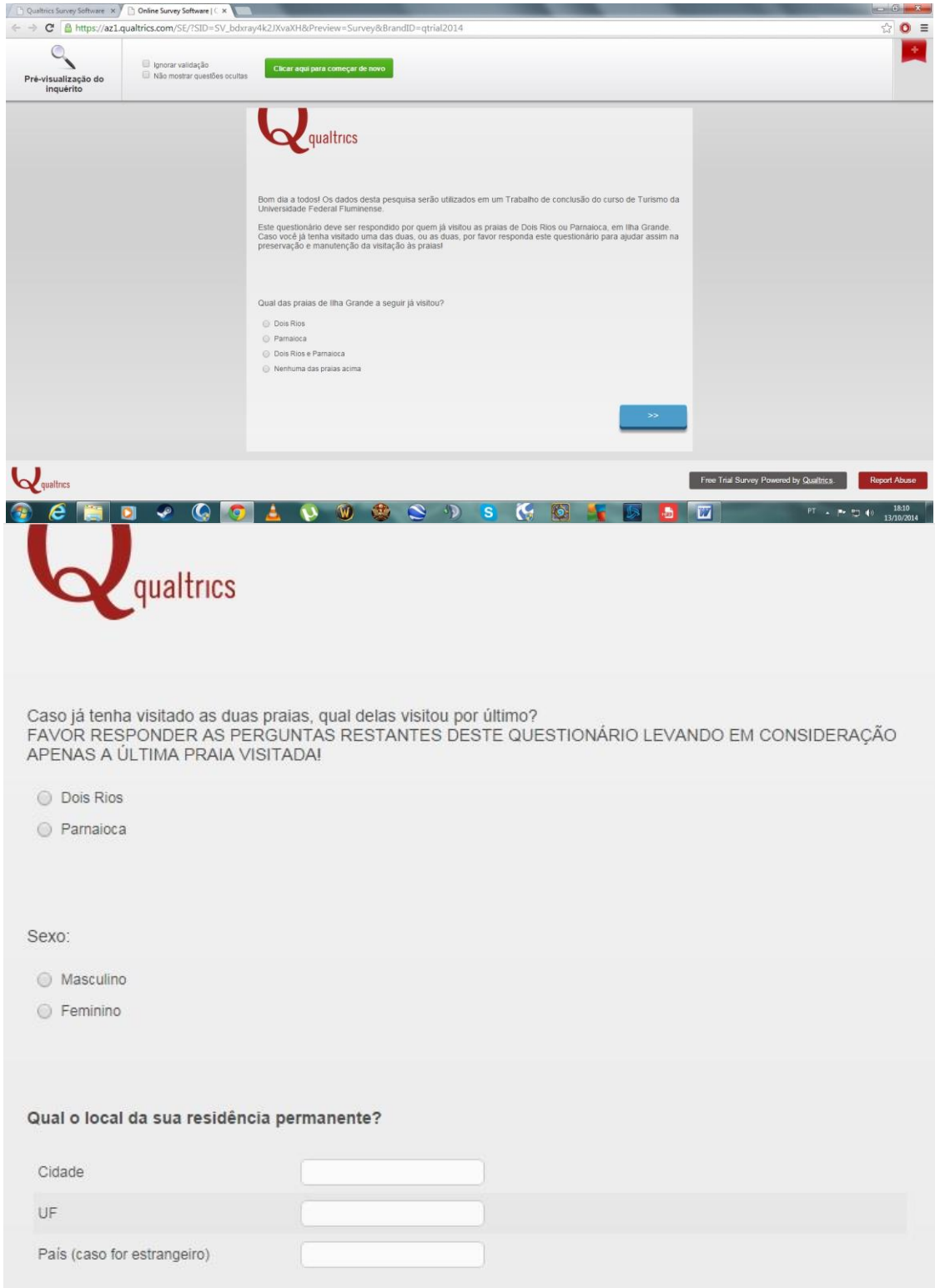
WUNDER, Sven. . Modelos de turismo, florestas e rendas locais. In: PRADO, Rosane Manhães. **Ilha Grande: do sambaqui ao turismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. Cap. 6. p. 135-192.

ZACCHI, Giancardo Philippi. Turismo ecológico e ecoturismo: Diferenças e princípios éticos. **Diálogos & Ciência: Revista Eletrônica da Faculdade de tecnologia e Ciências de feira de Santana**, Feira de Santana, n. 4, 2004. Mensal.

O SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2011.

APÊNDICES

Apêndice A – Apresentação do questionário *online* aplicado ao visitante.



Qualtrics Survey Software | Online Survey Software | https://az1.qualtrics.com/SE/SSID=SV_bdxray4k2JXvaXH&Preview=Survey&BrandID=qtrial2014

Pré-visualização do Inquérito

☐ Ignorar validação
☐ Não mostrar questões ocultas

[Clique aqui para começar de novo](#)

qualtrics

Bom dia a todos! Os dados desta pesquisa serão utilizados em um Trabalho de conclusão do curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense.

Este questionário deve ser respondido por quem já visitou as praias de Dois Rios ou Parnaíoca, em Ilha Grande. Caso você já tenha visitado uma das duas, ou as duas, por favor responda este questionário para ajudar assim na preservação e manutenção da visitação às praias!

Qual das praias de Ilha Grande a seguir já visitou?

☐ Dois Rios
☐ Parnaíoca
☐ Dois Rios e Parnaíoca
☐ Nenhuma das praias acima

[>>](#)

qualtrics

Free Trial Survey Powered by Qualtrics | [Report Abuse](#)

qualtrics

Caso já tenha visitado as duas praias, qual delas visitou por último?
FAVOR RESPONDER AS PERGUNTAS RESTANTES DESTE QUESTIONÁRIO LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO APENAS A ÚLTIMA PRAIA VISITADA!

☐ Dois Rios
☐ Parnaíoca

Sexo:

☐ Masculino
☐ Feminino

Qual o local da sua residência permanente?

Cidade

UF

País (caso for estrangeiro)

Apêndice B – Divulgação *online* do questionário.



Gabriela Sousa

14 de março · 🌐

Pessoal que puder ajudar meu colega da faculdade, eu agradeço. É muito importante estudo em áreas turísticas, especialmente em áreas naturais protegidas.

"Gostaria de pedir a colaboração de todos aqui que já visitaram a Ilha Grande, mais especificamente as praias de Dois Rios e Parnaíoca, para responderem ao breve questionário a seguir.

Além de contribuírem na elaboração do meu TCC, os resultados poderão auxiliar na gestão e manutenção da visitação das praias.

https://qtrial.qualtrics.com/SE/?SID=SV_bdxray4k2JXvaXH

Grato!

Rodrigo Carrarini"

Descurtir · Comentar · Compartilhar

👍 Você, Bruno Rubinato e outras 5 pessoas curtiram isso.

💬 Ver mais 5 comentários



Flora Bittencourt Feito, Gabi! Boa sorte para o Rodrigo!

24 de março às 14:31 · Descurtir · 👍 1



Camila de Melo Agora agora não posso responder. Mas não me deixe esquecer!!! Já fui a Dois Rios!

24 de março às 14:40 · Descurtir · 👍 1



Érica Afonso Respondido 😊 !!

Ver tradução

24 de março às 16:34 · Descurtir · 👍 1



Natalia Secco hecho

Ver tradução

24 de março às 18:07 · Descurtir · 👍 1



Trilhas e Aventuras

Olá pessoal, recebemos esse email do Rodrigo Carrarini e repassamos a vocês. Quem puder responder estará ajudando o projeto.

"Gostaria de pedir a colaboração de todos aqui que já visitaram a Ilha Grande no Rio de Janeiro, mais especificamente as praias de Dois Rios e Parnaíoca, para responderem ao breve questionário a seguir.

Os resultados poderão auxiliar na gestão e manutenção da visitação das praias.

https://qtrial.qualtrics.com/SE/?SID=SV_bdxray4k2JXvaXH

Grato!"

Descurtir · Comentar · Compartilhar · 17 de março



Você, Karoliny Araújo e outras 93 pessoas curtiram isso.

Principais comentários ▾



12 compartilhamentos



Escreva um comentário...



Evelin Ribeiro Respondido!

Descurtir · Responder · 👍 2 · 18 de março às 05:00



Erica Suarez Qué bella es Ilha Grande!!!!

Ver tradução

Descurtir · Responder · 👍 2 · 18 de março às 00:23



Fabio Gomes Amigos essa é pra vcs que tem conhecimento mais apurado. Niltinho Júdice por favor se possível divulgue junto ao pessoal do simplesmente Angra

Descurtir · Responder · 👍 2 · 17 de março às 21:56



Ednara Oliveira Jaqueline Borges, Veronica Battezzini

Curtir · Responder · 👍 1 · 19 de março às 23:43



Naná Cardoso Respondido!!!

Descurtir · Responder · 👍 2 · 17 de março às 22:32



Pesquisa em Ilha Grande

□ por Rodrigo_carrarini » 24 Mar 2014, 12:42

Bom dia Mochileiros!

Sou estudante de Turismo da UFF e estou fazendo uma pesquisa sobre as praias de Dois Rios e Parnaíoca na Ilha Grande, mas estou tendo muita dificuldade em conseguir respondentes apenas na minha faculdade e pelo meu facebook, pois não é muito relevante o número de pessoas nestes lugares que já visitaram alguma das praias.

Ela será usada em trabalhos de conclusão de curso e será repassada ao INEA (Instituto estadual do ambiente) e ao parque estadual da Ilha Grande, a fim de mostrar aos gestores do parque, em que as praias se inserem, a percepção do visitante sobre as praias e manter a região sempre aberta ao público, mas sem a expansão imobiliária que ocorre na Ilha.

Gostaria de pedir a colaboração de todos aqui que já visitaram a Ilha Grande, mais especificamente as praias de Dois Rios e Parnaíoca, para responderem ao breve questionário a seguir.

https://qtrial.qualtrics.com/SE/?SID=SV_bdxray4k2JXvaXH

Agradeceria muito aos respondentes, e a Ilha Grande também. Desculpe o incômodo. Abraços!



Rodrigo_carrarini

Mensagens: 4
Desde: 25 Mai 2013, 17:18

Apêndice C – Documento que permite a realização de pesquisas em UC.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DO AMBIENTE – SEA
INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE - INEA

AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA INEA Nº 013/2014

AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA CIENTÍFICA
EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

O Diretor de Biodiversidade e Áreas Protegidas do Instituto Estadual do Ambiente – INEA, no uso de suas atribuições legais, considerando a Portaria IEF/RJ/PR nº 227 de 18/12/2007 e considerando, ainda, o que consta no procedimento administrativo E-07/002.3418/2014, **AUTORIZA** o pesquisador **RODRIGO CARRARINI DOS SANTOS PEREIRA**, vinculado a Universidade Federal Fluminense – UFF a obter dados no Parque Estadual da Ilha Grande - PEIG com vistas à execução do projeto de pesquisa **“Atividade Turística nas praias de Dois Rios e Parnaíoca, no Parque Estadual da Ilha Grande em Angra dos Reis/RJ: A visão do morador e do turista”**, devendo ser observadas as condições discriminadas no verso deste documento e ainda aquelas previstas na Portaria supracitada.

A presente autorização tem validade de **09 (nove) meses** a partir da data de sua assinatura.

Rio de Janeiro, 09 de Abril de 2014.



Guido Gelli
Diretor de Biodiversidade e Áreas Protegidas



inea instituto estadual
do ambiente



Avenida Venezuela, 110 – Saúde – Rio de Janeiro - RJ-CEP: 20081-312 – Tel: 2332-4640
www.inea.gov.br

Condicionantes desta autorização:

- 1 - O pesquisador deverá entrar em contato com a administração da UC para agendar as atividades de campo e conhecer as normas de uso da unidade, pelo telefone: (24) 3361 5540; e/ou pelo e-mail: pesquisa.peig@gmail.com
- 2 - O pesquisador deverá apresentar ao INEA uma cópia impressa e outra digital de cada relatório semestral da atividade de pesquisa, bem como do relatório final, das publicações e de qualquer outro material produzido relativo ao trabalho de pesquisa na referida unidade de conservação, conforme disposto na Portaria IEF/RJ/PR 227/2007.
- 3 - O pesquisador deverá citar o nome da unidade de conservação estudada nos produtos decorrentes deste trabalho.
- 4 - O pesquisador deverá fazer uma apresentação anual sobre sua pesquisa ao Conselho Gestor da unidade em que estiver trabalhando, enquanto ela durar.
- 5 - O pesquisador deverá dar entrada no pedido de renovação da Autorização de Pesquisa 30 (trinta) dias antes de seu término, caso necessite dar continuidade à mesma.
- 6 - Fica o pesquisador comprometido a apresentar a Autorização de Pesquisa, acompanhada do documento de identificação oficial com foto dos membros da equipe presentes, quando estiver em trabalho de campo dentro da unidade de conservação e for solicitada por servidor do INEA.
- 7 - Fica o pesquisador comprometido a executar exclusivamente o que foi previsto no projeto de pesquisa aprovado pelo INEA, e a comunicar qualquer alteração do projeto antes de sua execução, devidamente justificada, para prévia aprovação.
- 8 - A inobservância das determinações relacionadas, bem como qualquer intervenção não autorizada na unidade de conservação em questão, implicará na suspensão total ou parcial da referida Autorização, e na aplicação de sanções administrativas previstas na Lei 3.467/2000 e na Lei 9.605/1998.

Apêndice D – Formulário aplicado aos visitantes em campo.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF					Faculdade de Turismo e Hotelaria																																																																																																																
Praias de Dois Rios e Parnaíoca / Pesquisa Sobre o Perfil dos Visitantes – Abril/2014																																																																																																																					
1b. Data: / Local de coleta: 1a. Já visitou as duas praias pesquisadas? ☐ Somente Dois Rios ☐ Somente Parnaíoca ☐ As duas 2. Sexo: ☐ Masc. ☐ Fem. 3. Qual o local da sua residência permanente? Cidade _____ UF _____ País _____ 4. Estado Civil: ☐ solteiro ☐ casado ☐ viúvo ☐ divorciado 5. Faixa etária: ☐ 14 a 17 anos ☐ 18 a 25 anos ☐ 26 a 34 anos ☐ 35 a 50 anos ☐ 51 a 65 anos ☐ acima de 65 anos 6. Escolaridade: ☐ Ensino Fundamental ☐ completo ☐ Ensino médio ☐ incompleto ☐ Nível superior ☐ Pós Graduação ☐ Sem escolaridade 7. Ocupação principal: _____ 8. Renda familiar / pessoal mensal ☐ / () até R\$ 724 (1 sal. min.) ☐ / () de R\$ 725 a R\$ 1.448 (1 a 2 sal. min.) ☐ / () de R\$ 1.449 a R\$ 3.620 (2 a 5 sal. min.) ☐ / () de R\$ 3.621 a R\$ 7.240 (5 a 10 sal. min.) ☐ / () Acima de R\$ 7.241 (+10 sal. min.) ☐ / () Sem renda ☐ / () N quero responder 9. Está hospedado temporariamente em algum lugar? ☐ Abrãao() Parnaíoca() Dois Rios() Não () Outro: _____ 10. Caso "sim" na questão 9, qual meio de hospedagem utiliza?: ☐ Camping () Albergue () Pousada () Casa de Amigos/parentes () Casa alugada () Outro: _____ 11. Você está visitando a(s) praia(s): ☐ Sozinho ☐ Em grupo ☐ Com família 12. Se em grupo ou família, quantas pessoas (incluindo o pesquisado): _____ 13. Você sabe que está em uma Área Natural Protegida? Caso sim, sabe o nome desta área? ☐ Sim, mas não sei o nome ☐ Não Sabia () PEIG ☐ Parque Estadual da Ilha Grande () Outro: _____ 14. Com que frequência visita a praia? ☐ 1ª Vez () 2ª Vez () 3ª Vez () 4ª Vez () 5 ou mais vezes 15. Tem o hábito de frequentar outras áreas naturais protegidas? ☐ Sim ☐ Não 16. Qual tempo de permanência na praia e atrativos locais durante a visita? ☐ até 2 hrs () de 2 a 4 hrs () mais de 6 hrs () Não sei dizer 17. Qual tempo de permanência na Ilha? _____ 18. Como ficou sabendo da Praia? ☐ Amigos / Parentes ☐ Agência de Turismo ☐ Sites da Internet ☐ Redes sociais ☐ Jornal / Revista ☐ Universidade/Escola ☐ Televisão ☐ Sou morador da Ilha ☐ Outro. Qual? ☐ Meio de hospedagem 19. Meio de transporte utilizado para chegar à Praia: ☐ embarcação ☐ bicicleta ☐ a pé () outro _____ 20. Qual principal motivo da sua visita ao local? ☐ Contato c/ natureza ☐ Conhecer a Praia ☐ Conhecer o Ecomuseu ☐ Conhecer a Capela/Ruínas ☐ Conhecer as ruínas do presídio ☐ Praticar esporte/caminhar() Outro. _____ 21. Como você avalia essa praia? ☐ A mais bonita que já visitei () Está entre as 3 mais bonitas que já visitei () Indiferente, igual a todas as praias () Está entre uma das menos bonitas que já visitei 22. Já visitou outras praias da Ilha Grande? () Sim () Não 23. Em caso positivo. Quais? _____ 24. Avalie os itens abaixo (uma opção por linha): <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th></th> <th>Ótimo</th> <th>Bom</th> <th>Ruim</th> <th>Péssimo</th> <th>Não Sabe</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Acesso à Praia visitada</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Sinalização na trilha</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Segurança na trilha</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Segurança na praia</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Limpeza na Praia</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Ecomuseu</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>						Ótimo	Bom	Ruim	Péssimo	Não Sabe	Acesso à Praia visitada						Sinalização na trilha						Segurança na trilha						Segurança na praia						Limpeza na Praia						Ecomuseu						<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td>Ruínas do presídio</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Capela / Ruínas de Parnaíoca</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table> 25. Pretende retornar à praia visitada? () Sim () Não 26. Indicaria a visita para outras pessoas? () Sim () Não 27. Selecione uma opção por linha, de acordo com sua opinião: <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th></th> <th>Concordo totalmente</th> <th>Concordo Parcialmente</th> <th>Indiferente</th> <th>Discordo Parcialmente</th> <th>Discordo Totalmente</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>A ausência de transportes de massa ajuda a preservar a praia.</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Deve ser permitida a prática de camping em Dois Rios assim como em Parnaíoca</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>A dificuldade da trilha pode ser uma forma de selecionar o tipo de visitante, ajudando para preservação da praia e da trilha.</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>A ausência de meios de hospedagem em Dois Rios ajuda na preservação da praia.</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>A existência de apenas Camping em Parnaíoca ajuda a selecionar o tipo de visitante, contribuindo para a preservação da praia e da trilha</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>A presença da unidade de pesquisa da UERJ em Dois Rios contribui para a preservação da praia.</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>O "Ecoturista" é um tipo de turista com maior conscientização ambiental.</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Deve ser mantida a proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios.</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table> 28. Se tivesse que dar uma nota de zero a dez, qual seria a nota da Praia? R: _____					Ruínas do presídio						Capela / Ruínas de Parnaíoca							Concordo totalmente	Concordo Parcialmente	Indiferente	Discordo Parcialmente	Discordo Totalmente	A ausência de transportes de massa ajuda a preservar a praia.						Deve ser permitida a prática de camping em Dois Rios assim como em Parnaíoca						A dificuldade da trilha pode ser uma forma de selecionar o tipo de visitante, ajudando para preservação da praia e da trilha.						A ausência de meios de hospedagem em Dois Rios ajuda na preservação da praia.						A existência de apenas Camping em Parnaíoca ajuda a selecionar o tipo de visitante, contribuindo para a preservação da praia e da trilha						A presença da unidade de pesquisa da UERJ em Dois Rios contribui para a preservação da praia.						O "Ecoturista" é um tipo de turista com maior conscientização ambiental.						Deve ser mantida a proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios.					
	Ótimo	Bom	Ruim	Péssimo	Não Sabe																																																																																																																
Acesso à Praia visitada																																																																																																																					
Sinalização na trilha																																																																																																																					
Segurança na trilha																																																																																																																					
Segurança na praia																																																																																																																					
Limpeza na Praia																																																																																																																					
Ecomuseu																																																																																																																					
Ruínas do presídio																																																																																																																					
Capela / Ruínas de Parnaíoca																																																																																																																					
	Concordo totalmente	Concordo Parcialmente	Indiferente	Discordo Parcialmente	Discordo Totalmente																																																																																																																
A ausência de transportes de massa ajuda a preservar a praia.																																																																																																																					
Deve ser permitida a prática de camping em Dois Rios assim como em Parnaíoca																																																																																																																					
A dificuldade da trilha pode ser uma forma de selecionar o tipo de visitante, ajudando para preservação da praia e da trilha.																																																																																																																					
A ausência de meios de hospedagem em Dois Rios ajuda na preservação da praia.																																																																																																																					
A existência de apenas Camping em Parnaíoca ajuda a selecionar o tipo de visitante, contribuindo para a preservação da praia e da trilha																																																																																																																					
A presença da unidade de pesquisa da UERJ em Dois Rios contribui para a preservação da praia.																																																																																																																					
O "Ecoturista" é um tipo de turista com maior conscientização ambiental.																																																																																																																					
Deve ser mantida a proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios.																																																																																																																					

Apêndice E – Formulário aplicado aos moradores.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF **Faculdade de Turismo e Hotelaria**
Praias de Dois Rios e Parnaíoca / Pesquisa sobre percepção do morador – Junho/2014

- 1b. Data: / Local de coleta:
- 1a. Local de residência: () Dois Rios () Parnaíoca
2. Sexo: () Masc. () Fem.
3. Quantas pessoas moram em seu local de residência? (inclusive) _____
4. Estado Civil: () solteiro () casado () viúvo () divorciado
5. Faixa etária:
- () 14 a 17 anos () 18 a 25 anos () 26 a 34 anos () 35 a 50 anos () 51 a 65 anos () acima de 65 anos
6. Escolaridade:
- () Ensino Fundamental () completo () Ensino médio () incompleto () Nível superior
- () Pós Graduação () Sem escolaridade
7. Ocupação principal: _____
8. Renda familiar
- () até R\$ 724 (1 sal. Min.) () de R\$ 725 a R\$ 1.448 (1 a 2 sal. min.)
- () de R\$ 1.449 a R\$ 3.620 (2 a 5 sal. Min.) () de R\$ 3.621 a R\$ 7.240 (5 a 10 sal. min.)
- () Acima de R\$ 7.241 (+10 sal. Min.) () Sem renda () N quero responder
9. Tempo de residência no local:
- () Menos de 3 anos () Entre 3 e 5 anos () Entre 5 e 10 anos () Mais de 10 anos () Nascido no local
10. A quantidade de turistas que visitam a praia varia durante os meses do ano, é:

	Ja	Fe	Ma	Ab	Mai	Ju	Jul	Ag	Se	Ou	No	De
Alta												
Média												
Baixa												
Inexistente												
Não respondeu												

11. Você percebe que a maior quantidade de turistas são os de origem: () Nacional () Estrangeira () Não soube responder

12. Avalie os itens abaixo (uma opção por linha):

	Ótimo	Bom	Ruim	Péssimo	Não Sabe
Acesso à Praia visitada					
Sinalização na trilha					
Segurança na trilha					
Segurança na praia					
Limpeza na Praia					
Ecomuseu / Ruínas do presídio					
Capela / Ruínas de Parnaíoca					

13. Selecione uma opção por linha, de acordo com sua opinião:

	Concordo Totalmente	Concordo Parcialmente	Indiferente	Discordo Parcialmente	Discordo Totalmente	Não sei avaliar	Não respondeu
O Turismo provoca desmatamento.							
A ausência de meios de hospedagem em Dois Rios ajuda na preservação da praia.							
O "Ecoturista" é um tipo de turista com maior conscientização ambiental.							
O Turismo traz segurança ao local.							
O Turismo proporciona acúmulo de lixo na praia e trilha							
Deve ser mantida a proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios.							
O uso de drogas pelos turistas incomodam os moradores.							
O Turismo traz qualidade de vida ao local.							
O barulho causado pelo turista atrapalha o morador							
O Turismo ajuda a preservar e valorizar o local							
A quantidade de turistas é uma ameaça ao local							
Deve ser permitida a prática de camping em Dois Rios assim como em Parnaíoca							
A presença da unidade de pesquisa da UERJ em Dois Rios contribui para a preservação da praia							
A ausência de transportes de massa ajuda a preservar a praia.							
O Turismo traz poluição sonora ao local							
A dificuldade da trilha pode ser uma forma de selecionar o tipo de visitante, ajudando para a preservação da praia e da trilha.							
O Turismo está modificando a paisagem (natural ou construída) do local.							
A existência de apenas Camping em Parnaíoca ajuda a selecionar o tipo de visitante, contribuindo para a preservação da praia e da trilha							
A quantidade de turistas aumentando, pode trazer malefícios à região.							
O Turismo traz benefícios econômicos ao local.							
O Turismo é positivo para a região							

14. Se tivesse que dar uma nota de um a dez, qual seria a nota da Praia? R: _____

Apêndice F – Tabulação dos dados com visitantes.

1.1 PRAIAS QUE JÁ VISITOU

Praia	Valor Absoluto	Valor Relativo
Dois Rios	38	63,33
Parnaioca	6	10,00
Dois Rios e Parnaioca	16	26,67
TOTAL	60	100,00

1.2 CASO REALIZOU A VISITA ÀS DUAS PRAIAS, QUAL VISITOU POR ÚLTIMO

Praia	Valor Absoluto	Valor Relativo
Dois Rios	8	50,00
Parnaioca	8	50,00
TOTAL	16	100,00

1 LOCAL DE COLETA DA PESQUISA

Praia	Valor Absoluto	Valor Relativo
Dois Rios	46	76,67
Parnaioca	14	23,33
TOTAL	60	100,00

2 GÊNERO DOS ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Masculino	31	51,67
Feminino	29	48,33
TOTAL	60	100,00

3.1 VISITANTES: LOCAL DE RESIDÊNCIA POR MUNICÍPIO

Cidade	Valor Absoluto	Valor Relativo
Rio de Janeiro	38	63,33
São Paulo	5	8,33
Niterói	4	6,67
São Gonçalo	3	5,00
Outros Municípios	10	16,67
TOTAL	60	100,00

3.2 VISITANTES: LOCAL DE RESIDÊNCIA POR ESTADO

UF	Valor Absoluto	Valor Relativo
RJ	45	75,00
SP	5	8,33
RS	3	5,00
BA	1	1,67
ES	1	1,67
PA	1	1,67
Exterior	4	6,67
TOTAL	60	100,00

3.3 VISITANTES: LOCAL DE RESIDÊNCIA POR PAÍS

País	Valor Absoluto	Valor Relativo
Brasil	56	93,33
EUA	1	1,67
México	1	1,67
Inglaterra	1	1,67
França	1	1,67
TOTAL	60	100,00

4 ESTADO CIVIL DOS ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Solteiro(a)	45	75,00
Casado(a)	14	23,33
Viúvo(a)	1	1,67
TOTAL	60	100,00

5 FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
14 a 17	1	1,67
18 a 25	35	58,33
26 a 34	14	23,33
35 a 50	5	8,33
51 a 65	4	6,67
Acima de 65	1	1,67
TOTAL	60	100,00

6 NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Ensino Médio Completo	5	8,33
Ensino Médio Incompleto	2	3,33
Nível Superior Completo	17	28,33
Nível Superior Incompleto	29	48,33
Pós Graduação	7	11,67
TOTAL	60	100,00

7 OCUPAÇÃO PRINCIPAL DOS ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Estudante	28	46,67
Professor	3	5,00
Consultor	3	5,00
Analista de Sistemas	2	3,33
Agente de Viagens	1	1,67
Aposentado	1	1,67
Auxiliar Contábil	1	1,67
Auxiliar Administrativo	1	1,67
Bancária	1	1,67
Engenheiro	1	1,67
Desenhista	1	1,67
Doméstica	1	1,67
Jornalista	1	1,67
Médico	1	1,67
Militar	1	1,67
Motorista	1	1,67
Pesquisador	1	1,67
Segurança	1	1,67
Supervisor de Elétrica	1	1,67
Técnico informática	1	1,67
Turismólogo	1	1,67
Vendedora	1	1,67
Não respondeu	6	10,00
TOTAL	60	100,00

8.1 RENDA PESSOAL MENSAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Até 1 salário mínimo	14	23,33
1 a 2 salários mínimos	10	16,67
2 a 5 salários mínimos	10	16,67
5 a 10 salários mínimos	11	18,33

Mais de 10 salários mínimos	2	3,33
Sem renda	8	13,33
Não respondeu	5	8,33
TOTAL	60	100,00

8.2 RENDA FAMILIAR MENSAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
1 a 2 salários mínimos	3	5,00
2 a 5 salários mínimos	11	18,33
5 a 10 salários mínimos	24	40,00
Mais de 10 salários mínimos	12	20,00
Não respondeu	10	16,67
TOTAL	60	100,00

9 LOCAL DE HOSPEDAGEM DURANTE VISITA

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Abraão	37	61,67
Dois Rios	9	15,00
Parnaioca	8	13,33
Aventureiro	2	3,33
Palmas	1	1,67
Bananal	1	1,67
Não estava hospedado	2	3,33
TOTAL	60	100,00

10 TIPO DE HOSPEDAGEM DURANTE VISITA

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Pousada	22	36,67
Camping	21	35,00
Albergue	5	8,33
Casa de amigos/parentes	1	1,67
Outro (Alojamento CEADS)	9	15,00
Não estava hospedado	2	3,33
TOTAL	60	100,00

11 MODO COMO ESTÁ REALIZANDO A VISITA

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Em grupo	45	75,00
Em família	10	16,67
Sozinho(a)	5	8,33
TOTAL	60	100,00

12 QUANTAS PESSOAS NO GRUPO OU FAMÍLIA

	Valor Absoluto	Valor Relativo
2 pessoas	19	34,55
3 pessoas	6	10,91
4 pessoas	7	12,73
5 pessoas	1	1,82
6 a 10 pessoas	6	10,91
11 a 20 pessoas	8	14,55
21 a 35 pessoas	4	7,27
36 a 50 pessoas	3	5,45
Não respondeu	1	1,82
TOTAL	55	100,00

13.1 SABE QUE ESTÁ EM UMA ÁREA PROTEGIDA?

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim, mas não sei o nome	42	70,00
Sim, e sei o nome	13	21,67
Não	5	8,33
TOTAL	60	100,00

13.2 CASO SAIBA O NOME, QUAL É?

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Parque Estadual da Ilha Grande	8	61,54
Parque Nacional da Ilha Grande	3	23,08
INEA	1	7,69
Reserva Biológica	1	7,69
TOTAL	13	100,00

14 FREQUÊNCIA DE VISITA AO LOCAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
1º vez	33	55,00
2ª vez	9	15,00
3ª vez	5	8,33
4ª vez	6	10,00
5 ou mais vezes	7	11,67
TOTAL	60	100,00

15 TEM HÁBITO DE FREQUENTAR OUTRAS ÁREAS PROTEGIDAS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	41	68,33
Não	19	31,67
TOTAL	60	100,00

16 TEMPO DE PERMANÊNCIA NO LOCAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
até 2 horas	9	15,00
de 2 a 4 horas	26	43,33
de 4 a 6 horas	7	11,67
mais de 6 horas	18	30,00
TOTAL	60	100,00

17 TEMPO DE PERMANÊNCIA NA ILHA

	Valor Absoluto	Valor Relativo
1 dia	1	1,67
2 dias	4	6,67
3 dias	10	16,67
de 4 a 7 dias	41	68,33
mais de 7 dias	3	5,00
Não respondeu	1	1,67
TOTAL	60	100,00

18 MEIO PELO QUAL TOMOU CONHECIMENTO DO LOCAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Amigos / Parentes	25	41,67
Universidade/Escola	15	25,00
Site da Internet	7	11,67
No meio de hospedagem	7	11,67
Agência de Turismo	2	3,33
Sou morador da Ilha	1	1,67
Jornal / Revista	1	1,67
Outro	2	3,33
TOTAL	60	100,00

19 MEIO DE TRANSPORTE UTILIZADO PARA CHEGAR AO LOCAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
A pé	44	73,33
Embarcação	11	18,33
Ônibus	5	8,33
TOTAL	60	100,00

20 PRINCIPAL MOTIVO DA VISITA AO LOCAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Contato com a Natureza	25	41,67
Conhecer a Praia	20	33,33
Conhecer as Ruínas do Presídio	3	5,00
Praticar esporte/caminhar	2	3,33
Outro (Trabalho de Campo)	10	16,67
TOTAL	60	100,00

21 AVALIAÇÃO DA PRAIA VISITADA

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Está entre as 3 mais bonitas que já visitei	35	58,33
A mais bonita que já visitei	9	15,00
Indiferente, igual a todas as praias	9	15,00
Está entre uma das menos bonitas que já visitei	7	11,67
TOTAL	60	100,00

22 JÁ VISITOU OUTRAS PRAIAS DA ILHA?

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	52	86,67
Não	8	13,33
TOTAL	60	100,00

23 QUANTAS VISITOU ALÉM DA PESQUISADA

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Até 2	13	25,00
De 2 a 5	6	11,54
Mais de 5	27	51,92
Não respondeu	6	11,54
TOTAL	52	100,00

24 AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA DO LOCAL

	Acesso à praia		Sinalização na trilha	
	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
Ótimo	9	15,00	6	10,00
Bom	33	55,00	18	30,00
Ruim	11	18,33	19	31,67
Péssimo	5	8,33	9	15,00
Não Sabe	2	3,33	8	13,33
TOTAL	60	100,00	60	100,00

Segurança na trilha		Segurança na praia		Limpeza na praia	
Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
5	8,33	10	16,67	23	38,33
25	41,67	34	56,67	28	46,67
15	25,00	11	18,33	7	11,67
6	10,00	4	6,67	2	3,33
9	15,00	1	1,67	0	0,00
60	100,00	60	100,00	60	100,00

Ecomuseu em Dois Rios		Ruínas do presídio		Capela e Ruínas de Parnaioca	
Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
8	13,33	6	10,00	3	5,00
20	33,33	22	36,67	15	25,00
2	3,33	7	11,67	1	1,67
0	0,00	1	1,67	0	0,00
30	50,00	9	15,00	41	68,33
60	100,00	45	75,00	60	100,00

25 RETORNARIA AO LOCAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	57	95,00
Não	3	5,00
TOTAL	60	100,00

26 INDICARIA A VISITA AO LOCAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sim	58	96,67
Não	2	3,33
TOTAL	60	100,00

27.1 A ausência de transportes de massa ajuda a preservar a praia.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	48	80,00
Concordo Parcialmente	12	20,00
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	0	0,00
TOTAL	60	100,00

27.2 Deve ser permitida a prática de camping em Dois Rios assim como em Parnaíoca.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	3	5,00
Concordo Parcialmente	19	31,67
Indiferente	3	5,00
Discordo Parcialmente	15	25,00
Discordo Totalmente	20	33,33
TOTAL	60	100,00

27.3 A dificuldade da trilha pode ser uma forma de selecionar o tipo de visitante, ajudando na preservação da praia e da trilha.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	28	46,67
Concordo Parcialmente	25	41,67
Indiferente	3	5,00
Discordo Parcialmente	3	5,00
Discordo Totalmente	1	1,67
TOTAL	60	100,00

27.4 A ausência de meios de hospedagem em Dois Rios ajuda na preservação da praia.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	37	61,67
Concordo Parcialmente	19	31,67
Indiferente	2	3,33
Discordo Parcialmente	2	3,33
Discordo Totalmente	0	0,00
TOTAL	60	100,00

27.5 A existência de apenas Camping em Parnaíoca ajuda a selecionar o tipo de visitante, contribuindo para a preservação da praia e da trilha.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	16	26,67
Concordo Parcialmente	18	30,00
Indiferente	11	18,33
Discordo Parcialmente	13	21,67
Discordo Totalmente	2	3,33
TOTAL	60	100,00

27.6 A presença da unidade de pesquisa da UERJ em Dois Rios contribui para a preservação da praia.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	34	56,67
Concordo Parcialmente	19	31,67
Indiferente	7	11,67
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	0	0,00
TOTAL	60	100,00

27.7 O “Ecoturista” é um tipo de turista com maior conscientização ambiental.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	26	43,33
Concordo Parcialmente	30	50,00
Indiferente	2	3,33
Discordo Parcialmente	1	1,67
Discordo Totalmente	1	1,67
TOTAL	60	100,00

27.8 Deve ser mantida a proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	35	58,33
Concordo Parcialmente	15	25,00
Indiferente	2	3,33
Discordo Parcialmente	6	10,00
Discordo Totalmente	2	3,33
TOTAL	60	100,00

28 NOTA ATRIBUÍDA AO LOCAL PELO VISITANTE

	Valor Absoluto	Valor Relativo
10	28	46,67
de 9 a 9,9	13	21,67
de 8 a 8,9	13	21,67
de 7 a 7,9	4	6,67
de 6 a 6,9	2	3,33
Abaixo de 6	0	0,00
TOTAL	60	100,00

Apêndice F – Tabulação dos dados com moradores

1 LOCAL DE RESIDÊNCIA

Praia	Valor Absoluto	Valor Relativo
Dois Rios	9	75,00
Parnaioca	3	25,00
TOTAL	12	100,00

2 GÊNERO DOS MORADORES ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Masculino	7	58,33
Feminino	5	41,67
TOTAL	12	100,00

3 NÚMEROS DE PESSOAS QUE MORAM COM O ENTREVISTADO, INCLUSIVE

	Valor Absoluto	Valor Relativo
7	2	16,67
4	2	16,67
2	4	33,33
Mora sozinho	4	33,33
TOTAL	12	100,00

4 ESTADO CIVIL DOS MORADORES ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Solteiro(a)	3	25,00
Casado(a)	8	66,67
Viúvo(a)	1	8,33
TOTAL	12	100,00

5 FAIXA ETÁRIA DOS MORADORES ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
14 a 17	1	8,33
26 a 34	1	8,33
35 a 50	2	16,67
51 a 65	3	25,00
Acima de 65	5	41,67
TOTAL	12	100,00

6 NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS MORADORES ENTREVISTADOS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Sem escolaridade	2	16,67
Ensino Fundamental Completo	2	16,67
Ensino Fundamental incompleto	2	16,67
Ensino Médio completo	5	41,67
Nível Superior Completo	1	8,33
TOTAL	12	100,00

7 OCUPAÇÃO PRINCIPAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Aposentado	5	41,67
Vigilante	2	16,67
Estudante	1	8,33
Doméstica	1	8,33
Vendedora	1	8,33
Turismóloga	1	8,33
Artesão	1	8,33
TOTAL	12	100,00

8 RENDA FAMILIAR MENSAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
1 a 2 salários mínimos	4	6,67
2 a 5 salários mínimos	7	11,67
Não respondeu	1	1,67
TOTAL	12	20,00

9 TEMPO DE RESIDÊNCIA NO LOCAL

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Menos de 3 anos	1	8,33
Entre 5 e 10 anos	1	8,33
Mais de 10 anos	7	58,33
Nasido no local	3	25,00
TOTAL	12	100,00

10 QUANTIDADE DE VISITANTES POR MÊS DO ANO, SEGUNDO PERCEPÇÃO DO MORADOR

	Janeiro		Fevereiro	
	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
Alta	12	100,00	12	100,00
Média	0	0,00	0	0,00
Baixa	0	0,00	0	0,00
Inexistente	0	0,00	0	0,00
TOTAL	12	100,00	12	100,00

Março		Abril		Maio		Junho	
Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
7	58,33	1	8,33	0	0,00	0	0,00
5	41,67	11	91,67	11	91,67	7	58,33
0	0,00	0	0,00	1	8,33	5	41,67
0	0,00	0	0,00	0	0,00	0	0,00
12	100,00	12	100,00	12	100,00	12	100,00

Julho		Agosto		Setembro	
Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
0	0,00	0	0,00	0	0,00
6	50,00	7	58,33	10	83,33
6	50,00	5	41,67	2	16,67
0	0,00	0	0,00	0	0,00
12	100,00	12	100,00	12	100,00

Outubro		Novembro		Dezembro	
Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
1	8,33	2	16,67	12	100,00
10	83,33	9	75,00	0	0,00
1	8,33	1	8,33	0	0,00
0	0,00	0	0,00	0	0,00
12	100,00	12	100,00	12	100,00

11 PERCEPÇÃO DO MORADOR QUANTO A ORIGEM DOS TURISTAS

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Estrangeiros	6	50,00
Nacionais	6	50,00
TOTAL	12	100,00

12 AVALIAÇÃO DA ESTRUTURA DO LOCAL SEGUNDO MORADOR

	Acesso à praia		Sinalização na trilha	
	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
Ótimo	1	8,33	0	0,00
Bom	6	50,00	4	33,33
Ruim	4	33,33	3	25,00
Péssimo	1	8,33	5	41,67
Não Sabe	0	0,00	0	0,00
TOTAL	12	100,00	12	100,00

Segurança na trilha		Segurança na praia		Limpeza na praia	
Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
0	0,00	1	8,33	0	0,00
1	8,33	5	41,67	5	41,67
6	50,00	2	16,67	4	33,33
5	41,67	4	33,33	3	25,00
0	0,00	0	0,00	0	0,00
12	100,00	12	100,00	12	100,00

Ecomuseu / ruínas do presídio		Capela e Ruínas de Parnaíoca	
Valor Absoluto	Valor Relativo	Valor Absoluto	Valor Relativo
1	8,33	4	33,33
5	41,67	4	33,33
4	33,33	0	0,00
0	0,00	0	0,00
2	16,67	4	33,33
12	100,00	12	100,00

13.1 O Turismo provoca desmatamento.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	0	0,00
Concordo Parcialmente	2	16,67
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	1	8,33
Discordo Totalmente	9	75,00
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.2 A ausência de meios de hospedagem em Dois Rios ajuda na preservação da praia.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	2	16,67
Concordo Parcialmente	2	16,67
Indiferente	1	8,33
Discordo Parcialmente	4	33,33
Discordo Totalmente	2	16,67
Não soube avaliar.	1	8,33
TOTAL	12	100,00

13.3 O “Ecoturista” é um tipo de turista com maior conscientização ambiental.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	7	58,33
Concordo Parcialmente	2	16,67
Indiferente	1	8,33
Discordo Parcialmente	1	8,33
Discordo Totalmente	0	0,00
Não soube avaliar.	1	8,33
TOTAL	12	100,00

13.4 O Turismo traz segurança ao local.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	1	8,33
Concordo Parcialmente	5	41,67
Indiferente	2	16,67
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	4	33,33
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.5 O Turismo proporciona acúmulo de lixo na praia e na trilha.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	1	8,33
Concordo Parcialmente	3	25,00
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	1	8,33
Discordo Totalmente	7	58,33
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.6 Deve ser mantida a proibição da instalação de meios de hospedagem em Dois Rios.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	6	50,00
Concordo Parcialmente	1	8,33
Indiferente	1	8,33
Discordo Parcialmente	2	16,67
Discordo Totalmente	1	8,33
Não soube avaliar.	1	8,33
TOTAL	12	100,00

13.7 O uso de drogas pelos turistas incomodam os moradores.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	3	25,00
Concordo Parcialmente	2	16,67
Indiferente	3	25,00
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	4	33,33
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.8 O Turismo traz qualidade de vida ao local.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	6	50,00
Concordo Parcialmente	5	41,67
Indiferente	1	8,33
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	0	0,00
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.9 O barulho causado pelo turista atrapalha o morador

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	0	0,00
Concordo Parcialmente	1	8,33
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	11	91,67
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.10 O Turismo ajuda a preservar e valorizar o local

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	3	25,00
Concordo Parcialmente	4	33,33
Indiferente	3	25,00
Discordo Parcialmente	1	8,33
Discordo Totalmente	1	8,33
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.11 A quantidade de turistas é uma ameaça ao local

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	4	33,33
Concordo Parcialmente	1	8,33
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	2	16,67
Discordo Totalmente	5	41,67
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.12 Deve ser permitida a prática de camping em Dois Rios assim como em Parnaíoca.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	4	33,33
Concordo Parcialmente	3	25,00
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	1	8,33
Discordo Totalmente	4	33,33
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.13 A presença da unidade de pesquisa da UERJ em Dois Rios contribui para a preservação da praia.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	8	66,67
Concordo Parcialmente	2	16,67
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	0	0,00
Não soube avaliar.	2	16,67
TOTAL	12	100,00

13.14 A ausência de transportes de massa ajuda a preservar a praia.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	8	66,67
Concordo Parcialmente	0	0,00
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	1	8,33
Discordo Totalmente	1	8,33
Não soube avaliar.	2	16,67
TOTAL	12	100,00

13.15 O Turismo traz poluição sonora ao local

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	0	0,00
Concordo Parcialmente	2	16,67
Indiferente	1	8,33
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	9	75,00
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.16 A dificuldade da trilha pode ser uma forma de seleccionar o tipo de visitante, ajudando na preservação da praia e da trilha.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	2	16,67
Concordo Parcialmente	5	41,67
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	3	25,00
Discordo Totalmente	1	8,33
Não soube avaliar.	1	8,33
TOTAL	12	100,00

13.17 O Turismo está modificando a paisagem (natural ou construída) do local.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	0	0,00
Concordo Parcialmente	1	8,33
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	11	91,67
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.19 A quantidade de turistas aumentando, pode trazer malefícios à região.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	4	33,33
Concordo Parcialmente	4	33,33
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	1	8,33
Discordo Totalmente	3	25,00
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.20 O Turismo traz benefícios econômicos ao local.

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	8	66,67
Concordo Parcialmente	4	33,33
Indiferente	0	0,00
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	0	0,00
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

13.21 O Turismo é positivo para a região

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Concordo Totalmente	11	91,67
Concordo Parcialmente	0	0,00
Indiferente	1	8,33
Discordo Parcialmente	0	0,00
Discordo Totalmente	0	0,00
Não soube avaliar.	0	0,00
TOTAL	12	100,00

14 NOTA DO MORADOR À PRAIA EM QUE VIVE PRÓXIMO

	Valor Absoluto	Valor Relativo
10,0	10	83,33
9,0	1	8,33
6,0	1	8,33
TOTAL	12	100,00